O duque Odioso

Barbara Cartland



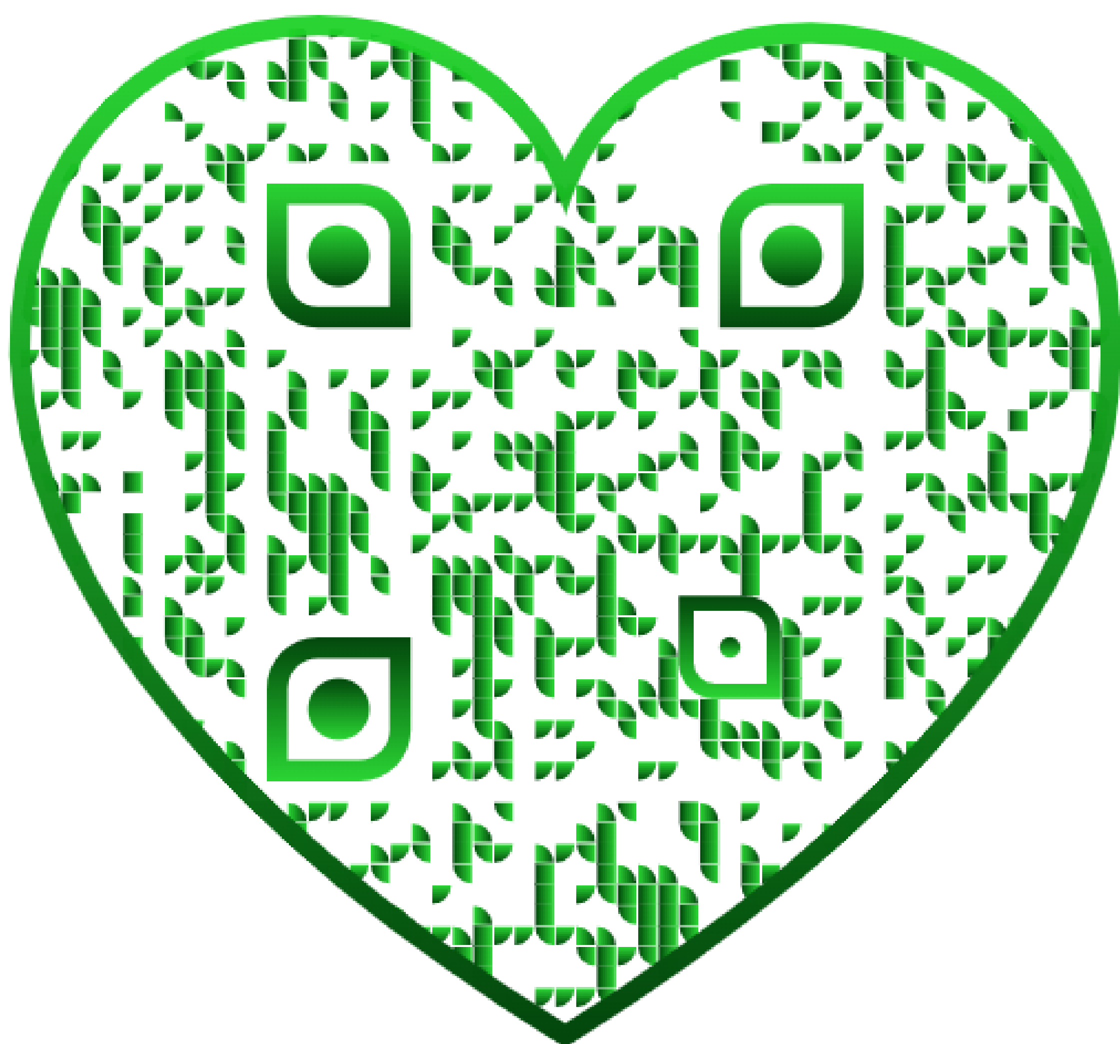
"O duque precisava se casar. Até aquele encontro casual, sua vida fora bem monótona. Ela surgiu em seu caminho, desviando-o dele. Ele procurava uma noiva, encontrou o amor".

Título original: The odious Duke

Barbara Cartaland 1973

Coleção Rebeca 5216

Digitalizado por Marianna Cárcano (Emys 25/06/2017)



Capítulo I

O Duque de Selchester conduziu a carruagem, puxada por quarto cavalos castanhos de excelente qualidade, com perícia, dobrando a esquina da Rua Alford para Park Lane.

Ele teve apenas uma pequena distância a percorrer antes de entrar na curva de cascalho que levava à imponente entrada de colunas da Casa Selchester, obrigando os animais a parar, com elegância inconfundível.

Quando fez isso, tirou o relógio do bolso do colete e exclamou:

-Batemos o recorde, Fowler; por cinco minutos e trinta e cinco segundos!

-Tinha certeza de que Sua Graça conseguiria! – replicou o palafreneiro. -Uma excelente direção, se Sua Graça permite que eu o diga!

-Obrigado, Fowler.

O Duque desceu com distinção da sua carruagem. Os criados observando-o, estavam conscientes de que ele era um Coríntio com seu casaco de montaria, a cartola sobre o cabelo escuro, as botas brilhantes, de cano alto.

Incomparável era a palavra usada pelos membros mais jovens do Clube Branco para descrevê-lo; como escravos, eles imitavam a maneira em que dava o laço nas gravatas, o talho dos casacos confeccionados para ele por Weston e as inumeráveis sutilezas individuais da moda que introduzia de tempos em tempos.

Nenhum dos seus imitadores, no entanto, podia rivalizar com o Duque na maneira como ele se portava e no modo como enfrentava uma impertinência, ou a sombra da presunção, com um simples olhar e um leve erguer das sobrancelhas.

Com mais de um metro e oitenta de altura e um porte soberbo, o Duque, quando atravessava a porta da Casa Selchester, parecia elevar-se acima da fila de criados de libré, apesar de que nenhum deles era admitido no emprego a menos que medisse um metro e oitenta.

Ele entregou a cartola a um deles, as luvas a outro, e permitiu que o mordomo, um homem idoso com o rosto semelhante ao de um arcebispo, retirasse seu casaco de montaria, de lã, que se ajustava sem uma prega sobre os ombros largos, e sobre o qual seu alfaiate perdera muitas noites de sono, antes de conseguir a perfeição exigida pelo dono.

Somente o Sr. Weston – alfaiate dos nobres – sabia que, embora o Duque parecesse completamente a vontade em suas roupas, era na verdade um cavalheiro difícil de vestir.

A culpa não era, certamente, de sua estampa, que, com a grande largura dos ombros decrescendo em direção aos quadris estreitos, era o sonho de todo alfaiate, Era mais o fato de que o Duque possuía músculos de atleta – porque Sua Graça era muito hábil em box e esgrima, além de passar muitas horas cavalgando – que tornavam difícil conseguir o efeito de langor displicente que a moda exigia.

Agora o Duque, embora tivesse guiado a uma velocidade excessiva durante quase três horas, não estava fatigado. Com ar satisfeito caminhou ligeiro, em direção ao jardim de inverno, pelo hall de mármore, com os grandes retratos da família e a mobília marchetada francesa, comprada por seu avô por uma

ninharia durante a Revolução Francesa.

Dois lacaios, vestindo a libré de Selchester, azul e amarela, abriram portas duplas de mogno e Sua Graça atravessou-as, entrando em uma sala deliciosa que ocupava toda a largura da casa.

Possuía não menos que cinco janelas, abrindo-se para o grande jardim que ficava atrás da enorme casa de pedra cinzenta, adornada por torreões construídos pelo avô do Duque.

O jardim, banhado pelo sol primaveril, era ornamentado com narcisos. Os caminhos, como o terraço lajeado, eram ladeados por jacintos e tulipas, que sendo da mesma altura e tamanho, davam a impressão, por sua uniformidade, de serem soldados em desfile.

Alguns anos antes, quando da Regência, o Rei provocara o Duque chamando-o de *Sua mais Nobre Perfeição*, e a brincadeira se tornara um fato, mais do que uma pilhéria.

Quase inconscientemente, o Duque começara a esperar que tudo fosse perfeito à sua volta, e assim, todos em sua casa empenhavam-se para servi-lo o melhor possível, além de tentarem realizar milagres porque era isso que o Duque esperava deles.

Sua Graça agora pensava e tinha certeza de que seus cavalos podiam bater o recorde de Epsom a Londres, estabelecido por Lorde Fletcher – um cavaleiro notável – há três anos atrás.

Pretendia revelar ao Clube Quatro Cavalos a sua conquista, sabendo que isso enfureceria muitos de seus contemporâneos, que tinham tentado alcançar um novo recorde várias vezes e haviam falhado.

O Duque sentou-se à sua escrivaninha olhando para a grande pilha de convites, colocados ali por seu secretário, e várias cartas fechadas, nas quais a letra ou o suave perfume deixava perceber que eram de natureza íntima.

O Duque olhou-as sem qualquer interesse particular. Depois, com ar entediado, apanhou uma delas e um abridor de cartas enfeitado com esmeraldas, com o formato de um punhal, quando o seu secretário, Sr. Graystone, entrou na sala, inclinando-se respeitosamente.

Era um homem grisalho, de meia idade, e a direção das propriedades de Sua Graça encontravam-se em suas mãos. Entre elas, destacavam-se o Castelo de Selchester em Kent, a Casa Selchester em Londres, um pavilhão de caça em Leicestershire, e uma enorme mansão em Nothumberland.

A contratação de pessoal, o pagamento de salários estavam sob sua jurisdição. Ele contava também, com os serviços de advogados e contadores, mordomos e secretários subordinados para ajuda-lo, mas era sua mão que mantinha em andamento todo o complicado estado Ducal.

E no entanto, o Sr. Graystone sempre se aproximava do Duque com humildade serviçal, uma atitude louvável, que o Duque aceitava sem perguntas.

-Boa noite, Graystone – disse o Duque. -Tem alguma coisa de importante para me dizer?
E por favor, não me aborreça com problemas do campo porque não estou com disposição para isso agora.

-Compreendo, Sua Graça. Não há problemas. Vim apenas informa-lo de que

todos os preparativos foram feitos para sua partida amanhã. Os cavalos foram mandados na frente, e os três anfitriões demonstraram sua alegria em serem honrados pela presença de Sua Graça.
Não especifiquei, entretanto, propositadamente, a hora de sua chegada em cada casa.

-Ótimo! – aprovou o Duque. -Não gosto de ser coagido!

-Há mais alguma coisa que Sua Graça deseje?

-Não, obrigado, Graystone. Estou grato por sua atenção.

A amável palavra pareceu diminuir a expressão preocupada dos olhos de Graystone.

-Sua Graça é muito amável – disse ele e, inclinando-se, deixou a sala.

O Duque permaneceu sentado por um momento, o abridor de cartas numa das mãos, a carta na outra. De repente, atirou ambos na escrivaninha, levantou-se e dirigiu-se devagar ao andar de cima para trocar de roupa para o jantar.

Havia dois criados de quarto à sua espera – um homem idoso que servira seu pai tendo conhecido o Duque em criança, e um homem mais jovem que trabalhava para o duque há dez anos.

Eles tiraram as botas do Duque, ajudaram-no a despir-se, e quando ele tomara seu banho, em frente à lareira no dormitório, envolveram-no em uma toalha turca perfumada com lavanda, com a qual ele se enxugou.

O Duque aceitava esse ritual familiar com naturalidade. Auxiliaram-no a vestir as calças justas, e o criado mais velho fez a barba com mão hábil, que nunca tremia. Uma camisa de linho, passada e pregueada pelas mulheres de sua lavanderia do campo, foi abotoada através de seu peito musculoso pelo criado mais novo.

Em seguida, os três homens consideraram a séria questão de qual gravata o Duque deveria usar, a fim de manter erguidas as pontas de seu colarinho engomado.

-Sua Majestade aprecia muito o traje a rigor, Sua Graça – lembrou o criado velho.

-E faz uma embrulhada danada por isso! – retrucou o Duque. -O pescoço do Rei é muito grosso e seu queixo muito pesado para outra coisa que não uma simples gravata.

-Podemos ser gratos porque muitos anos se passarão, antes que a mesma coisa possa ser dita de Sua Graça – replicou o criado com um sorriso de admiração.

-Eu acho, Jenkins – disse o Duque – que nunca deixarei meus cavalos com as costas doloridas.

-Certamente que não, Sua Graça. Seu físico é notável! Eu dizia ao Sr. Weston a semana passada que não há uma grama de carne supérflua em seu corpo.

-Acho que vou usar a gravata de pontas caídas – falou o Duque, pensativo.

-Era o que eu ia propor, - disse o criado com entusiasmo. -Somente alguém com um pescoço alto como Sua Graça, e realmente um cavalheiro, poderia usar os intrincados babados que são, disseram-me, o desespero do criado de Lorde Fleetwood. Na verdade, Sua Graça, dizem que depois de atirar para o

Emariannacarcano

lado duas dúzias de gravatas, Sua Senhoria e o criado começam a chorar!

-Isso não me surpreenderia – falou o Duque, lacônico – se há alguém que parece um presunto, esse alguém é Lorde Fleetwood!

-Exato, Sua Graça. Ouvi dizer que Sua Graça bateu o recorde hoje. Permita-me que lhe apresente minhas humildes congratulações por um feito que daria grande satisfação ao pai de Sua Graça, se fosse vivo.

-Ele era um grande cavaleiro, não, Jenkins?

-Sim, sem rival em sua época; e no entanto, às vezes, penso que Sua Graça poderia vencê-lo.

-Gostaria de poder acreditar nisso – disse o Duque, bem humorado.

Tendo colocado com alguma dificuldade sua casaca, de corte tão justo que ele precisou da ajuda dos dois criados para vesti-la antes que ficasse a seu gosto, caminhou devagar, descendo a escada dourada.

Um lacaio apressou-se a abrir a porta e Sua Graça entrou na ante-sala, vizinha à comprida sala de jantar, que, com suas colunas de mármore e cornija de folhas douradas, era considerada uma das maiores realizações do seu arquiteto.

Na ante-sala, dois lacaios ofereceram um copo de vinho a Sua Graça. Um carregava a bandeja de prata com os copos de cristal, gravados com o monograma do Duque; o outro servia o vinho de uma pesada jarra, com borda também de prata.

O Duque aceitou um copo de vinho Madeira e estava provando-o com prazer, quando o mordomo anunciou:

-O Capitão Harry Sheraton, Sua Graça.

Um cavalheiro de rosto agradável, vestido com a mesma elegância de Sua Graça, mas sem a sua distinção e ar imponente, entrou na sala.

-Boa noite, Harry! – disse o Duque. -Está atrasado! Estava começando a pensar que tinha se esquecido do nosso compromisso para esta noite.

-Claro que não! Passei os últimos três dias tentando ver as novas pequenas recém-chegadas da França. Desculpe, se o fiz esperar!

-Estava brincando – respondeu o Duque. -Voltei de Epsom há apenas uma hora. Bati o recorde!

-Parabéns! – exclamou Harry Sheraton. -Eu esperava que conseguisse dessa vez.

Aquele presunçoso, Lumley, andou dizendo que bateria o recorde com os cavalos malhados que comprou em Tattersalls o mês passado! Ninguém convencerá Lumley de que não são cavalos de primeira.

-Eu não aceitaria a opinião de Lumley se quisesse comprar um exército de mulas! – murmurou o Duque.

-Nem eu! Deus, Theron, lembra-se daquele maldito gado que tivemos que enfrentar em Portugal? Nunca vou esquecer o modo como ele e os cavalos estouraram naquela tempestade antes da Batalha de Salamanca!

-Os relâmpagos refletindo-se nos canos dos mosquetes quase me cegaram – replicou o Duque. -E também me fizeram decidir que nunca mais olharia para uma maldita mula de novo! Lembra-se de quantos oficiais ficaram sufocados em suas tendas quando os cavalos e mulas prenderam-se nas cordas? Posso ainda ver o Major Dulbiac salvando a vida de suas esposa, ao coloca-la sob o

canhão mais próximo!

-Sim, eu me lembro! – Harry riu. -Recorda-se da raiva de Wellington quando teve que enviar tropas para caçar as mulas? Achou que atrasaria o avanço!

-Ficaria com muito mais raiva se não tivesse animais para mover os canhões.

-Sabe de uma coisa, Theron? – falou Harry com maior seriedade. -Muitas vezes eu gostaria que a guerra não tivesse terminado. Estou farto de ser um *Soldado do Hyde Park*.

-Então, sabe que é assim que chamam vocês nos clubes? – perguntou o Duque com um brilho nos olhos.

-Maldita impertinência! Imagino o quanto aqueles tipos se divertiriam ao sufocar uma revolta no Hyde Park de um momento para o outro; dispersar uma multidão que grita e atira pedras nas Casas do Parlamento, ou apanhar algum sujeito esperto como uma rato na tentativa de evitar a prisão!

-A vida de soldado é dura! – caçoou o Duque.

-Muito dura quando precisa fazer esse tipo de trabalho! Ouvi conversas sobre uma força especial para tais trabalhos. Como é o nome daquele tipo que sempre discursa na Câmara dos Comuns?

-Sir Robert Peel – retrucou o Duque.

-Esse mesmo! Quanto mais cedo ele apresentar uma Força-Policial ou que outro nome tenha, mais contente eu ficarei. Hoje me atrasei por causa de um roubo.

-Qual é o caso desta vez?

O Capitão Sheraton não respondeu por um momento; ele apanhava um copo de Madeira da bandeja de prata e lavava-a aos lábios.

-Theron, você oferece aos convidados o melhor vinho Madeira de todo o país! Quem lhe vende vinhos? Eu gostaria de comprar algumas garrafas deste néctar.

-Não pode compra-lo, meu caro – respondeu o Duque. -O vinho está na adega há seis anos, e somente agora meu copeiro permitiu que eu o bebesse.

-Vou tomar outro copo. Espero que tenha muitas pipas dele.

-Tenho o suficiente para você beber durante um ano – o Duque sorriu. -Mas, ia me contar o que atrasou você.

O Coronel reuniu os oficiais para informar de que o Primeiro Ministro está muito preocupado com os ladrões de ouro.

-Que ladrões são esses?

-Nunca lê os jornais? Há manchetes sobre eles todos os dias, há semanas – disse Harry.

-Oh, eu me lembro agora! – exclamou o Duque. -Está falando da emboscada que sofreram os carros que levam ouro do Banco da Inglaterra para os bancos dos Condados?

-Exatamente! Acho que a operação foi muito bem planejada, deve existir um cérebro por trás dos ladrões. Não é trabalho de simples salteadores de estradas.

-Temo não estar muito a par do assunto.

-As autoridades estão preocupadas. Dois grandes assaltos na última semana! Em ambos os casos, os guardas foram mortos a tiro e os cocheiros amarrados no chão das carruagens. Os dois últimos, coitados, só foram

encontrados depois de cinco horas, e suas informações de nada valeram.

-Devem ter visto quem foi que os amarrou – murmurou o Duque sem demonstrar grande interesse.

-Os ladrões usavam máscaras, deram cacetadas na cabeça dos cocheiros, que ficaram inconscientes; não são testemunhas de confiança porque estavam aturdidos com os tiros e apressados em fugir com os cavalos e carros.

-Bem, o que os intrépidos militares vão fazer? – perguntou o Duque.

-Os comandantes não podem pensar em outra coisa a não ser em dobrar a guarda no Banco da Inglaterra! Nenhum idiota ousaria atacar aquela fortaleza – disse Harry Sheraton, aborrecido. -Qualquer um pensaria que tinha estourado uma revolução ao ver o coronel discursando!

-Eu colocarei minha farda e ajudarei você, se houver uma revolução – comentou o Duque com um sorriso, quando a porta se abriu e o mordomo anunciou o jantar.

A mesa de jantar não tinha toalha, segundo a moda introduzida pelo Rei, e sobre sua superfície polida havia ornamentos de ouro que pertenciam à família desde o reinado de Carlos II.

Ramos de orquídeas verdes se encontravam ao redor deles, cercando a base dos grandes candelabros de ouro, com seis velas cada um.

Os dois cavalheiros sentaram-se para fazer uma longa e excelente refeição, pois o cozinheiro do Duque era considerado o melhor da alta-roda.

O vinho era excepcional, e somente quando os pratos foram trocados pela terceira vez, Harry Sheraton recostou-se em sua cadeira, afastando um prato de Sèvres contendo pêssegos mergulhados em conhaque, e borrifados com amêndoas assadas, dizendo:

-Sinto muito, Theron, mas não posso mais honrar essas espacialidades culinárias. O céu sabe que se eu comesse em sua casa todos os dias, ficaria tão gordo quanto o nosso amado monarca.

-Acho que o cozinheiro meteu-se em brios esta noite – falou o Duque. -Mandei um recado à cozinha há duas noites, dizendo que o jantar não estava satisfatório.

-Santo Deus! – exclamou Harry. -Se critica uma comida como essa, então, não há nenhuma que o satisfaça.

Os criados tinham deixado a sala e o Duque respondeu com um sorriso:

-Eu estava apenas sendo exigente; se uma pessoa se satisfaz com facilidade, os criados ficam preguiçosos!

-Claro, eu tinha esquecido... *Sua mais Nobre Perfeição* – Harry Sheraton riu.

-Maldição, não fale disso comigo, ou juro que não convidarei mais você para jantar!

-Ora, você sabe que eu trago sabor e graça à sua vida. E conheço-o há muito tempo, Theron, para ser subserviente! Não quero dizer que você não me impressiona, mas já o vi em situações indecorosas muitas vezes para admirá-lo como um idiota, conforme a maioria de seus amigos, empregados e conhecidos invejosos que o acham um deus.

-Seus elogios me comovem! – disse o Duque com voz arrastada. -Ao mesmo tempo, Harry, você está certo! Odiaria perde-lo!

-Outra guerra lhe faria bem, Theron – Harry suspirou – tão dura quanto a de

dez anos atrás na Península. Esqueceu-se da excitação em desbaratar os franceses depois da Batalha da Vitória e da captura da bagagem do Rei Joseph no trem?

-Não esqueci – o Duque riu. -Os Dragões de Wyndham conseguiram o nobre urinol de prata do Rei!

-Nunca pude esquecer! – exclamou Harry Sheraton. -Todos beberam champanha nele!

-Quando consegui passar pela mistura de cavalos, mulas, bois, burros, macacos de estimação e papagaios, - prosseguiu o Duque – descobri que os hussardos tinham aberto as arcas do tesouro, e o terreno estava repleto de dobrões, relógios, joias e anéis.

-Tantas mulheres entre os criados franceses do acampamento, que nossas tropas o chamaram de *Bordel Móvel* – recordou Harry. -Mas, o que contou foi a pilhagem de Wellington: cento e cinquenta canhões, dois mil cartuchos. Que dias aqueles, meu caro!

Ergueu o copo à lembrança e exclamou:

-Céus, estamos ficando velhos! O ano próximo, 1825, será o décimo ano depois de Waterloo.

-É verdade – replicou o Duque – e isso significa, Harry, que terei trinta e três anos no mês próximo, como me disse o tio Adolphus há alguns dias atrás.

-Aposto que ele trouxe a árvore genealógica da família no bolso – caçoou Harry.

-Trouxe mesmo. Mencionou toda a genealogia dos Royds, desde o que serviu Ethelred, o Irresoluto, até o Royd que enganou Henrique VIII com uma de suas esposas, não sei qual delas, e o Royd que venceu Casanova conquistando algumas princesas!

-O que levou seu tio Adolphus à uma exigência – ironizou Harry Sheraton.

-Exato! – concordou o Duque. -Que eu devo me casar imediatamente! De outra forma o primo Jasper herdará.

-Nunca compreendi como Jasper entrou nessa história. Jamais conheci um intruso mais invejoso! Desculpe, Theron, se minha franqueza o aborrece!

-De modo algum – falou o Duque – e eu disse coisas piores a Jasper quando ele se aproximou de mim, há três meses, pela centésima vez, ou seria a milésima?, para um *pequeno empréstimo*.

-Pequeno sendo naturalmente uma palavra bastante relativa.

-Você está certo. Dessa vez eram quinhentas libras. Ele pensou, claro, que estava progredindo, já que da vez anterior foram vinte mil.

-O que você fez?

Eu lhe dei dez e lhe disse que, se voltasse a me importunar, eu mesmo o atiraria na rua a pontapés, embora estragasse minhas botas.

-Ouvi dizer que ele andava jogando alto, e sabia que era apenas uma questão de tempo antes dele procura-lo de novo.

-Esta é a última vez! – falou o Duque cm firmeza. -Mas ele é um espertalhão da pior espécie e tio Adolphus está convencido de que ele anda estudando a possibilidade de herdar em meu lugar.

-Como pode ele ter algum direito?

-É muito fácil – respondeu o Duque. -Meu avô teve cinco filhos. O mais velho

teve um filho, Sylvester, que morreu a Batalha do Nilo; o segundo, meu pai, teve a mim. O terceiro, tio Cornelius, que morreu o ano passado, teve oito filhas.

-Coitado!

-Depois, George Frederick, um homem muito desagradável, pai de nosso amigo Jasper, e por último, tio Adolphus, que nunca se casou.

-Então, o pai de Jasper é tão asqueroso quanto ele?

-De acordo com tio Adolphus, George Frederick nasceu em uma comadre! Eu não acredito nisso, mas ele era diferente dos irmãos. Não tinha senso de decência. Era um jogador inveterado e gostava das mulheres de classe baixa. De qualquer maneira, sua esposa – filha de uma estalajadeira – morreu cedo, e Jasper foi criado entre mulheres a quem eu não confiaria um cachorro, quem dirá uma criança! Às vezes, eu quase tenho pena dele.

-Você fez mais por ele do que alguém poderia acreditar! O que ele lhe deu em troca? Faltou com a palavra muitas vezes, injuriou você em sua ausência, o que quase o levou à uma dúzia de duelos com seus amigos.

Não há necessidade de alguém se zangar por causa de Jasper – disse o Duque – mas, acho que o tio Adolphus tem razão. Jasper não deve herdar, sob nenhuma circunstância, e por isso, Harry, eu devo me casar.

-Parabéns! – disse o amigo. -Uma notícia súbita, mas não inesperada. Quem é a noiva? Eu a conheço?

-Ainda não escolhi a noiva.

-Não escolheu? – começou Harry a dizer, e depois riu. -Você está caçoando!

-Não, não estou – respondeu o Duque. -Eu levei em consideração os pedidos de tio Adolphus unidos ao de minha irmã, Evelyn. Ela veio com ele, e foi mais convincente que meu tio. Jasper vai abandonar a pretensão de ser o herdeiro provável. Parece que ele a insultou em alguma reunião, mas, de qualquer modo, ela fez uma lista para mim das moças elegíveis para a posição de Duquesa.

-Céus, Theron, está falando sério? Não está pretendendo se casar com alguma rapariga por quem não tenha a mínima afeição, não é?

-Isso não tem importância!

-Bem, não é preciso sonhar demais. Quero dizer, não é necessário o coração palpitar sob o som de uma orquestra em noite de lua cheia, ou ser um poeta como Byron, cujos poemas me aborrecem, mas deve haver alguma mulher por quem você tenha uma pequena...

-Não existe nenhuma – cortou o Duque. -Como sabe, Harry, nunca prestei muita atenção às mulheres inexperientes.

-Suponhamos que seja verdade – disse Harry, pesaroso – mas, você já dançou com algumas delas, deve ter encontrado uma ou duas nas casas que visitou.

-Talvez, porém não me lembro delas – admitiu o Duque – e isso, afinal, tem pouca importância. Tudo o que exijo é uma mulher bem educada, que me dê um herdeiro. Ela deve possuir dignidade, não dar motivo para boatos. Quanto ao mais, contanto que nos apresentemos bem em público, o que acontece em nossa vida particular não é da conta de ninguém.

-Está sugerindo que sua esposa poderá viver sua vida, como você pretende

viver a sua?

-Exato – respondeu o Duque. -Não tenciono encarcera-la na torre Normanda de Selchester ou fazê-la usar um cinto de castidade enquanto eu perambulo por aí. Ela pode ter outros interesses, imagino, que não seja o *diz-se* de St. James.

-Que aparência deve ter essa joia rara? Já resolveu? – perguntou Harry, irônico.

-Sim: ela deve ser alta, loura, de olhos azuis, com bonitas feições. As louras dão maior realce às joias da família. Duquesas devem ser altas, e você sabe tão bem quanto eu, que as louras de olhos azuis são sempre um pouco insípidas, e não tão dadas a ondas de emoções como as morenas.

-Suponho que com as qualificações exigidas você poderá comprar uma ou meia dúzia, se quiser, no Bazar Partheon.

-Estou falando sério! – disse o Duque. -Sei exatamente o que desejo e lhe prometo, Harry, que encontrarei uma esposa capaz de assumir seu papel de Duquesa da maneira que preciso.

-Isso quer dizer – falou Harry Sheraton – que você sabe muito bem que a infeliz mulher vai se apaixonar por você, que a controlará com seu dedo mínimo; e ela se submeterá aos seus desejos, grata por um afago ocasional na cabeça, como se fosse um cachorro de estimação que você tivesse trazido para casa.

-Isso não tem muita graça, Harry – disse o Duque com altivez.

-Talvez não tenha, mas é a verdade – respondeu Harry. -Você não pode se casar dessa maneira tão fria. É claro que deve existir uma mulher em algum lugar de quem você possa gostar um pouco; alguma moça que faça seu coração bater mais depressa ou que, pelo menos, seja um prazer para os olhos!

O Duque não falou e Harry continuou:

-Qualquer coisa será melhor do que essa procura calculista de uma criatura tola e confiante que, sem dúvida, dentro de poucos anos, ficará grata se você se dignar a cumprimenta-la.

-Meu querido, estou, como já disse, com quase trinte e três anos – replicou o Duque – e nunca me apaixonei por uma mulher com quem pudesse casar, e não vejo a menor possibilidade disso acontecer um dia. Como sabe muito bem, tive muitos casos amorosos, mas sempre foram com mulheres casadas que eram bastante experientes. Não posso imaginar uma coisa que me aborreça mais do que a conversa de uma moça simples, recém-saída da escola.

O Duque suspirou preocupado, antes de prosseguir:

-Mas, para segurança da família, porque preciso de um herdeiro, casarei com alguém que se ajuste ao padrão exigido de mulher que usará o meu nome.

-E Penélope?

Houve um momento de silêncio antes do Duque exclamar:

-Imagine você se lembrar de Penélope!

-Apaixonou-se por ela. Lembra-se do que sentiu então?

-Claro que sim. Lembro-me também como a suave Penélope, tão doce e amorosa, abandonou um jovem sem dar importância ao seu nome, e cujas esperanças eram remotas, quando Lorde Hornblotton, um par do reino,

Emilianna Cárcano

perguntou se podia cortejá-la.

Havia uma ponta de amargura na voz do Duque, e Harry, olhando para ele com firmeza, disse:

-Está me contando, Theron, que ainda está com dor de cotovelo por causa daquela mulher desejosa de títulos que você encontrou no seu primeiro ano no Regimento?

O Duque balançou a cabeça.

-Você está se esforçando para me tornar um romântico, Harry. Mas, não vai dar certo! Claro que não! Encontrei Penélope depois que se casou. Encontrei-a, deixe-me ver, há dois ou três anos: havia engordado e era difícil reconhecer a esbelta e etérea jovem que conseguira me seduzir um dia. Acho que Penélope tem agora cinco filhos, talvez mais!

-Você a amou!

-Eu estava de cabeça virada, como qualquer jovem que veste pela primeira vez a farda do regimento, e sabe que seu aspecto faz que ele pareça um herói aos olhos de algumas mulheres tolas. Mas, sou grato a Penélope, ela me ensinou uma importante lição!

-Que lição?

-Que as mulheres, quaisquer que sejam, sempre correrão para melhor oferta – retrucou o Duque. -Para algumas, não muito respeitáveis, tudo se resume em uma questão de dinheiro, e para as da sociedade o que importa é o título mais alto. Penélope me ensinou que Baronete vencerá um Cavalheiro, um visconde vencerá um Barão, e um Marquês, um Conde. Mas, no alto da hierarquia, Harry, está um Duque! Um Duque está um pouco acima e por isso é invencível!

-Entendo, nesse caso, que nenhuma daquelas moças louras e de olhos azuis recusará você?

-Evidente, foi essa a lição que aprendi com Penélope. Não se trata de quem uma moça ama, mas do que o pretendente pode oferecer. E é onde eu levo vantagem, Harry! Sou um Duque e isso me torna, automaticamente, o preferido na competição matrimonial! Eu devo vencer todos os meus adversários.

-Diabos, você é muito presunçoso! – murmurou Harry. -E muito vaidoso. Eu queria que apenas uma daquelas borboletas da sociedade lhe desse um fora. Isso lhe faria bem!

-Se desejo tem pouca probabilidade de se tornar real – zombou o Duque.

-Eu sei disso – falou o amigo com uma careta. -Você não é apenas um Duque, Theron, ainda tem um físico magnífico, uma figura! Excelente desportista, eu lhe concedo isso: um cavalheiro; sem rival. E tão rico, acredito, que não sabe o quanto vale. Não, Theron, passe o ponto de chegada! Espero que lhe traga felicidade!

-Trará – retrucou o Duque – pela simples razão de que não estou esperando encontrar minha felicidade no casamento. Eu serei grato, naturalmente, se minha esposa tiver um pouco de afeição por mim, mas meu divertimento estará ainda naquelas deliciosas criaturas que se pode comprar com facilidade, e que nos dão fugaz e efêmero prazer, mesmo quando pensamos estar cansados de sua sedução.

- Vamos combinar, se pretendemos inspecionar a nova remessa chegada da França – disse Harry Sheraton. -Juro, Theron, que você me deprimiu! Não

suporto pensar em seus planos futuros. Causou-me uma aversão a toda ideia de casamento!

-Pobre Harry! – exclamou o Duque. -Você é um romântico, isso sim! Eu sou prático, severa e sensivelmente prático! Sei o que quero, vou consegui-lo, e minha vida prosseguirá na linha, calculada por mim que você admitiu proporcionar conforto, caso não consiga nada mais.

-Está decidido de verdade a prosseguir com essa ideia maluca? – perguntou Harry, sério.

Levantou-se enquanto falava, e ficou de pé, olhando para o Duque, sentado ao final da mesa. Ninguém poderia estar mais elegante, mais à vontade que Sua Graça, quando recostou-se em uma poltrona de espaldar alto, com um copo de Porto na mão.

-Na verdade – disse o Duque, torcendo os lábios – é uma aventura!

-Está se iludindo! – falou Harry bruscamente. -Sabe muito bem que isso é uma imitação grotesca do que um casamento deveria ser. Só posso profetizar, Theron, que se não tomar cuidado, será desastroso!

-Romântico, e agora o profeta do destino! – escarneceu o Duque. -Apesar de todos os seus conselhos, e maldição, você está tão sombrio como um sermão de sexta-feira da Paixão, eu partirei amanhã cedo. Vou visitar os Upminster em Bedfordshire. Minha irmã afirma que eles têm uma filha loura, de olhos azuis, muito elogiável, que foi grandemente admirada na última temporada do Almack.

Já a conhece?

-Tenho a vaga impressão de que já a vi, mas você sabe que no momento em que falo com uma dessas moças, Harry, só vejo uma única expressão em seus rostos.

-Qual?

-Uma expressão de cobiça, e um brilho nos olhos enquanto pensam como parecerão atraentes com a coroa ducal e os mantos da nobreza. Quando elas falam comigo, quase posso vê-las murmurar para si mesmas, em surdina: os diamantes Selchester!

-Deus, que cínico você é!

-E quando as levo de volta para perto das mães – continuou o Duque – vejo o sorriso afetado em seus rostos. Oh, as mamães tentam parecer displicentes e tranquilas diante do fato de que suas filhas sacudiram as penas em frente aos meus olhos, mas elas sorriem como um gato que bebeu leite. Sei que tudo o que querem é lamber minhas mãos.

-Isso me enoja!

O Duque exclamou, rindo:

-Perdão, Harry, mas provocar você é algo irresistível. Temos a mesma idade, porém juro que ainda acredita em dragões e cavaleiros com o fim de libertar uma frágil virgem, por quem o cavaleiro se apaixonará. Meu caro, isso não é a vida!

-Tudo o que posso dizer, se a vida é o que você me descreveu – falou Harry com firmeza – é que vou agradecer a Deus de joelhos todas as noites por ser um plebeu.

O Duque tornou a rir.

-Deixe de modéstia, Harry! Você é aparentado com metade da aristocracia pelo lado materno, e está bem de dinheiro. Você é um bom partido, meu amigo! Nenhuma das sorridentes criaturas enfileiradas nas paredes do Almack recusaria sua corte. Na verdade, se não estou enganado, elas agarrariam com mão firme a oportunidade de aceita-lo.

-Pelo amor de Deus, cale-se! – gritou Harry. -Está me deixando deprimido, Theron. Se nós não nos divertirmos com aquelas pequenas que atravessam o Canal, juro que me matarei com minha própria espada!

-Pobre Harry! – exclamou o Duque. -Eu preocupei você, realmente. Vamos ao mercado; não há nada comparável ao esporte de encontrar uma nova Vênus, com a qual se compartilha o leito, para enterrar todas as tristezas.

O Duque se ergueu enquanto falava e os dois homens se dirigiram à porta da sala de jantar.

Quando alcançaram, Harry soltou um grito repentino.

-Céus, Theron, você disse que vai viajar amanhã. Esqueceu-se dessa data?

-A data?

-Dia dezoito! Marcado para o encontro entre o Bombardeador Hawkins e Jed Blake, de Farrington.

-É verdade! – exclamou o Duque. -Eu tinha esquecido.

-Apostamos quinhentas libras no resultado, não podemos perder a chance de ver nosso homem transformar Jed Blake, o pugilista de Farrington, em picadinho!

-Claro – concordou o Duque. -Partirei no dia seguinte.

-Em outras palavras – disse Harry, decidido a ter a última palavra – um pugilista tem prioridade sobre uma provável noiva.

-Mas, naturalmente! – disse o Duque com voz arrastada.

Capítulo II

Os planos do Duque, pensou ele mais tarde, devido às previsões sombrias de Harry Sheraton, foram mal desde o início.

Tendo visto o Bombardeador Hawkins esmurrar o pugilista de Lorde Farrington até transformá-lo em uma pasta de sangue, passou a tarde na companhia agradável de seus amigos, que também tinham apoiado o Bombardeador, celebrando o que fora para eles uma vitória lucrativa e satisfatória.

Há muito tempo Lorde Farrington vinha irritando os membros do White por suas afirmações audaciosas, ao dizer que somente ele era capaz de escolher um pugilista desconhecido para uma luta na qual seria vencedor.

Sua Senhoria tinha, na verdade, em várias ocasiões, mantido sua posição, encontrando homens que eram tão fortes e pesados , que ganhavam a luta por causa do físico.

Mas, nesta ocasião, o Duque e Harry Sheraton tinham previsto que tipo de pugilista Sua Senhoria iria apresentar, e tinham lançado o Bombardeador.

Este ficara fora de Londres, nos domínios de Harry em Sulfolk, e tinha treinado até se achar em condições excelentes; e sua simples presença no

Emariannaarcano

ringue era suficiente para que as apostas lhe fossem favoráveis.

Um magnífico exemplar de masculinidade, com grande desenvolvimento muscular, ombros enormes e com um par de pernas que atiraram Jed Blake ao chão nos primeiros cinco minutos, e terminaram a luta antes de vinte.

-Farrington perdeu bastante! – exclamou Harry, com alegria, enquanto ele e o Duque voltavam de Wimbledon para Londres.

A luta tivera lugar em Wimbledon.

-Bom castigo! – disse o Duque. -Ele não vai cantar de galo no alto da colina tão cedo, ao menos, enquanto nós estivermos por perto. E não será tão arrogante no futuro!

-Você descobriu Hawkins, lembra-se? Quando você me visitou no quartel há seis meses. Viu-o quando atravessava o praça e disse: “Esse tipo deve lutar bem”.

-Foi mesmo? Eu tinha esquecido.

-Você estava certo! Mas uma vez provou sua superioridade sobre o inimigo – caçoou Harry. -Um adversário insignificante, mas que precisava ser vencido.

-Ainda falando em minha defesa, Harry? – perguntou o Duque com um olhar divertido.

-Estava pensando no me disse ontem à noite – respondeu Harry. -Peço-lhe mais uma vez, Theron, para não prosseguir com esse plano sem sentido. Desista dele, não será difícil.

-Eu não gosto – falou o Duque com voz arrastada – que pessoas bem intencionadas se esforcem para tentar interferir na minha vida. Lamento, Harry, ter-lhe revelado meus projetos. Não devia ter contado meus planos até que meu casamento fosse anunciado na Gazeta. Teria evitado esse sermão sem fim que acho muito aborrecido.

-Está bem, está bem! – exclamou Sheraton. -Vou parar de falar, porém eu lhe prometo, Theron, que nada, senão a má sorte, virá disso.

Foram essas palavras que o Duque recordou com frequência nos dias vindouros.

Entretanto, na manhã seguinte, ele se levantou de cabeça leve, sentindo, além de uma languida passividade, um interesse estimulante porque ia pôr em ação um plano que estudara no mínimos detalhes.

Fora desse modo que ele comandara suas tropas na Península, seguindo o exemplo dado por Wellington, para quem nada era tão insignificante ou corriqueiro a ponto de não exigir a sua atenção pessoal.

Enquanto o Duque tomava seu café, deliciando-se com costeletas de carneiro, frango assado e um prato de rins com creme, mandou chamar o Sr. Graystone para lhe perguntar, não apenas sobre os últimos detalhes concernentes à sua viagem, como também sobre aqueles de cuja hospitalidade ele pretendia dispor.

-Conheço Lorde Upminster – disse o Duque quando o Sr. Graystone surgiu – um nobre loquaz que, estou certo, desejará me confundir com as maravilhas de seu domínio campestre. Ele não ganhou um prêmio?

-O gado de Sua Senhoria, Sua Graça, foi muito apreciado na exposição realizada o ano passado, e que foi honrada com a presença de Sua Majestade.

-Achava que era alguma coisa desse tipo. E Wilmington? Quais os seus

interesses?
-Corridas de cavalos, Sua Graça. Sua Senhoria venceu o Derby há três anos e possui um cavalo que está bem cotado para a Taça de Ouro deste ano.
-Então, teremos muito o que conversar – disse o Duque. -Acredita que seu animal vencerá Clarion?
-Estou convencido de que o cavalo de Sua Senhoria será o vencedor – falou o Sr. Graystone com calma. -E cada membro de seu pessoal, Sua Graça, também pensa como eu.
-Ainda é cedo para dizer, mas Clarion parece muito bem. Não há dúvida quanto a isso, Lawrence é um bom treinador.
-Certamente, Sua Graça. Ninguém poderia duvidar disso, considerando o recente sucesso de Sua Graça no turfe.
-Tem razão – concordou o Duque. -E Mallory? Quais são os interesses do Conde de Mallory? Eu já o conheci, claro, mas não consigo me lembrar de nada importante sobre ele. Um homem anêmico, e eu ficaria surpreso se encontrasse um animal puro-sangue em sua cocheira.
-está certo, Sua Graça. O Conde de Mallory se interessa apenas por construção. Aumentou sua casa, derrubou as alas elisabetanas, ergueu outras, e está agora terminando uma capela adjacente à mansão que, dizem será uma das principais obras de arquitetura em todo Yorkshire.
-Isso é interessante – disse o Duque. -Obrigado, Graystone. Você vai mandar Carter comigo, não?
-Naturalmente, Sua Graça, sendo inevitável que passe várias noites na estrada. O Sr. Carter tratará de tudo que se refere a acomodações nas estalagens. Eu lhe dei instruções Sua Graça, e um criado foi mandado à frente para providenciar tudo, relativo ao conforto de Sua Graça.
-Excelente!
O Duque deixou a sala de jantar, aceitou o chapéu, luvas e chicote, que lhe foram entregues pelos criados, e caminhou em direção ao sol de primavera.
O cortejo exterior chamou a atenção de alguns meninos de olhos arregalados, de um varredor de rua esfarrapado, de vários carroceiros e de uma italiano com um realejo e um pequeno macaco de boné vermelho sobre o ombro.
Não era surpreendente que eles tivessem um olhar admirativo para as duas parelhas de magníficos cavalos pretos, que puxavam a carruagem de viagem do Duque. Havia um cocheiro e um criado na boleia, ambos usando librés dos lacaios do Rei.
Havia um outro criado de pé ao fundo da carruagem e dois batedores montados em esplêndidos animais das cocheiras do Duque.
Atrás deles, preparado para cavalgar após a carruagem, estava o chefe dos criados do Duque, montado em um animal que, em sua magnificência, fazia com que todos os outros cavalos parecessem insignificantes.
O garanhão favorito do Duque, Salamanca, era também preto com o focinho branco e três manchinhas brancas. Era a montaria predileta do Duque, e quando Sua Graça o montava, era difícil imaginar que qualquer outro homem e animal pudessem ser um complemento tão perfeito um do outro.
Atrás de Salamanca encontrava-se a carruagem da bagagem, onde viajariam

o Sr. Carter, primeiro auxiliar do Sr. Graystone, e o criado de quarto do Duque, Jenkins.

O veículo era puxado somente por dois cavalos, mas como fora construído especialmente para tirar proveito da velocidade, poucas vezes era deixado para trás em uma viagem. E havia, realmente, grande rivalidade entre os dois cocheiros em relação a quem chegaria primeiro ao seu destino.

O Duque, que sempre fazia questão de examinar os animais antes de partir para uma viagem mais longa, inspecionou-os agora e disse, severamente:

-A bagagem pode ir à frente. Onde vamos trocar de cavalos?

-Em Baldock, Sua Graça.

O Sr. Graystone fez um leve gesto para o mordomo, que por sua vez, fez um sinal quase imperceptível ao cocheiro da carruagem da bagagem.

Movendo-se lentamente, os cavalos com aparatos de prata brilhando ao sol, o pelo tão lustroso como as botas do Duque, a carruagem de bagagem deslizou pela curva de cascalho até a entrada de muros de pedra que levava ao Parque Lane.

O cocheiro e os criados tiraram os chapéus quando passaram pelo Duque, que os cumprimentou laconicamente.

Assim que a carruagem da bagagem se movera, seu lugar foi ocupado pela velocíssima carruagem do Duque, puxada por quatro cavalos ouro-sangues. As rodas altas, amarelas, e a pequena parte central pintada de preto tornavam-na semelhante à uma enorme vespa, enquanto os cavalos castanhos, balançando as cabeças, ansiosos por partir, moviam-se atrás da carruagem de viagem.

-Sua Graça tem um dia agradável para viajar – disse o Sr. Graystone, respeitosamente.

-Não é, certamente, um dia para ficar fechado em uma carruagem – falou o Duque. -Trocarei os veículos em Eaton Socon,. Pelo que me disse, a casa de Lorde Upminster fica apenas a uns três quilômetros de lá.

-Exato, Sua Graça.

-Chegarei bem, mas vou viajar depressa – disse o Duque. – A carruagem pode partir agora.

Ele sabia que o chefe dos cocheiros, que guiava a carruagem de viagem, estava impaciente para partir. Uma vez que a carruagem da bagagem já se fora, temia que essa pequena vantagem pudesse permitir que o cocheiro mais novo, com quem ele mantinha uma rivalidade contínua, chegasse em Baldock antes dele.

Ele sofrera essa humilhação outras vezes porque a pequena carruagem podia ultrapassar outros veículos na estrada e era muito mais fácil de dirigir nas cidades e vilas.

Assim que recebeu permissão do Duque, o cocheiro-chefe colocou seus animais em movimento com uma determinação que dizia àqueles que observavam sua partida que ele poria os animais a galope na primeira oportunidade.

Ao mesmo tempo não havia problema dos cavalos serem muito exigidos porque o cocheiro-chefe, se tinha algum defeito, era que se inclinava a mimar os seus animais.

O Duque se preparava para entrar em sua carruagem quando um criado se

aproximou da casa, vestindo a farda fulgurante da Embaixada Húngara. O homem estava tão apressado, que quase corria para alcançar Sua Graça.

Movendo-se por trás do Duque sem ser notado, o mordomo interceptou o criado antes que, com inconcebível vulgaridade, ele pudesse colocar o bilhete que trazia nas mãos ducais.

Houve uma pausa quando o bilhete, recebido do mensageiro pelo mordomo, ficou em mãos deste, enquanto um criado apanhava uma salva de prata no interior da casa.

Quando o criado voltou, o mordomo colocou o bilhete na salva, entregando-o ao Duque com o ar humilde de alguém que espera ser posto de lado.

Mas o Duque, em vez de deixar o caso nas mãos capazes do Sr. Graystone como seu pessoal esperava, apanhou o bilhete da salva de prata e abriu-o.

Continha apenas algumas linhas, porém aqueles que observavam Sua Graça julgaram ver um brilho de interesse na expressão preguiçosa de seus olhos.

-Diga ao homem que eu mesmo levarei uma resposta – falou o Duque ao mordomo, que deu o recado ao criado da Embaixada com ar condescendente.

-Adeus, Graystone – disse o Duque, e sem mais, subiu à carruagem e tomou as rédeas das mãos do palafreneiro.

Guiou seus cavalos com perícia através da curva de cascalho em direção ao Parque Lane. Os cocheiros eram todos excelentes, mas o Duque tinha um estilo e uma aptidão que faziam com que cada um dos seus subordinados, desde o Sr. Graystone até o mais novo criado, o encarasse com admiração, desejando poder possuir a quarta parte da habilidade de Sua Graça, em tudo o que fazia.

Para surpresa do palafreneiro, o Duque, em vez de virar à direita ao deixar a Casa Selchester, e dirigir-se ao Parque Lane, através da estrada que rumava para o norte, virou à esquerda e depois de percorrer uma curta distância encaminhou os cavalos para a Rua Curzon.

Ali, entre outras importantes mansões da nobreza, erguia-se uma casa imponente que ostentava a bandeira Húngara.

O Duque fez parar os cavalos, passando as rédeas ao palafreneiro e mandando que este fizesse os cavalos caminhar.

Um momento mais tarde o Duque estrava por uma porta com o grandioso brasão dos Habsburgos.

Parecia haver uma grande profusão de tapetes vermelhos por onde o Duque caminhou, sendo conduzido ao primeiro andar. Através das portas abertas de vários salões, ele pôde ver grandes lustres de cristal, a mobília dourada e estatuetas de mármore enquanto prosseguia pelo corredor que levava aos fundos da casa.

O criado bateu discretamente à uma das portas fechadas e uma voz de mulher mandou que entrasse. O Duque foi introduzido em um grande quarto banhado pelo sol. Estava mobiliado como uma sala de estar, porém havia também uma cama estilo império, acortinada na linha das que a Imperatriz Josefina tornara popular, encostada em uma das paredes.

Sentada diante de um espelho pintado decorativamente , tendo seu cabelo penteado pelo mais famoso cabeleireiro da alta-roda, encontrava-se a Princesa Zazeli Muzisescu.

Olhou com indiferença quando a porta se abriu, mas quando viu quem estava de pé ali, levantou-se depressa com um grito de alegria.

Por um momento o Duque permaneceu à porta com um sorriso nos lábios. Depois, quando a Princesa abriu os braços, ele se moveu em sua direção, um brilho de divertimento nos olhos ao ver como ela estava vestida.

Zazeli Muzisescu era uma das mais famosas belezas de toda a Europa. Meio húngara, meio francesa por nascimento, casara-se com um diplomata húngaro, cuja rápida subida em sua profissão fora devida às tramas da esposa em seu favor.

Apelidada, por seus difamadores na Inglaterra, de Anoitecer ao Amanhecer, de Sempre Pronta na França, e simplesmente Presto na Itália, Zazeli, com sua beleza, a natureza apaixonada e o infalível instinto em colecionar os homens mais importantes de cada país como seus amantes, possuía um lugar quase único no mundo social.

Ela não inventava pretextos ou desculpas para o seu comportamento; pertencendo a uma das famílias mais antigas e respeitadas da Hungria, sendo até prima do Imperador, era impossível alguém desprezá-la socialmente.

Ao mesmo tempo a posição diplomática do marido lhe dava imunidade contra as considerações escandalizadas das puritanas e austeras matronas.

Zazeli era bonita de uma maneira peculiar a si mesma. Tinha cabelos longos e escuros, caídos até a cintura; maçãs do rosto altas e olhos oblíquos e apaixonados, que pareciam sempre estar ardendo como fogo.

As feições eram clássicas, a boca provocante, e tinha um corpo quase perfeito, que era uma atração.

Agora, esquecida do cabeleireiro, que se inclinou respeitosamente antes de deixar o quarto, ela correu para o Duque, que viu sob o brilho do sol, que ela usava apenas um colar de esmeraldas e um negligé de seda verde esmeralda, completamente transparente.

Havia enormes anéis nos longos dedos de cada uma das mãos; Zazeli nunca estava sem eles.

Quando ela se atirou nos braços do Duque, ele sentiu a calidez do corpo encantador e soube, antes que ela erguesse os olhos ardentes para ele, que continuava tão desejável como sempre fora.

Ele não via Zazeli há três anos, desde que tinham gozado um breve, mas dinâmico interlúdio em Paris, que fizera os bisbilhoteiros balançar as cabeças e sair em campo para prevenir o Duque de que ele estava brincando com fogo.

Sua Graça se mantivera imperturbável. Ele apreciava Zazeli, porém, embora muitos temessem tal possibilidade, não havia probabilidade dele perder a cabeça, mesmo diante dessa extrema provocação e tentação.

Apesar disso, ele se divertia com o comportamento dela, e o fato de que ela era, de certa forma, um prazer proibido, fizera-o tomar a decisão de que, se Zazeli desejava sua companhia, não tencionava negar-se a atende-la.

-Meu querido, é maravilhoso vê-lo! – exclamou Zazeli, erguendo os lábios para os dele, e convidando-o a beijá-la com um abandono que pareceria, em outras mulheres, despudorado.

O Duque beijou-a, conservando-a em seus braços.

-Deixe-me olhar para você – disse ele. -Você não mudou, exceto que está

mais bonita que antes.
-Você é encantador – ela sorriu. -É assim que me lembro de você, meu querido amigo, sempre dizendo a palavra certa. Acredito que está mais alto do que nunca! E aquele delicioso ar de distinção ainda está em você! Está muito atraente, meu Duque, e senti sua falta. Como senti sua falta! Teve saudades minhas?
-Mas, naturalmente – respondeu o Duque. -Quem mais, a não ser você, poderia fazer essas coisas extravagantes? Ou se mostrar tão sedutora às dez da manhã?
-Não o esperava tão cedo, do contrário, não estaria tão vestida.
Olhou para ele sob as pestanas longas e ambos riram.
-E seu marido? – perguntou o Duque. -Está com você?
-Ele chega hoje, eu viajei com o Embaixador, é sempre muito mais confortável.
O Duque tornou a rir.
-E assim, temos ao menos um dia – disse Zazeli – não que Viktor fosse interferir, mas há muitos compromissos oficiais em que devo acompanha-lo.
O Duque deu mais alguns passos, sentando-se no braço do sofá. Ele estava tão atraente quanto Zazeli dissera, com os raios de sol brilhando sobre os cabelos escuros, os olhos cintilando, os lábios abertos num sorriso que a maioria das mulheres achava irresistível.
Havia também um leve lampejo atrás de seus olhos que dispersava a fria indiferença, que muitas vezes, tornava suas feições duras e severas. Observava Zazeli e o lampejo se acentuou.
O colar em volta do longo e alvo pescoço brilhava sob os raios do sol; revelava também adoráveis curvas de seu corpo; da cintura fina; da perfeição dos quadris.
-É uma pena – falou o Duque devagar – eu gostaria que tivesse me avisado de sua chegada, mas estou deixando Londres agora.
-Impossível! – exclamou Zazeli, os olhos sombrios, os lábios como os de uma criança, de quem foi tirado o brinquedo predileto.
Era parte de seu charme e fascínio poder demonstrar em seu rosto cada emoção, no decorrer de um segundo.
Agora, com as palavras do Duque, passou da alegria e excitação à melancolia e tristeza. Tanto assim que ele disse:
-Não estarei fora de Londres por muito tempo. Quantos dias vai permanecer aqui?
-Uma semana, dez dias, quinze, quem pode dizer? Viktor vai à uma conferência na Corte de St. James. E se a negociações forem concluídas depressa, talvez, eu já tenha ido embora quando você voltar.
A voz era tão desconsolada que o Duque sorriu.
-Estou certo de que muitas pessoas poderão consolá-la durante a minha ausência. Mas, estou realmente desolado que tenha vindo a Londres em momento tão inoportuno. Tracei meus planos, Zazeli, e não vou muda-los de uma hora para a outra.
-Nem mesmo por mim?
Os olhos do Duque estavam pousados nos lábios dela.

Emanuela Cárcano

-Nem mesmo por você!

-Meu deus, você é cruel! Tão cruel, de coração tão duro! Foi esse seu gelado controle que tentei quebrar. Uma vez, pensei ter conseguido, mas agora, ele está em você novamente. Onde está o calor ardente que se acendeu em nós e que irrompeu em chamas, ao menos por um curto período em Paris?

Zazeli se acercou do Duque, que sentiu o exótico e excitante perfume que ela usava. Era uma fragrância feita exclusivamente para ela, e aqueles que tinham sido amantes de Zazeli jamais esqueciam a forma como ela estava presente em seus cabelos, na suave brancura da pele e até mesmo nos lábios.

Ela ficou de pé diante do Duque, o corpo tocando os joelhos do homem, o rosto quase à altura do dele. Muito devagar, ela estendeu os braços, redondos e macios, em direção ao pescoço do Duque.

-Onde está o fogo? – sussurrou ela. -Pode realmente ter-se apagado, de forma que eu não possa mais acendê-lo?

Seus lábios tocaram os dele depois da última palavra, enquanto os braços ao redor do seu pescoço, mantinham-no cativo. Havia alguma semelhança com o movimento de uma cobra, na maneira como seu corpo se movia sinuosamente contra o dele.

Com as mãos firmes, o Duque tomou-a nos braços...

* * *

Duas horas mais tarde, o Duque conduzia seus cavalos para o Parque Lane, passando por Tyburn em direção norte. Havia ainda uma leve fragrância de Zazeli em suas mãos e suas roupas.

Ele sabia muito bem que seus planos tinham-se desencaminhado, porém estava seguro de que poderia ganhar muito tempo perdido quando alcançasse a estrada.

Os cavalos que guiava tinham sido comprados no ano anterior, e lhe custaram mais de dois mil guinéus.

Houvera grande competição por ocasião da compra, porém o Duque estivera determinado a ser o dono dos animais, e continuara a fazer lances mesmo depois que seus amigos disseram que o preço era muito alto para seus bolsos.

Agora, o Duque se congratulava por não se ter detido diante do preço elevado dos animais.

Os cavalos, como se soubessem que seu amo estava com pressa, obedeciam cegamente ao toque das rédeas, e a carruagem corria sob os raios de sol.

O Duque ultrapassou todos os veículos na Grande Estrada Norte, de tal forma, que o palafreneiro exclamou:

-Sua Graça guia de forma incomparável, ninguém pode negá-lo!

-Não me deixe assustá-lo, Fowler – disse o Duque com um sorriso.

-Sua Graça não faria isso! Mas, há muitos nas estradas hoje em dia, que deviam se contentar em ficar atrás de um burro. E isso é verdade!

O comentário provou, ser verdadeiro, quando o Duque alcançou os arredores de Baldock.

Na colina que descia para a cidade, puderam ver, antes de atingi-la, que um acidente acontecera. Mas, quando se encontravam a uns cem metros de distância, Fowler gritou:

-É a carruagem de viagem de Sua Graça!

-Sim, eu posso ver isso – falou o Duque com rispidez.

Era mesmo a carruagem do Duque, parada do lado esquerdo da estrada, os criados segurando as cabeças dos cavalos, enquanto o cocheiro tinha uma alteração ruidosa com um homem robusto, de rosto vermelho que, era óbvio, tinha sido o condutor da diligência que descansava na vala oposta.

A diligência, tornou-se evidente para o Duque ao primeiro olhar, tinha feito a curva abruptamente e encontrando a carruagem do Duque, fora incapaz de se desviar para a esquerda a tempo de evitar a colisão.

Com o cérebro entorpecido pelo abuso de cerveja na última parada, o cocheiro puxara as rédeas com violência. Os cavalos se desviaram com desespero, mas o pesado sobrecarregado veículo tinha apenas tocado a roda da carruagem antes de se precipitar na vala.

Não virou devido a uma cerca existente do outro lado, que manteve-o mais ou menos ereto.

No entanto, os passageiros que viajavam no exterior tinham caído na estrada e os do interior foram ameaçados de sufocação porque tombaram uns sobre os outros, aos gritos.

A estrada ficou repleta de bagagem, fruta e comida caída das cestas de almoço, o bacamarte do guarda, o chapéu do cocheiro, malas abertas; e alguns passageiros estavam de pé, desconsolados, em meio aos destroços. As mulheres estavam sendo ajudadas no ato de deixar a diligência, e choravam mais de medo, do que de algum ferimento sério.

O Duque estacionou sua carruagem, entregou as rédeas a Fowler e saltou para a estrada.

O ruído da discussão entre seu cocheiro e o condutor da diligência era ensurdecedor.

Juntavam-se aos relinchos dos cavalos assustados, que ainda estavam mergulhados na vala, um deles com a perna presa sob um dos eixos, tentando se libertar.

O Duque, dirigindo-se ao irado cocheiro, disse com energia:

-Vá tomar conta dos cavalos, idiota!

O homem depois de um rápido olhar à figura alta e severa que lhe falava, obedeceu por instinto à voz de autoridade, parou de blasfemar e foi fazer o que lhe tinham mandado.

No que pareceu um curto espaço de tempo o Duque transformou o caos em ordem.

Os cavalos da diligência foram libertados dos arreios e puxados para a estrada; a diligência foi tirada da vala, e por sorte, foi verificado que não estava avariada.

A maneira do Duque falar aos passageiros acalmou seus temores, e impediu que eles se negassem a prosseguir viagem, já que muitos, para não dizer a maioria, tinham decidido fazer isso no momento em que ocorrera o acidente.

Com a ajuda da criadagem do Duque, a bagagem foi mais uma vez colocada no alto da diligência, os passageiros levados aos seus lugares e sua comida tirada da estrada.

Antes dos passageiros compreenderem o que tinha ocorrido, o cocheiro tinha

chicoteado os cavalos e a diligência prosseguia devagar, subindo a colina.

Então, o Duque se voltou para seus criados.

-Ele estava bêbado, Sua Graça – disse o cocheiro, defensivamente.

-Ele está bastante sóbrio agora – retrucou o Duque.

examinou os cavalos que pareciam em boa forma, depois inclinou-se para ver a roda da carruagem. Estava empenada, sem dúvida alguma.
Não era uma avaria séria, mas teria que ser consertada por um carpinteiro de carros.

-Por que demoraram tanto a chegar aqui? – perguntou o Duque.

-Foi o jovem George, Sua Graça – replicou o chefe dos cocheiros com ar de mártir. -Ele ficou enjoado e tivemos que parar duas vezes. Agora, eu o coloquei na boléia ao meu lado e mandei James para trás. Bem que eu disse ao Sr. Graystone para não manda-lo! A carruagem balança um pouco com aquela nova mola, e George sempre teve estômago delicado.

-Um aborrecimento! – observou o Duque, anotando mentalmente que, no futuro, criados com estômagos delicados não deviam sair da Casa Selchester.

-Sem dúvida, Sua Graça. Com certeza, a carruagem de bagagem já se encontra e, Baldock há uma hora ou mais – comentou o cocheiro-chefe através dos dentes apertados.

O Duque, contudo, Não estava ouvindo.

-Dirija devagar – disse ele. -Vamos nos encontrar no George e o Dragão, não é?

-Exato, Sua Graça.

-Então, vamos todos para lá – disse o Duque – descobriremos alguém que conserte a roda imediatamente. Pague o dobro do que for pedido, se necessário, porque não desejo me demorar aqui mais do que o tempo previsto.

-Muito bem, Sua Graça.

O Duque achou a estalagem George e o Dragão razoavelmente confortável, e havia em sua adega um vinho clarete que ele declarou, com ar generoso, poder bebê-lo.

Era aborrecido, pensou, que tivesse que passar o resto do dia em Baldock, mas ele não tencionava chegar à casa de Lorde Upminster a não ser da forma que seria esperada.

Seria um comportamento indigno de qualquer cavalheiro de sua posição visitar outro nobre, que não era um amigo íntimo, sem certa dose de pompa e cerimônia.

Pareceria quase um insulto prosseguir em sua carruagem, além do fato de que o Duque não tinha intenção de revelar, que seu cocheiro se envolvera em um acidente.

Embora grande parte da culpa estivesse com a outra parte, sempre se podia pensar que, assim como são necessárias duas pessoas para haver uma briga, também são necessários dois cocheiros para haver um acidente.

-Não – decidiu Sua Graça – a roda deve ser consertada, e enquanto isso, eu terei que esperar em Baldock.

-Mas, o Duque se divertiu. O dono da estalagem lhe indicou onde havia uma briga de galos, e ele dirigiu-se para fora da cidade. Chegou à uma pequena fazenda onde descobriu grande número de fazendeiros, habitantes da cidade e

admiradores de briga de galos.
Briga de galos não era um esporte muito do agrado do Duque, mas certamente fazia as horas passarem de forma mais agradável do que aconteceria se ele não tivesse nada a fazer.
Quando voltou à estalagem, o jantar que o estalajadeiro preparara estava ao menos comível, embora o cozinheiro do Duque em Selchester declarasse, seguramente, que a refeição não era digna nem mesmo dos ajudantes de cozinha.
Quando o Duque tomava o seu terceiro como do Porto, o Sr. Carter, mais pálido e apoquentado que o usual, entrou na sala, chamando a atenção do Duque.
Um homem ainda jovem, de uns trinta e cinco anos, de rosto pálido e temperamento nervoso, o Sr. Carter ficava, invariavelmente, trêmulo como uma geleia quando alguma coisa saía errada.
-Bem, Carter, o que há? – interrogou o Duque.
-A roda devia ficar pronta ao fim da tarde, Sua Graça – falou o Sr. Carter, com uma compostura que estava longe de sentir. -Eu pensara que, talvez, Sua Graça desejasse continuar viagem até Eaton Socon. Mas, é uma noite escura e podíamos sofrer um outro contratempo.
-Não tenho intenção de viajar à noite, como se fôssemos salteadores de estradas ou larápios. Posso conseguir uma cama aqui?
-Sim, certamente, Sua Graça, já providenciei uma – replicou o Sr. Carter.
-Nesse caso veja que os criados e cocheiros fiquem bem acomodados – disse o Duque. -Não desejo que meu pessoal durma sobre um monte de feno.
-Compreendo, Sua Graça, e permita-me acrescentar que a consideração de Sua Graça nesse assunto é muito apreciada.
-Partiremos amanhã, às nove e trinta – disse o Duque.
Sua Graça, contudo, estava sendo muito otimista. Na manhã seguinte, ao descer para o café, encontrou um irado fazendeiro exigindo vê-lo.
De sua fala um tanto incompreensível, o Duque descobriu que a diligência transportava um engradado com galinhas vivas, pertencentes ao fazendeiro. Na pressa de recolocar a bagagem no veículo, o engradado fora esquecido e não tinha sido encontrado até tarde da noite.
O fazendeiro, que morava a alguma distância de Baldock, não soubera do ocorrido a não ser quando viera ao mercado aquela manhã, e ouvindo dizer que a carruagem de viagem do Duque estivera envolvida no acidente, dirigira-se à hospedaria George e o Dragão com um sentimento de queixa.
Mostrava-se bastante aborrecido por ter perdido uma boa venda para as galinhas no Mercado de Smithfield, que sua mulher, uma passageira da diligência, estava levando ao amanhecer.
-Elas não podem ir hoje? – perguntou o Duque, quando o fazendeiro se calou em busca de ar, depois de queixar-se em voz muito alta e com tal violência, que parecia que iria ter um ataque a qualquer momento.
Diante da pergunta aparentemente inocente, houve um princípio de tumulto. O estalajadeiro, sua mulher, o Sr. Carter e várias pessoas que, sem razão aparente, envolveram-se na discussão, tentavam explicar ao Duque, ao mesmo tempo, que não haveria outra diligência antes de dois dias.

A essa altura, o Duque já estava aborrecido.

-Pague ao homem – disse ele a Carter. -Pague o que ele acha que tem direito e vamos nos livrar de suas lamentações.

-Mas, Sua Graça! – exclamou o Sr. Carter, consternado. -A responsabilidade não foi nossa. Os donos da diligência são os responsáveis: se aceitam transportar animais vivos, então, são obrigados a entrega-los no local de destino, dentro de um certo espaço de tempo.

-Meu caro Carter – falou o Duque, arrastando as palavras, de uma forma que seus empregados reconheciam como sinal de perigo – não estou interessado nos direitos legais desse caso. Pague e ponha um ponto final em seus gritos, que me aborrecem muito.

O fazendeiro foi pago, e mais uma vez, o Duque tentou colocar a carruagem de viagem e a bagagem a caminho. Desta vez houve um atraso porque um dos batedores saiu correndo das cocheiras, declarando, aos gritos, que os arreios de seu cavalo tinham sido roubados.

Após a confusão geral foi comprovado que o filho mais novo do estalajadeiro apanhara os arreios, numa tentativa inútil de polir a prata, tornando-a mais brilhante do que já estava.

O menino tentara, era evidente, ser útil. E o Duque achou que a raiva do pai contra o menino era imerecida, e acabou dando ao rapazinho meio guinéu.

Isso deixou-o assombrado e os pais tão gratos, que afinal o cortejo deixou a estalagem George e o Dragão sob uma atmosfera de irradiante boa vontade.

Uma cama muito macia, o clarete e o porto do estalajadeiro, de qualidade inferior, tinham deixado o Duque com uma leve dor de cabeça; por isso, preferiu cavalgar.

-Preciso de exercício – disse ele. -Vou montar Salamanca e cavalgar através do campo. Você – falou ao chefe dos palafreneiro – pode dirigir a carruagem, e todos nós nos encontraremos em Eaton Socon. Acho que a estalagem se chama Cavalo Branco.

-Está certo, Sua Graça – interveio o Sr. Carter.

-Vocês devem chegar lá à tarde – disse o Duque – talvez, às três horas. Esperem por mim! Se eu me atrasar, não se preocupem. Não desejo chegar em Copple Hall antes das cinco.

-Não, Sua Graça?! – disse o Sr. Carter com ar tão duvidoso que o Duque olhou para ele, bruscamente.

-Está pensando na hora do jantar no campo? – perguntou. -Também pensei nisso. Não tenciono, Carter, permitir que meus anfitriões me façam jantar antes das oito horas, e se eles tiverem outras ideias, então terão que muda-las.

Sim, Sua Graça – falou o Sr. Carter com humildade.

-Assim... – o Duque fez uma pausa – talvez, cinco horas seja cedo demais! Seria melhor às seis! Vamos ver. De qualquer maneira, o dia está bonito e Salamanca precisa de exercício.

-Tem certeza de que não gostaria que eu fosse com Sua Graça? – perguntou o palafreneiro-chefe.

O Duque balançou a cabeça.

-E como conseguiria me acompanhar? Sabe muito bem que Salamanca pode vencer, a galope ou a trote, qualquer um dos meus cavalos, mesmo os

melhores deles.

-É verdade, Sua Graça – admitiu o palafreneiro-chefe.

-Então, vamos nos encontrar no Cavalo Branco.

O Duque montou o garanhão que mostrava sua impaciência por partir, balançando a cabeça e empinando.

O Duque obrigou-o a trotar em direção à saída da cidade, e então, mais uma vez eles passaram pelo último chalé, entrando nos campos. Sem vergonha de abusar, galoparam pela terra baixa de Bedfordshire, até que o cavalo e o Duque tiveram uma sensação de bem estar.

Prosseguiram, com Salamanca ultrapassando sem dificuldades as cercas e muros que encontrava. À hora do almoço o Duque descobriu uma estalagem escondida numa pequena aldeia, onde ele tomou um copo de cerveja e comeu um grande pedaço de queijo com pão recém saído do forno.

Foi com alegria que ele prosseguiu, refletindo que poucos homens tinham montaria superior a Salamanca ou poderiam ter passado uma manhã melhor do que ele, com a sensual Zazeli.

Tinha quase esquecido o motivo de sua viagem, e foi com consternação que percebeu que Salamanca claudicava. Puxou as rédeas, e saltou a fim de ver o que estava errado.

Erguendo a pata direita do cavalo, viu imediatamente que uma pedra pontiaguda estava cravada sob a ferradura. Por sorte, o Duque levava em seu bolso um canivete, que era indicado para remover pedras do casco de um cavalo.

Usou o canivete, porém a pedra estava tão encravada que, na tentativa de desloca-la, soltou a ferradura do animal, que veio parar em suas mãos.

Então, aborrecido, ele examinou o casco, e compreendeu que a pedra tinha torcido a pata de Salamanca. Não era uma entorse grave, mas era óbvio que o cavalo não devia ser montado até que descansasse e fosse ferrado.

Guiando o garanhão, o Duque abandonou a trilha da fazenda atravessando um campo, que com sua superfície de pedra, causara o acidente, e prosseguiu em direção a um caminho não distante, e ladeado por cercas.

Quando alcançou o caminho viu uma tabuleta onde estava escrito: *Eaton Socon, dois quilômetros.* O Duque soltou um suspiro. Não era agradável pensar em uma caminhada de dois quilômetros com botas de montaria, e puxando seu cavalo. Então, viu um povoado à esquerda.

Havia a inevitável relva verde, um lago de patos no centro, algumas cabanas com telhados de colmo, e uma estalagem, preta e branca, muito pitoresca.

Havia também uma igreja e o Duque teve esperança de encontrar um ferreiro no pequeno povoado. Puxando Salamanca, que mancava, ele se dirigiu à estalagem.

Quando se acercou viu uma jovem mulher sentada numa cadeira de madeira no exterior. Ela usava um traje verde de montaria, e havia um cavalo perto dela, de boa raça e com bons arreios; o Duque compreendeu, então, que ela não era uma empregada do local.

Notou que a moça ergueu os olhos para ele, quando apareceu na relva, com evidente interesse. Depois, para surpresa do Duque, ela virou a cabeça demonstrando uma falta de curiosidade que era inesperada para o Duque, não

sendo o tipo de recepção costumeira das moças do campo.
Na verdade o Duque tinha quase chegado ao lado dela, antes que a jovem levantasse os olhos de novo. Então, ela ergueu a cabeça e o Duque percebeu que era muito atraente.
Sob um pequeno chapéu tricorne de veludo verde, a desconhecida tinha cabelos castanhos avermelhados caindo em cachos, de cada lado do rosto em forma de coração, que não era de uma beleza clássica, mas irresistivelmente sedutor.
Os olhos eram muito grandes, castanhos, mas pontilhados de ouro, e o nariz pequeno e reto tinha aspecto aristocrático, o que fez o Duque tirar o chapéu, mais impressionado do que ao primeiro olhar.
-Poderia ter a gentileza, senhora, de me informar se há um ferreiro neste povoado? – perguntou.
-Sim, há – replicou ela com voz suave, musical. -Seu cavalo perdeu uma ferradura?
Enquanto falava olhou para Salamanca, e a expressão de indiferença desapareceu do seu rosto.
-Que cavalo maravilhoso! – exclamou, levantando-se, e olhando para o animal com um interesse e ar de excitação que pareceram ao Duque um insulto a si mesmo.
-Ele é magnífico – exclamou a jovem. -Realmente!
-Fico satisfeito que pense assim – disse o Duque com voz orgulhosa, e que faria rir seu amigo Harry – mas, ficaria grato, senhora, se me dissesse onde é o ferreiro.
-Desça a estrada – começou a jovem, mas de repente, mudou de ideia. -Vou leva-lo, é um caminho difícil de explicar.
-Eu não gostaria... – começou o Duque, mas ela já lhe dera as costas, dirigindo-se à estrada e chamando à porta:
-Billy! Billy! Onde está você?
-Estou aqui, Senhorita Verena – respondeu um menino, surgindo de um dos lados da estalagem.
Era um menino de uns dez anos, forte, com cabelos ruivos e sorriso malicioso; olhos azuis que pareciam procurar uma travessura para fazer.
-Precisa de mim, Senhorita Verena?
-Naturalmente – respondeu ela – do contrário, não estaria chamando você. Vou levar essa cavalheiro ao ferreiro. Fique aqui e vigie a estrada: se vir uma grande carruagem puxada por quatro cavalos e cocheiros de libré, vá me chamar, entende?
-Uma carruagem, senhorita?
-Sim, mas ela é diferente das outras que costumam passar por aqui. Dois batedores a acompanharão, você sabe, homens com perucas brancas e chapéus pontudos.
-Como aqueles que acompanham Sua Senhoria quando vai a Londres?
-Isso mesmo. E não esqueça! Vá me chamar imediatamente!
-Tenho trabalho a fazer – falou Billy com ar de dúvida.
-Billy, se vigiar até eu voltar, eu lhe darei... – enfiou a mão no bolso do seu casaco de montaria. -Oh!

-Por favor, deixe-me ser seu banqueiro – disse o Duque com um sorriso – principalmente porque o dinheiro vai ser gasto por minha causa.

-Enfiou a mão no bolso e apanhou várias moedas de prata.

-Oh, obrigada – retrucou Verena sem nenhum embaraço, apanhando a menor moeda da mão do Duque.

-Sinto muito incomodá-lo – disse ela – mas, estou sem bolsa e não tenho nada para subornar Billy, com exceção de um lenço.

Ela riu enquanto falava e o Duque notou covinhas em ambos os lados do rosto.

-Aqui está, Billy, seu pequeno mercenário! – disse ela, estendendo a moeda ao menino. -Vou torcer seu pescoço se deixar a carruagem passar sem me avisar!

-Vou ficar de olhos abertos – prometeu Billy.

A jovem virou-se para o Duque:

-Venha, temos que nos apressar! Eu não posso confiar em Billy! Um esquilo distrairá sua atenção, ou perdido em seus devaneios, nem mesmo verá a carruagem.

Enquanto falava ela começou a atravessar a relva e o Duque seguiu-a puxando Salamanca.

-Por que essa carruagem tem tanta importância? – perguntou.

-Ela pertence a um Duque – respondeu ela.

Caminhava do outro lado de Salamanca, olhando para o cavalo.

-Um Duque! – exclamou Sua Graça, erguendo as sobrancelhas. -E está tão interessada nesse nobre, que se encontra aqui para vê-lo passar?

-Interessada nele? – seu riso soou como um toque de campainhas. -Não, realmente, exceto que estou curiosa para ver um homem egoísta, presunçoso, e orgulhoso que inquietou e perturbou meus amigos!

-De quem está falando?

-Eu vou lhe dizer, se quer saber – disse ela, erguendo a mão para acariciar Salamanca. -Ele é Sua Graça, o odioso Duque de Selchester!

Capítulo III

Por um momento, o Duque ficou surpreendido demais para falar. E antes que ele pudesse encontrar palavras, Verena disse:

-Eu não devia estar falando assim com um estranho! Meu avô sempre diz que minha língua é incansável, por isso, esqueça minhas palavras.

Enquanto falava, ouviu-se um relincho atrás deles, e o Duque, virando a cabeça, viu o cavalo da moça seguindo Salamanca.

-Seu cavalo costuma segui-la sem ser guiado? – Pergunto, surpreso.

Emanuelle Garcia

-Costuma – respondeu Verena. -Está comigo desde que era um potro, e entraria em casa comigo se eu deixasse. É tão obediente que, se eu dissesse: “Vá para casa!”, ele nos deixaria imediatamente. E se meu avô quer me ver, diz apenas: “Assaye, encontre Verena!” e ele me descobre, mesmo que eu esteja afastada de casa.

-Assaye? – interrogou o Duque. -É esse o nome dele?

-Foi a batalha favorita do meu avô, e já ouvi a historia dela tantas vezes, que é quase como se eu estivesse estado lá.

-Suponho que seu avô esteve na Guerra Mahratta?

-Ele esteve em Seringapatam – disse Verena – e voltou para a Inglaterra com Lorde Wellington, quando ele regressou em 1805. E mais tarde, meu avô reuniu-se a ele na Península.

Qual o nome de seu avô?

-Winchcombe, General Sir Alexander Winchcombe.

-Céus! – exclamou o Duque. -O *Velho Late e Morde*!

Depois, ajuntou depressa:

-Oh, desculpe-me, Senhorita Winchcombe, não devia ter dito isso.

-Não se desculpe, meu avô tem muito orgulho do seu apelido. Já me contou muitas vezes como surgiu o apelido. Conhece a historia?

-Não, conte-me, por favor.

-Foi quando vovô se reuniu ao exército do Duque na Península. Ele entrou na sala do rancho, a primeira noite, e ouviu um jovem oficial dizer: “Ouvi contar que chegou um novo General, um daqueles da Índia, que latem e não mordem, espero!” E vovô virou-se e respondeu: “Ao contrário, eu lato e mordo!”

O Duque riu.

-Não conheci seu avô, mas sempre ouvi falar dele com respeito. Ele era um comandante excepcional!

-É maravilhoso ouvi-lo dizer isso! Acho-o uma pessoa excelente, e sei que teria prazer em conhecê-lo ao saber que foi um soldado na Guerra da Península. Mas, o vovô... – fez uma pausa.

-Ele não morreu, não é?

Ela balançou a cabeça.

-Não, mas acho que não vai viver muito. Ele teve um ataque de coração e está em coma. Às vezes, recupera a consciência, porém não reconhece ninguém... nem mesmo eu!

Houve um pequeno soluço em sua voz, que disse ao Duque o quanto ela estava chocada.

-Lamento muito – disse ele.

-Eu tento ser corajosa; vovô não gosta de pessoas muito emotivas, principalmente, mulheres. A única coisa que ele não suporta é choro.

Houve um momento de silêncio. Em seguida, ela disse, com visível esforço para mudar de assunto:

-Não me disse o nome do seu cavalo.

-Salamanca.

-Esteve naquela batalha? – interrogou, os olhos arregalados.

-Estive.

-E em Vitória?

O Duque aquiesceu de novo e sentiu que, pela primeira vez, Verena olhava para ele como se reconhecesse que era um homem, não apenas o dono de um magnífico cavalo!

-Então, deve ter recebido a Cruz de Ouro – disse ela – com suas quatro batalhas gravadas em cada braço.

-De fato tive essa honra – falou o Duque. -Mas, eu teria ficado muito orgulhoso se recebesse as medalhas Mysore e Seringapatam, que sem dúvida, foram oferecidas ao seu avô.

-Vovô tem muitas condecorações, mas perdeu a única pessoa que importava para ele: meu pai foi morto em Waterloo.

-Vejo que tem sangue militar nas veias – falou o Duque.

-Tenho, realmente – replicou, erguendo o queixo com um gesto inconsciente de orgulho. -Todos os Winchcombe serviram seu país, mas agora não há nenhum com vida em... linha direta.

Houve uma pausa antes das duas últimas palavras, e o Duque sentiu que ela mantivera certa reserva sobre isso e perguntou-se o que poderia ser.

Mas, ele estava muito curioso para saber por que a jovem esperava pela chegada da sua carruagem e pensava na maneira de abordar o assunto, quando chegaram à ferraria.

Tinham descido um estreito caminho e encontravam-se agora à margem de um riacho com várias cabanas viradas para ele.

Ao lado de uma delas encontrava-se o forno da ferraria. As chamas ainda brilhavam e a bigorna cintilava à luz delas, mas o local estava vazio.

Verena deu uma olhada, dirigiu-se à porta da casa e bateu. Um segundo depois foi aberta por uma mulher de meia-idade, enxugando as mãos em um avental.

-Bom dia, Senhorita Verena – disse, com um suave acento de Bedfordshire. -Quer falar com Fred?

-Sim, quero. O cavalo desse cavalheiro perdeu uma ferradura.

-Será melhor levarem o cavalo para a estrebaria. Fred não estará em casa antes de uma hora ou mais.

-Onde ele foi? – perguntou Verena.

-Foi à fazenda, Senhorita. Há encrenca com uma das vacas do fazendeiro Wilk, e Fred é de grande ajuda quando existem problemas com o gado.

-Sim, não há outro como ele! Mas, tomara que não demore. Acredito que o cavalheiro deseje continuar viagem.

-Fred voltará para o jantar – respondeu a mulher. -Sabe onde colocar o cavalo, Senhorita Verena?

-Sim, eu sei, não se incomode, Sra. Favel. Acho que está ocupada com as crianças.

Deu meia volta ao falar e, fazendo um sinal ao Duque, guiou-o até os fundos da casa onde havia uma estrebaria pobre, aberta de um lado, mas forrada com palha limpa e com uma manjedoura cheia de alfafa.

O Duque prendeu as rédeas de Salamanca ao ferro da manjedoura, e abaixou-se para examinar a pata do cavalo.

Verificou, satisfeito, que não estava inchada. Mas, Salamanca estremeceu sob o toque dos seus dedos, e moveu-se, inquieto.

Emariannacarcano

-Está machucando-o – disse Verena. -deixe-me ver o que posso fazer.

Agachou-se, massageando a pata do animal com as duas pequenas mãos, suavemente; ao mesmo tempo falava com Salamanca em um tom de voz doce, que pareceu ao Duque, ter alguma coisa hipnótica.

Não havia dúvida de que o animal aprovava o que ela fazia. A princípio ele mexeu as orelhas, mas em seguida, como se compreendesse que ela tentava ajuda-lo, começou a comer alfafa, sem fazer esforço para se mover.

O Duque, depois de vigiar por um momento, temendo que Salamanca fosse escoicear diante de uma estranha, caminhou, para se encostar contra a estaca exterior, observando Verena.

Ele ouvira falar de mulheres que tinham nos dedos o poder de curar, mas sempre pensara que eram ciganas ou camponesas ignorantes, que supunha-se estarem mais perto da natureza do que as pessoas bem educadas.

No entanto, ali estava alguém com um toque milagroso, que parecia uma dama e que sem dúvida alguma o era!

Pensou ao mesmo tempo, examinando o rosto de Verena enquanto ela falava com Salamanca, que a jovem possuía um estranho encanto; alguma coisa que ele não podia explicar a si mesmo, e que era, na verdade, uma espécie de beleza jamais encontrada por ele antes.

As pestanas de Verena eram longas e escuras contra a clara transparência da pele, e os cachos do cabelo castanho pareciam ter deixado cair nele pingos de ouro, combinando com os olhos. A cintura era fina, o corpo se curvava suavemente em perfeito desabrochar.

“Ela vai fazer algum gentil homem do campo ou talvez um soldado extremamente feliz!”, pensou o Duque.

Verena massageou a pata do animal durante uns dez minutos. Depois levantou-se, e acariciando o pescoço de Salamanca, disse:

-Vai ficar bom, meu velho; tudo o que precisa é de uma ferradura e ficará novo em folha!

Então, pela primeira vez desde que cuidava do cavalo, ela olhou para o Duque. Ele pensou que até aquele instante, a moça tinha se esquecido da sua existência.

-Não há nada mais que possamos fazer até Fred voltar – disse ela. -Eu preciso ir, agora. Espero que Billy tenha ficado de vigia como eu mandei. Demoramos mais do que pretendíamos.

-Eu vou acompanha-la.

-Veremos Fred quando ele vier para casa porque a fazenda de Wilk é do outro lado do povoado – explicou Verena. Fred monta uma égua muito velha que leva duas horas para percorrer um quilômetro.

O Duque puxou o relógio do bolso: ainda não eram cinco horas. Ele poderia alcançar Eaton Socon até seis e trinta, se o ferreiro regressasse antes de uma hora. Encontraria sua carruagem e chegaria em Copple Hall logo depois das sete.

Estaria atrasado, mas não seria um atraso imperdoável. Sua Senhoria teria, talvez, que adiar um pouco o jantar, porém isso não importava muito, afinal.

Verena subiu o estreito caminho, margeado por cercas baixas, cobertas de botões em flor; e aos pés das cercas, uma enorme quantidade de primaveras e

Emarianna Cárcano

violetas.

-Por favor, não me julgue impertinente – disse o Duque, de repente – mas estou morto de curiosidade para saber por que motivo está tão zangada com o Duque de Selchester.

-Eu não devia ter falado com tanta franqueza – Verena replicou, mas sua boca sorria e o Duque vislumbrou suas covinhas.

-Por favor, diga-me – pediu – do contrário vai me condenar a uma noite de insônia, imaginando o que o Duque pode ter feito para provocar o seu desagrado.

-Ele é abominável! – exclamou Verena. -Sabe que ele era esperado há dois dias em casa de Lorde Upminster? Leitões, carneiros e vitelas foram mortos, uma cabeça de porco preparada, e já torceram o pescoço de pelo menos dezesseis aves! Charmaine disse, que se tiver que comer alguma ave de novo, quando Sua Graça aparecer, ela baterá os braços como asas e sairá voando.

-Imagino que Sua Graça vai visitar Lorde Upminster.

-Ele vem fazer a corte a Charmaine – respondeu Verena – e ela desata a chorar sempre que pensa nisso.

-Tem certeza de que é esse o objetivo da visita? – perguntou o Duque com cuidado.

-É óbvio, não acha? Sua Graça escreveu de Londres para dizer que passará duas noites na casa. Ele conhece pouco Lorde Upminster, e todos sabem que sua família vem pressionando o Duque há muitos anos para que ele tenha um herdeiro.

-E sua amiga Charmaine acha que ela pode ter agradado ao Duque?

-Ele dançou com ela duas vezes, e Charmaine está apavorada! Contou que o Duque a examinava como se ela fosse uma lagarta arrastando-se em sua salada.

O Duque não pôde deixar de rir.

-Uma lagarta, não!

-Bem, qualquer inseto que ele pudesse afastar com um toque de sua nobre mão – disse Verena com sarcasmo. -Pode imaginar quanta impertinência? Ele fala com uma moça apenas duas vezes e decide que ela preenche os requisitos para ser sua futura esposa.

-Talvez, Sua Graça não tenha intenção de propor casamento – sugeriu o Duque.

-Por que outro motivo ele ficaria em Copple Hall? É uma casa sem conforto e Lorde Upminster só se interessa por gado. Não posso acreditar que o todo poderoso Duque de Selchester queira conversar sobre bezerros no café da manhã, vacas no almoço e bois no jantar.

O Duque desatou a rir.

-Parece uma perspectiva assustadora!

-É muito pior para a pobre Charmaine! Ela quase tinha convencido o pai, como não havia outras propostas, a permitir seu noivado com o nobre Clive Brothwicke. Ele é apenas o segundo filho, com poucos recursos; ele e Charmaine se amam e se isso não tivesse acontecido, estou convencida de que Lorde Upminster daria seu consentimento para que se casassem no próximo ano.

Emariannacarcano

-Bem, é muito fácil: a Senhorita Charmaine deve recusar a proposta do Duque, se ele fizer alguma coisa.

-Recusar! – exclamou Verena. -Como pode ser tão idiota a ponto de pensar que Charmaine pode recusar um Duque? Lorde Upminster está saltando de alegria ao pensar na possibilidade de ter um genro tão importante, e lady Upminster já está planejando o enxoval de Charmaine, e imaginando como tirar pequenas somas do dinheiro das despesas domésticas quando Lorde Upminster não está atento!

-Isso é difícil?

-Não conhece Lorde Upminster – disse Verena. -Ele não é capaz de gastar com a família. Todo o dinheiro deve ser poupado para o gado.

-Está me fazendo sentir pena de sua filha – o Duque sorriu.

-Tudo estaria bem, se não fosse o odioso Duque. Imagine que o monstro anunciou que traria dez criados com ele! E todos terão que ser alojados, sem falar nos cavalos.

Verena fez uma pausa, depois continuou em tom diferente:

-O que desejo ver são os cavalos. Estou certa de que o Duque tem bons animais, embora seja uma pessoa detestável. Eu vou entrar furtivamente nas cocheiras depois que ele tiver chegado, para dar uma olhada nos seus cavalos. Duvido, no entanto, que qualquer deles seja superior a Salamanca.

-Não vai conhecer o Duque?

-Claro que não! Lorde Upminster não gosta de mim. Diz que eu sou ousada, franca em excesso, e destituída de distinção. Sua Senhoria prefere moças afetadas, com olhar tímido, que passam o dia bordando e que só falam quando alguém se dirige a elas.

-Posso ver que não se enquadra nessa categoria – disse o Duque, caçoando.

-Vovô sempre diz que as mulheres são uma maldição de qualquer maneira, e ainda mais quando agem como mulheres.

O Duque tornou a rir. Não havia dúvida de que aquela insinuante pequena o estava fazendo pensar. Ao mesmo tempo, achou-a mais divertida do que qualquer moça com quem já tinha conversado.

-Mas, ainda não explicou – disse ele quando alcançaram o povoado – por que está esperando pelo Duque.

-Não compreende? Copple Hall fica a um quilômetro daqui pela estrada; e a cavalo fica mais meio quilômetro. Cavalgando através dos campos, posso estar lá em dez minutos. Charmaine está muito aborrecida em ficar esperando pelo Duque, usando o seu melhor vestido, quando poderia estar com Clive no campo. E a cozinheira jurou que não vai passar outra ave antes que os cavalos de Sua Graça sejam vistos nos portões da casa.

Ela deu uma risada curta.

-Assim que eu vir a carruagem, galoparei pelo campo para prevenir todos que o herói conquistador está chegando! Charmaine mudará seu vestido, a cozinheira preparará o jantar, e Sua Senhoria estará esperando à porta! E o Duque, que é, certamente, um estúpido, pensará que eles estão contentes de vê-lo!

-Sua Graça também lutou na Península – disse o Duque.

-Não acredito! – exclamou, admirada.

-Asseguro-lhe que é verdade. Eu sei que ele esteve lá.

-Então, se esteve, foi como os hussardos de Hanover que fugiram mais tarde em Waterloo – falou ela com sarcasmo. -Ouvi, muitas vezes, vovô falar com desprezo daqueles jovens cavalheiros, que debandaram, galopando de volta para Bruxelas.

-Não eram ingleses, garanto – respondeu o Duque com frieza, sentindo que devia defender a si próprio.

-Gostaria de poder perguntar ao vovô sobre o Duque, mas isso não importa, realmente. Se aqueles nobres ou grã-finos da sociedade foram para a guerra, procuraram trabalho suave e nunca se aproximaram bastante do inimigo para ver uma arma disparar um tiro.

Pensando no conforto de passar a noite deitado na encosta de uma montanha antes da Batalha de Bussaco, e na febre e fome que tinham sofrido em Badajoz, e concluindo que isso não fora um trabalho leve, o Duque sentiu vontade de esganá-la. Mas, conseguiu dizer com voz calma:

-Muitos dos grã-finos que mencionou, lutaram de verdade, com coragem, e um número considerável deles foi morto em combate.

-Talvez eu esteja sendo injusta e tenha opinião preconcebida – disse ela, arrependida. -Vovô chamaria minha atenção, e eu lhe asseguro que tenho a maior admiração por qualquer soldado que tenha sofrido o desconforto da Península ou que tenha lutado em Waterloo.

O Duque não retrucou e ela falou quase timidamente:

-Não quer me dizer o seu nome, senhor?. Porque, se tem a medalha de que acabou de falar, deve ser um homem corajoso.

Houve uma pausa muito breve antes do Duque dizer:

-Meu nome é Royd, Theron Royd.

-E seu posto?

-Era Major quando deixei o exército.

-Deve ter odiado deixar seu Regimento. Vovô sempre me contou que o dia mais triste de sua vida foi quando disse adeus aos Granadeiros.

-Acho que não somente os Granadeiros, mas todo o Exército, sentiram saudades de seu avô.

-Estou certa que sim, e gostaria muito que pudesse lhe dizer isso!

Aproximaram-se da estalagem, e o Duque notou que se chamava Cachorro e Pato. Não havia sinal de Billy. Verena o descobriu no alto de um carvalho. Ela se acercou do pé da árvore.

-Billy, você viu a carruagem?

-Nem sinal, senhorita.

-Tem certeza?

-Billy escorregou para o chão.

-Torça meu pescoço se eu estiver mentindo – respondeu, passando um dedo sujo pela garganta. Depois, correu em direção à estalagem.

-Nada de Duque! – exclamou Verena. -Acha que Sua Graça se atrasou por causa das cartas em algum salão de jogo, ou será que sucumbiu aos encantos de uma ardente *Incomparável*?

-O que sabe das *Incomparáveis*, Senhorita Winchcombe?

Emariannacarcano

-Nada, felizmente! Mas, tenho certeza de que elas e o Duque têm grande afinidade.

Verena sentou-se no banco de madeira, do lado de fora da estalagem, e o Duque seguiu-a. Assaye, que os tinha acompanhado, começou a comer capim.

-Gosto do seu cavalo – disse o Duque. -É verdade mesmo que ele obedece às suas palavras?

Verena sorriu.

-Assaye! – gritou. -Atenção!

O cavalo endireitou o corpo instintivamente, os cascos juntos, a cabeça erguida, olhando para a frente. Estava imóvel.

-À vontade! – ordenou Verena depois de um minuto.

-Posso fazê-lo morrer pelo Rei – disse ela – mas, quando se erguer novamente, rolará pelo chão e tirará a sela do lugar. Que horas são? O relógio da Igreja não funciona há anos.

O Duque apanhou o relógio no bolso do colete.

-Cinco e quinze.

-Então, uma coisa é certa: o Duque não virá agora.

-Por que não?

-Porque os Upminsters jantam às seis horas – respondeu Verena. -E mesmo que ele chegasse aqui nesse instante, levaria vinte minutos para alcançar Copple Hall. Além disso, suponho que um presumido e impertinente personagem como o Duque não poderia trocar de roupas em menos de meia hora, não acha?

-Estou certo de que o Duque acharia isso impossível – concordou ele – embora, talvez, Sua Graça não esteja acostumado a jantar nos horários do campo.

-Pensei nisso, e disse a Charmaine para lembrar o fato ao pai. Mas, Lorde Upminster respondeu que não ia deixar seu estômago roncar de fome por qualquer nobre, não importa quem fosse.

Ela riu, acrescentando:

-Quando Sua Senhoria vir o Duque, contudo, suspeito de que ficará tão encantado com a sua chegada, que concordará em jantar à meia-noite se for preciso. De qualquer forma, minha vigilância terminou, ao menos por hoje.

Levantou-se enquanto falava.

-Mas, não pode ir embora! – disse o Duque depressa. Esqueceu-se de que eu não poderia reconhecer o ferreiro quando ele passar por aqui? E não pretendo sentar no estábulo com Salamanca até ele regressar.

-Não, claro que não. Eu tinha esquecido. Mas na verdade, tenho coisa mais importante a fazer.

-O quê?

Ela hesitou e o Duque compreendeu que ela decidia se podia confiar nele ou não. Para sua surpresa, viu os olhos castanhos pontilhados de ouro, examinando-o com seriedade, como se ela quisesse descobrir se ele era ou não digno de sua confiança.

Verena estava pensando, realmente, que o Duque era um homem de ótima aparência. Achara no primeiro momento que era muito presunçoso, como se estivesse sendo condescendente com ela, mas agora pensava que talvez ele

fosse tímido para falar com estranhos.

Ela estava com a intuição de que ele não era o que aparentava ser. Não podia explicar a si mesma por que tinha essa impressão. E de repente, pensou que, talvez, fosse porque os militares nunca se sentissem bem em trajes civis, por mais que parecessem elegantes.

O Major Royd era um soldado e isso, por si só, o recomendava. Quantas vezes, desde que seu avô ficara doente, ela sentira falta de alguém com quem pudesse falar, e que se interessasse pelas coisas com as quais estava preocupada.

Verena virou-se para ele, de repente, como se tivesse tomado uma decisão, e disse:

-Jura, se eu lhe contar um segredo, não revela-lo a ninguém sem que eu lhe dê permissão para isso?

-Juro – replicou o Duque sem vacilação.

-Bem... alguma coisa estranha está acontecendo por aqui, e estou resolvida a descobrir do que se trata.

Hesitou por um momento e olhou por cima do ombro , como se temesse que alguém ouvisse suas palavras.

-Eu acho – sussurrou – que é alguma coisa relacionada com os salteadores de estrada. Mas, se é, existe um número razoável deles e estão se portando de maneira bastante estranha.

-O que estão fazendo? – perguntou o Duque sorrindo, divertido.

Ele ouvira historias desse tipo antes, e sabia que a maioria nascia dos medos supersticiosos de camponeses embriagados, ou da imaginação de jovens mulheres, que não tinham experimentado nada de excitante em suas vidas.

-Descendo a estrada – explicou Verena – encontramos o Convento. Pertence ao vovô e foi a residência dos Winchcombe até que, há uns cinquenta anos, os andares superiores se incendiaram, e meu bisavô mudou-se para nossa atual residência. Era pequena e sem conforto até que vovô ganhou uma grande recompensa em dinheiro na Guerra Mahratta, e gastou-o reformando e aumentando a casa.

-Estou contente que o General tenha recebido um prêmio em dinheiro – interveio o Duque. -Sempre achei muito injusto que Wellington, ou o Coronel Wellesley, que ela era então, recebesse apenas quatrocentas libras depois de Seringapatam, quando o total do tesouro foi avaliado em mais de um milhão.

-Vovô também era da mesma opinião, porque sempre diz que foi o Coronel Wellesley quem venceu a batalha, enquanto o General Harris recebia as honras da vitória, e cento e cinquenta mil libras.

-Os prêmios em dinheiro são sempre discutíveis – disse o Duque – mas, continue sua historia.

-Há cerca de um mês, os meninos do povoado começaram a falar sobre a presença de homens estranhos no Convento – prosseguiu ela. -Imaginei que fossem caçadores ou viajantes que tinham procurado abrigo ali. Mas, há uma semana atrás, Billy me contou que ele e outro menino tinham visto quatro homens entrando no Convento, carregando caixas e barris sobre seus cavalos. Eu cavalguei até o Convento. Não havia nada ou ninguém estranho, a não ser marcas de pés na poeira dos degraus do porão, e na própria adega.

Verena franziu a testa.

-Os meninos não são mentirosos, principalmente Billy. Ele não mentiria para mim. Concluí que os homens deviam ter escondido alguma coisa na adega, para depois apanhá-la. Estou certa de que eram salteadores de estrada. Estamos muito longe do litoral para que contrabandistas trouxessem conhaque ou qualquer outra mercadoria.

-Os meninos acharam que eles carregavam barris ou caixas?

-Foi o que me disseram – respondeu Verena. -E esta tarde, quando vim para cá esperar o Duque, Billy me contou que os homens tinham sido vistos de novo. Tom, um outro menino do povoado, jurara que logo depois do amanhecer, quatro homens tinham atravessado o povoado em direção ao velho Convento.

-Estavam a cavalo? – perguntou o Duque.

-Tom não tem certeza, mas acha que cada homem carregava uma caixa.

-O que pretende fazer?

-Eu tencionava, se ficasse muito tarde para esperar o Duque, visitar o Convento a caminho de casa. Não é longe daqui. Suponho... – hesitou, depois continuou: -Suponho que não viria comigo?

-Acho que não deve ir lá sozinha!

-Eu não tenho medo! Mas, seria bom ter comigo alguém alheio ao assunto, para ver o que está havendo por lá e talvez, para verificar se as marcas de pés são recentes.

-Vamos esperar que o contrabando esteja à vista – disse o Duque. -Marcas de pés não são prova evidente.

-Não, realmente – concordou ela. -E tomara que não seja nenhum dos habitantes locais enveredando por um mau caminho.

-Ficaria preocupada se fosse?

-Meu avô sempre se sentiu responsável pelas famílias de Little Copple. Alguns dos homens trabalham em nossa propriedade, e os Winchcombe viveram aqui por muitas gerações antes que o pai de Lorde Upminster comprasse o Hall.

-Então, se seus camponeses tornaram-se salteadores, tentará persuadi-los a exercer uma atividade mais responsável – falou o Duque com ar zombeteiro.

-Tenho certeza, Major Royd, que se sentia responsável por suas tropas durante a guerra – disse ela, séria. -Nós acreditamos que temos responsabilidade semelhante para com aqueles que trabalham para nós.

O Duque, que era um proprietário de terras consciencioso, que sempre demonstrara aos seus locatários e empregados uma generosidade sem rival nas vizinhanças do Castelo Selchester, replicou com humildade:

-Mereci a censura.

-Foi rude de minha parte – falou ela, impulsivamente. -Perdoa-me? Mas, desde a doença de vovô, procuro agir como ele desejaria e nem sempre é fácil, quando não se tem alguém a quem pedir conselhos.

-Mora sozinha com seu avô?

-Mamãe e eu viemos morar com ele depois que papai foi morto em Waterloo. Mamãe morreu e, desde que minha ama se aposentou, vovô e eu vivemos muito felizes sozinhos. Vovô é, algumas vezes, rabugento e muitas pessoas

não compreendem a maneira na qual...

Verena hesitou, à procura de uma palavra.

-Ele late para elas! – interveio o Duque.

-Isso mesmo! – ela riu. -Ele nunca foi ríspido comigo, mas sofre de lumbago desde que serviu na Índia. E quando sente dores, fica muito irritado, realmente.

-Quem poderia censurá-lo? Mas, tenho certeza de uma coisa: seu avô não gostaria que visitasse o Convento sozinha. Eu vou acompanha-la.

-É muita amabilidade sua. E quando voltarmos, tomaremos um atalho até a ferraria. Encontraremos Fred lá, se ele já tiver voltado. De qualquer maneira, quando ele chegar em casa, sua mulher lhe dirá que Salamanca precisa dos seus cuidados.

-Vamos, então – disse o Duque com um sorriso.

Pensou que gostaria de segurar a mão de Verena entre as suas, como se ela fosse uma criança que ele estava levando a passeio.

Em vez disso, caminharam lado a lado, e o Duque pensou que nunca conhecera ninguém tão simples e desprovida de afetação como aquela atraente moça de traje verde.

Assaye seguiu-os sem receber ordem para fazê-lo. Caminharam pela relva até a estrada empoeirada. A uns cem metros do povoado encontraram um portão ladeado por um muro de pedra coberto de hera, e um caminho onde o capim crescia depressa.

-Eis a estrada! – disse Verena.

O Duque avançou, vendo que havia uma avenida de velhos carvalhos, que tinham entrelaçado seus ramos sobre o caminho de tal forma que ele se transformara num túnel escuro, mesmo sob a luz clara do sol.

-Estou seguro de que os habitantes locais acreditam que este lugar está cheio de fantasmas – falou o Duque.

-Claro. E atualmente, temos várias famílias de fantasmas. Há uma freira branca que torce as mãos por algum crime cometido, e pelo qual sofre eterno castigo. E um Cavaleiro que arrasta suas correntes por chãos que não existem mais.

-Não tem medo deles?

-Esquece-se de sou filha de um soldado! – exclamou ela. -Teria vergonha de fugir de fantasmas que não podem me ferir.

-Deixe-me, no entanto, sugerir que tome cuidado com qualquer criatura humana, frequentadora deste local. Salteadores de estrada são perigosos, e devo lhe pedir que nunca venha aqui sozinha.

-Brinquei no Convento desde criança. Não vou permitir que um bando de ladrões me assuste.

-Não seja tola – disse o Duque com severidade. -Com certeza, sabe que caminhar por deliberação própria em direção ao perigo é tão sem sentido quanto o ataque da cavalaria pesada em Waterloo. Seu avô lhe deve ter falado sobre isso.

-Ele me descreveu a cena uma centena de vezes! Nenhuma cavalaria tinha antes derrotado um tão grande contingente de infantaria em formação. Pode acha-los tolos, porém foi uma ação grandiosa!

-Somente cinquenta sobreviveram – disse o Duque, asperamente. -E os

EmarianaCárcano

cavalos sofreram muito. Espero nunca mais ver tão terrível matança!

Verena olhou para ele com atenção. Após um instante, falou devagar:

-Tenho a impressão de que, muitas vezes, quando há guerras, os que ficam em casa, principalmente as mulheres, são presenteadas apenas com as façanhas brilhantes. Na verdade, a guerra é cruel e má, não?

-Foi o que o próprio Duque de Wellington disse – replicou o Duque – ou alguma coisa semelhante. Suas palavras foram: “Tenho fé em Deus, de ter lutado minha última batalha. É uma coisa má estar sempre lutando”.

-Não sabia que ele tinha dito isso – murmurou Verena – mas, pensei com frequência que, se tivesse um filho gostaria que ele fosse um soldado e servisse seu país. Porém, eu também rezaria todas as noites para que não fosse chamado a lutar numa guerra tão sacrificada e difícil como aquelas em que meu avô, meu pai e o senhor combateram.

-Esse é o sentimento correto no que diz respeito às mulheres – concordou o Duque.

-Ao mesmo tempo, eu não desejaria que meu filho fosse um covarde! – disse ela, depressa.

-Acho que isso seria improvável, tratando-se de seu filho.

Ela ergueu os olhos para ele, e o Duque viu-os brilhar.

-Esse é o elogio mais bonito que já me fizeram! Obrigada, Major Royd. Bem, aqui estamos.

Virou-se para Assaye que continuava atrás deles, ordenando:

-Esconda-se, Assaye!

O cavalo hesitou, depois se afastou a trote em direção a um arvoredo.

-Ele vai mesmo se esconder? – surpreendeu-se o Duque.

-Claro que sim. Nós costumávamos nos esconder juntos quando eu fugia da minha governanta e eu lhe ensinei a brincar de esconde-esconde. Juro que seria impossível encontra-lo.

-É inacreditável!

O Duque viu que o Convento tinha sido um belo prédio elisabetano. Dos dois andares superiores só restavam paredes queimadas enquanto o telhado tinha desaparecido.

O jardim era um matagal e um lago, aos fundos da casa de onde os monges tiravam seus peixes, encontrava-se quase totalmente escondido pelos arbustos.

-Vou leva-lo ao porão – disse Verena. -Mas, caminhe com cuidado; alguns degraus da escada apodreceram com o tempo e é fácil escorregar, rolar a escada e cair de costas no fundo.

-Eu vou tomar cuidado, - replicou o Duque com frieza.

O andar térreo da casa era formado por paredes com janelas sem vidros, por tetos queimados e escuros, o reboco caindo sobre o chão.

Uma quantidade de lixo estava amontoado no que tinha sido um luxuoso hall, com uma escada de madeira esculpida dobrando-se para cima.

Verena o precedeu através do hall sob a escada e desceu um corredor que levava ao que fora aposento dos criados.

O lugar estava coberto por teias de aranha e uma poeira espessa revestia o chão. O Duque pôde ver rastros recentes, que poderiam ter sido feitos por

EmariannaCárcano

nada mais sinistro que os pés das crianças do povoado, explorando as ruínas, ou pela própria Verena, quando viera procurar o contrabando.

O Duque não acreditava em historias de salteadores. Mas, ao mesmo tempo, no fundo de sua mente, ele tinha o estranho pressentimento de que as pegadas levariam a alguma coisa importante.

Verena se deteve nos degraus da adega. A porta que isolava o local do corredor principal, estava fora dos eixos. À medida que desciam, a luz fraca das janelas no nível do chão, que ainda possuíam grades de ferro, iluminava a escada.

A adega, cheia de entulho, parecia ocupar toda a extensão da grande casa. Enquanto o Duque e Verena passavam de uma peça a outra sentiam a umidade e o mofo. Além da adega principal, dividida por muros de pedra, existiam cavernas interiores, escondidas atrás de portas de madeira com ferrolhos e fechaduras resistentes. Estavam abertas agora, apenas para revelar uma escuridão soturna.

Quando o Duque seguia Verena percebeu um grande número de prateleiras bolorentas e barris antigos, muito grandes, de cerveja.

-Seus antepassados bebiam bastante – disse o Duque, ouvindo sua voz ecoar pelas cavernas vazias.

-Meu bisavô apreciava uma boa bebida – ela sorriu.

-O meu também – disse o Duque.

Entraram em outra adega, onde havia mais algumas dúzias de barris vazios, mas a porta da caverna interior estava fechada e trancada.

-Quando estive aqui da última vez – disse Verena, parando subitamente – aquela porta estava aberta.

-Tem certeza?

-Absoluta.

-Bem, vamos abrir a porta e ver se há alguma coisa lá dentro – disse o Duque, dirigindo-se à porta e vendo que estava trancada, mas que não havia chave.

-Está trancada! – exclamou.

-Eu sei onde estão as chaves – disse Verena.

-Onde?

-Vou levar um ou dois minutos porque é lá no final.

Ela se afastou correndo, deixando o Duque olhando fixamente para a porta. Ele inspecionou a fechadura com cuidado. Era evidente que alguém colocara óleo nela há pouco tempo. Era muito grande, o tipo de fechadura que os monges usavam nas portas da igreja, e aparentemente, nas adegas dos Conventos.

Havia dois ferrolhos e esses se moveram com facilidade quando o Duque os puxou. Então, ele examinou a fechadura de novo. Imaginava se Verena encontraria a chave onde esperava.

Porque, se alguém estava usando o local para fins ilícitos, não colocaria a chave no lugar habitual; e era pouco provável, considerando-se que os monges eram hábeis artesãos, que as fechaduras das adegas fossem idênticas.

Estava pensando se poderia arrombar a porta, mas duvidando que fosse possível mesmo que tivesse as ferramentas adequadas, quando ouviu um

passo atrás dele.

-Encontrou a chave? – tencionava perguntar, pensando que era Verena.

Porém, quando ia abrir a boca para falar, sentiu um choque ofuscante em sua cabeça, seguido imediatamente por outro. Ele se viu caindo... E não soube de mais nada.

Capítulo IV

Verena dirigiu-se ao fim da adega onde, num vão da parede, estava escondido um pequeno depósito que os monges tinham feito há séculos atrás, para guardar suas chaves.

Mesmo que o Duque tivesse querido acompanha-la, ela não teria permitido que ele descobrisse o segredo, revelado por seu avô há alguns anos, dizendo-lhe que era conhecido apenas pela família Winchcombe e passado de pai para filho.

-Agora, não tenho filho – dissera ele, com tristeza – e preciso lhe mostrar o segredo, porque você é a última descendente direta de uma família que existiu durante cinco séculos.

Isso impressionara muito a menina de dez anos, e quando o General empurrara a alavanca oculta atrás de uma coluna, e uma enorme pedra se movera para descobrir uma pequena abertura, ela ficara emocionada.

A abertura dava apenas para um homem enfiar sua mão. Num espaço oco estava um gancho e nele estavam penduradas as grandes chaves da adega.

Verena costumava pensar por que motivo os monges tinham tomado tantas precauções com o vinho; porque, não havia dúvida, de que seria impossível para alguém que desconhecesse o segredo das chaves, encontra-las. E além disse, ela sempre acreditara ser impossível alguém conseguir arrombar as portas da adega.

Agora quando chegara ao local do segredo, olhou para trás a fim de ter certeza de que o Duque não a tinha seguido.

Então, com um pequeno estremecimento de excitação, que não a abandonara durante aqueles anos, empurrou a alavanca de ferro e a pedra se moveu.

Ela escorregou a pequena mão para o interior da abertura, somente para verificar que não havia nada pendurado no gancho de ferro. Pensou que as chaves podiam ter caído, mas o buraco não era profundo e não havia coisa alguma no fundo, exceto poeira e alguns pedaços de pedra.

Verena ficou olhando para o esconderijo antigo com uma ruga entre os olhos.

“Quem podia ter descoberto o segredo das chaves?”, pensou.

Não podia se tratar de alguém que tivesse descoberto o segredo por acaso, porque, então, era improvável que fechasse de novo a pedra, empurrando a alavanca.

Devagar, intrigada e preocupada, ela regressou ao lugar onde deixara o Duque. Não pretendia lhe revelar, nem mesmo naquele momento, o segredo das chaves. Em vez disso, diria que as chaves tinham sido roubadas.

Mas, alguém sabia sobre as chaves! Alguém as apanhara e trancara a porta

da adega! E essa pessoa, quem quer que fosse, tinha vindo ao Convento depois de sua visita na última semana!

Verena estava tão imersa em seus pensamentos que não percebeu que tinha alcançado o lugar onde deixara o Duque. Mas, quando entrou na adega viu um homem atingi-lo com um pau nodoso, em uma fração de segundo. O primeiro golpe arrancou-lhe a cartola da cabeça, e o fez cambalear; em seguida, com o segundo golpe, ele caiu.

Por um instante, Verena ficou paralisada, incapaz de gritar. Mas quando o Duque caiu ao chão, com um baque surdo, ela ouviu passos descendo a escada de pedra.

Com cuidado, sem pensar conscientemente, ela escondeu-se atrás dos grandes barris vazios que se encontravam no chão, entre ela e o homem com o porrete.

Foi o instinto de conservação que a fez agachar-se no chão empoeirado. Seu coração batia tão forte que ela imaginou que ia traí-la. Podia ouvir os passos se acercando até que entraram na adega onde ela se escondia.

Foi nesse momento que ouviu o homem do porrete falar:

-Encontrei um estranho aqui, senhor. Acha que estava procurando provas contra nós?

O homem não falava com educação, mas também não era um ignorante. Não tinha nenhum sotaque especial, e Verena pensou que ele parecia um criado de gabarito.

Não havia dúvida de que o homem que lhe respondeu tinha a fala pausada de um cavalheiro:

-Um homem? Maldição! Ele não é um contrabandista?

-Não com aquelas botas, senhor!

Verena imaginou que o cavalheiro examinava o Duque.

-Tem razão! – exclamou.

-Devo virá-lo, para que possa ver o seu rosto, senhor?

-Para quê? Talvez, ele seja apenas um viajante à procura de abrigo contra a inclemência do tempo.

-Devo enfiar uma bala nele, senhor?

-Seu maldito idiota! – exclamou o cavalheiro. -Homens mortos provocam perguntas e levam historias até os juízes. Vamos continuar com nossa tarefa. É um aborrecimento que ele tenha vindo até cá porque não poderemos usar novamente este lugar por um ou dois meses, pelo menos. Apanhou a chave?

-Aqui está, senhor.

-Então abra a porta depressa – ordenou o cavalheiro.

Espiando através das frestas entre os barris, Verena pôde ver o homem que atacara o Duque introduzir uma chave na fechadura. Ele estava de costas, mas ela viu o perfil do cavalheiro com clareza.

Feições definidas com um nariz pontudo sobre a boca de lábios grossos, estava vestido com grande elegância. O casaco caro, ajustado ao corpo, a gravata com pregas e as pontas do colarinho alto bem acima do queixo. Usava a cartola inclinada para um lado, e tinha, pensou ela, a aparência de uma grã-fino, ou ao menos de um cavalheiro que se trajava na última moda.

O homem do porrete abrira a porta da adega, e agora, mergulhava na

escuridão para voltar carregando o que parecia ser uma pesada caixa de madeira, amarrada e lacrada.

-Quantas? – perguntou o cavalheiro.

-Quatro, senhor. A carruagem se dirigia a York e acho que tivemos sorte dessa vez.

Houve um rangido quando o homem colocou a caixa no chão, e enquanto ele se endireitava, procurando um canivete no bolso para cortar as cordas, Verena pôde ver claramente o seu rosto.

Ela esperara alguém mal-encarado, um bandido com cicatrizes de cortes de espada no rosto, e feições grosseiras. Em vez disso, o homem tinha aspecto de santo.

O cabelo cinzento era branco nas têmporas, tinha feições comuns, mas olhos argutos e perspicazes sob as sobrancelhas grossas. Ele podia ter sido um negociante ou mordomo, e era bem diferente da ideia que fazia de um salteador de estradas.

Ele se ajoelhou e, um momento depois, Verena ouviu o cavalheiro exclamar com voz triunfante:

-Céus! Que prêmio! Ouro! Milhares de libras!

-Era o que eu suspeitava, senhor! Eu irei buscar o resto se começar a colocar as moedas no saco.

protegida pelo tilintar das moedas de ouro, Verena, com muito cuidado, mudou de posição atrás dos barris até que pudesse ver o rosto do cavalheiro.

Ele estava apanhando punhados de moedas da caixa e colocando-as em um estreito e comprido saco, parecido com os que os comerciantes usam para guardar arroz e outras mercadorias.

Ele tinha aspecto de homem educado, como ela suspeitara, mas havia alguma coisa nele mais desagradável do que no homem com o porrete. Seu rosto era magro e frívolo; e a expressão dos olhos, enquanto tirava as moedas da caixa, era tão cobiçosa como repulsiva.

O homem saiu da caverna trazendo mais caixas. Abriu-as e Verena ouviu-o dizer:

-Notas do Banco da Inglaterra nesta aqui, senhor.

-Usadas ou não?

-A maioria parece usada, senhor!

-Ótimo, não há perigo, então. Tem outro saco para elas?

-Sim, senhor, trouxe quatro comigo.

-Devem bastar. Abra as outras caixas.

Houve o ruído das tampas pressionadas contra o chão.

-Mil libras! – exclamou o cavalheiro.

-Apólices, senhor! Vamos ficar com elas?

-Não, é muito perigoso! – retrucou o cavalheiro. -Jogue-as na água com as outras caixas, mas ponha um peso nelas para não flutuarem.

-Eu tinha pensado nisso, senhor – respondeu o homem com um leve tom de censura na voz.

Não houve resposta e ele continuou:

-Vou levar esse saco para a carruagem, senhor. Só espero que haja lugar para todos eles no esconderijo.

-É preciso arrumar os sacos bem juntos – disse o cavalheiro. -Eu falei que o esconderijo era pequeno quando estava sendo construído.
-Senhor, se fosse maior poderia levantar suspeitas. Como é, seria necessário um olho perspicaz para perceber a diferença entre a carruagem e qualquer outro veículo.
-Ande depressa, idiota, e pare de falar! – exclamou o cavalheiro, de súbito. -Coloque os sacos lá e vamos dar o fora! Sinto arrepios em ficar aqui com aquele homem estirado no chão.
-Ele não pode ouvir o que dizemos, senhor. Mas, se está preocupado, deixe-me providenciar para que ele não fale. Não devemos correr nenhum risco.
-Haverá um risco bem maior se deixarmos mais cadáveres por aí – falou o cavalheiro com rispidez.
-Está bem, senhor – concordou o homem, colocando um saco embaixo de um braço e uma caixa sob o outro, e dirigindo-se para as escadas.
Verena permaneceu imóvel. Sabia que era perigoso fixar o olhar no cavalheiro agora, que estava sozinho. Compreendia que era fácil alguém sentir instintivamente que estava sendo vigiado.
Fechou os olhos porque estava com muito medo de ser descoberta, e ficou escutando o tilintar das moedas que o cavalheiro punha num dos sacos.
O homem que atacara o Duque voltou. Carregou de novo um saco e uma caixa, deixando a adega. E agora, havia apenas o ruído suave das notas, quando o cavalheiro as colocava em outro saco.
-Quinze milhões de libras, no mínimo – falou consigo mesmo em voz alta, uma vez.
A quarta caixa, que continha as apólices foi apanhada quando o homem voltou. Agora, a operação estava terminada.
O cavalheiro se ergueu e Verena o viu olhar para o Duque.
-Será que ele era suspeito, realmente? – perguntou. -Não, apenas um viajante, Hickson ! Tenho certeza disso; talvez, sedento, e à procura de bebida. Bem, vamos tratar de convencer aqueles que o encontrarem, que ele perambulava por aqui por engano de bêbado.
-Como vamos fazer isso?
-É simples – o cavalheiro tinha m sorriso desagradável nos lábios.
Enquanto falava, desatarraxou a tampa de ouro da elegante bengala que usava quando entrara na adega. Tirou do cabo uma garrafinha comprida e fina que Verena sabia conter conhaque. Ela já vira uma bengala assim antes: na verdade, seu pai tinha uma.
Quando o cavalheiro abriu a garrafa e despejou seu conteúdo sobre o pescoço do Duque, ela o ouviu dizer:
-É uma pena desperdiçar conhaque, mas se alguém o encontrar e ele falar sobre portas fechadas, duvido que acredite nele ao sentir o forte cheiro de bebida.
-É inteligente, senhor! – disse Hickson. -Nunca conheci um cavalheiro tão exigente com os detalhes.
-Por isso somos bem sucedidos, Hickson – respondeu, satisfeito. -Lembre-se sempre de que, em uma operação como a nossa, o que conta são os detalhes, cada um deles. Isso me recorda... não teve dificuldades essa manhã?

Emanuella Carcano

-Nenhuma, senhor, tudo ocorreu como tinha planejado. Havia tanta neblina naquele charco perto do rio que não se podia ver um palmo adiante do nariz. Os guardas morreram antes de saber o que os tinha atingido, e os cocheiros, inconscientes, foram amarrados no interior da carruagem antes que pudessem abrir a boca.

-Eles não viram nenhum de vocês?

-Não, senhor; e de qualquer maneira todos nós tínhamos os rostos cobertos.

-Ótimo, dou-lhe os parabéns, Hickson!

-Cumpri apenas suas ordens, senhor – respondeu Hickson com voz humilde.

-E deve fazer isso sempre! – advertiu o cavalheiro. -Há cem guinéus em seu bolso, Hickson, e cinquenta para cada um dos seus homens. Nada maus para uma manhã de trabalho!

-Nada mau, senhor, mas esperava que aumentasse o pagamento. Tive despesas, senhor, como sabe, e tenho que estar seguro de que os homens que emprego, em seu nome, são de confiança. Nem sempre é fácil.

Houve silêncio. Verena viu os dois homens se encararem, e compreendeu pela tensão do rosto do cavalheiro, que ele estava zangado, mas também assustado.

-O que deseja? – perguntou afinal, e era evidente o tom de ressentimento da voz.

-Quinhentas libras, senhor – respondeu Hickson com voz de veludo. É impossível eu me arranjar com menos. E ao ver a quantidade de sacos... os homens estão esperando um pouco mais. Cem libras para cada um, senhor.

-Maldição! Isto é chantagem! – exclamou o cavalheiro.

-Não, senhor. Apenas um gesto generoso de sua parte e uma prova de sua satisfação, já que os planos deram certo.

-Maldição! Mas, sabe que não posso recusar. Muito bem, pode levar esse amaldiçoado dinheiro quando chegarmos a Londres. Mas, não seja muito exigente, Hickson, porque poderei encontrar outros para levar a cabo minhas ordens.

-Acho que seria um erro, senhor, haver um desentendimento por causa de algumas insignificantes moedas.

A voz de Hickson era ainda a de um criado serviçal, mas ao mesmo tempo, sentia-se a ameaça sublinhando suas palavras.

Houve uma pausa e Verena viu que os homens se examinavam mutuamente. Em seguida, o cavalheiro se virou para os degraus da escada, carregando o saco em uma das mãos.

-Vamos sair daqui, antes que se torne muito perigoso!

Deixou a adega. Hickson colocou o último saco sob um braço e levantou as duas caixas restantes. O porrete pendia dos dedos de uma das mãos.

Olhando ao redor, ele pareceu fixar os olhos no Duque por um momento, e depois, sorridente, seguiu os passos do chefe.

Verena não se moveu. Esperou, temerosa de que um deles voltassem até ouvir ao longe o som de cascos de cavalos que se afastavam.

* * *

Emariannacárcano

De repente, o Duque ouviu vozes falando em tom baixo. A princípio não conseguiu entender o que diziam.

Ele pensara, nas poucas ocasiões em que fora capaz de pensamento coerente, que se encontrava em um campo de batalha e que fora ferido. Podia se lembrar de ter imaginado por que motivo o chão era tão macio.

A do de cabeça tinha sido bem real, e supusera que uma bala francesa podia ter-se alojado nela; ou que, talvez, uma bala de canhão o tivesse atingido de raspão.

Lembrava-se de ter gritado porque estava com sede, e quisera saber quem lhe trouxera água em um copo, em vez de trazê-la em um cantil; o que ele bebera não tinha gosto de água salobra e que viajara durante dias sobre a sela de um cavalo.

Pensava como era odioso ter sido ferido após sobreviver ileso por tanto tempo.

-Malditos franceses! – disse a si mesmo, imaginando que uma mulher respondera-o que era ridículo!

Mas, agora sabia que estava deitado em uma cama bem macia. A cabeça ainda doía e era penoso abrir os olhos. Ouviu uma voz de homem dizer:

-Tem certeza de que não é muito cansativo para a senhora passar outra noite com o cavalheiro? Srta. Verena, seria melhor deixar o Dr. Graves mandar a Sra. Doughty.

-Eu não vou deixar que aquela parteira bêbada e velha tome conta de um homem doente! – respondeu uma voz jovem, com desprezo. -Não se preocupe comigo, Travers; você deve cuidar de vovô e isso é bastante para qualquer um.

-Eu não gosto disso Srta. Verena. Esta é a verdade!

-Você vai ter que se conformar, Travers – replicou ela com uma ponta de riso na voz. -Sabe muito bem que eu sou capaz de cuidar de um enfermo. Agora, vá dormir, e prometo que tocarei a campainha se precisar de você.

-avise-me imediatamente, Srta. Verena, se o cavalheiro recuperar a consciência. E também se ele recomeçar a delirar!

-Se ele delirar, tomarei conta dele de novo, como fiz antes. Tem que admitir, Travers, que fui a única pessoa capaz de acalmá-lo.

-Isso é verdade, senhorita. Bem, se quiser alguma coisa toque a campainha ou me chame. Estarei no corredor, como sabe.

-Vá dormir, Travers e pare de cacarejar à minha volta como uma galinha choca – disse Verena. -O doutor acha que o Major Royd só recuperará os sentidos amanhã. Boa noite Travers.

-Boa noite, senhorita.

Houve o ruído da porta ao ser fechada, e as ondas de escuridão se retiraram do cérebro do Duque; ele começou a se lembrar da moça vestida de verde, à espera do Duque de Selchester! E o Convento em ruínas onde ela o tinha levado! A porta trancada da adega... sim, fora lá que acontecera!

Conseguiu se lembrar do súbito golpe em sua cabeça, da sensação de queda. Depois, a escuridão – uma escuridão onde ele se sentira lutando durantes horas; ou tinham sido dias?

Com um esforço sobre-humano, o Duque abriu os olhos. Estava deitado em uma cama grande, com um cortinado abaixado de um dos lados para protege-

lo da vela acesa, e sentada perto da cama, em uma cadeira de espaldar alto, estava Verena.

Ele se lembrava dela agora. O pequeno rosto em forma de coração, encantador; os olhos pontilhados de ouro, o cabelo castanho caído sobre os ombros – ele não se lembrava de que era tão longo.

Depois, viu que ela usava um casacão de lã branca, amarrado ao redor da cintura fina, com mangas largas como um manto de monge.

Havia um livro em sua mão e ela o estava segurando de modo que a luz da vela batesse sobre ele.

O Duque não falou, porém ela olhou para ele imediatamente, como se sentisse que ele não estava mais inconsciente.

Pousou o livro, levantou-se e aproximou-se.

-Está acordado afinal? – perguntou com voz suave e musical.

Ele não respondeu e Verena colocou a pequena mão fria sobre a testa do homem. O Duque se lembrou de que, muitas vezes, nas tortuosa escuridão dos seus sonhos, sentira a mão fria em sua testa, imaginando tratar-se do vento soprando sobre as montanhas em Portugal.

-Onde estou?

Seus lábios mal podiam articular as palavras, porém ela entendeu.

-Está na casa do meu avô, em segurança, e estou cuidando do senhor, Major Royd.

-Há quanto tempo?

-É o segundo dia que passa aqui, e será a terceira noite desde que recebeu o golpe na cabeça.

-Quem foi?

-Eu lhe contarei mais tarde. Durma.

Ele sentiu os dedos de Verena movendo-se em sua testa e a gentil pressão pareceu-lhe quase hipnótica. Havia tantas perguntas que ele desejava lhe fazer, mas, de certa forma, não eram importantes. Estava cansado, queria dormir, e a insistência daqueles dedos era irresistível...

Quando acordou de novo, era dia. Não havia sinal de Verena, mas um criado estava arrumando a cama. Não era um rapaz, porém alguma coisa em seu porte, e na maneira como mantinha a cabeça e ombros, disseram ao Duque que ele tinha sido um soldado.

Lembrou-se de que se encontrava na casa do General Sir Alexander Winchcombe – *o Velho Late e Morde* – e fora sua neta quem o tinha trazido para lá. A mesma, maldição, responsável por seu ferimento na cabeça.

-Vejo que está acordado, Sir – disse uma voz respeitosa. -Gostaria de beber ou comer alguma coisa?

-Gostaria de fazer a barba.

-Muito bem, Sir, e posso sugerir que tome o mingau que a Srta. Verena preparou para o senhor?

-Não quero mingau algum – o Duque teve vontade de responder, mas custava-lhe um grande esforço falar.

Quando o mingau veio, ele o tomou.

Não estava dormindo quando o criado fez sua barba, porém manteve os olhos fechados durante a maior parte do tempo. No entanto, ele devia ter

adormecido, porque parecia que tinham se passado apenas alguns minutos quando já era de tarde, e Verena entrou no quarto seguida pelo médico.

O Duque julgava estar aborrecido com ela, e contudo, quando ela se acercou, sorrindo para ele, achou impossível não retribuir o sorriso.

Ela era tão jovem, tão encantadora e bonita sob a luz do sol que penetrava pela janela!

-O Dr. Graves veio vê-lo, Major Royd.

O médico era um jovial homem de meia-idade que, apesar de atender a chamados por muitos quilômetros de campo, encontrava tempo para caçar durante três dias no inverno, e para navegar no verão pelo Rio Ouse.

Examinou a cabeça do Duque.

-Teve sorte de ser alto, Major – disse ele -porque, se o golpe tivesse atingido o alto da cabeça, talvez, tivéssemos problemas. Dessa forma, a arma usada atingiu-o, porém sem causar um dano sério. Não precisamos ter medo de que termine seus dias num manicômio!

O médico riu de sua piada, que o Duque achou sem graça.

-Precisa descansar e dormir – ajuntou o médico. -Coma o que desejar, mas não tente se levantar até ter certeza de que o chão não se erguerá, batendo em seu rosto.

Tornou a rir.

-Tem um bom físico, meu jovem, o que é metade da batalha! Como é um soldado, acho que é a expressão correta, se posso dizer isso.

-Quanto tempo terei de ficar aqui? – perguntou o Duque.

-Aconselho-o a ficar o maior tempo possível. Tem conforto, não necessita fazer qualquer esforço, e sua enfermeira é excelente.

Sorriu para Verena enquanto falava.

-Obrigada, senhor – retrucou ela. -Infelizmente seu paciente não aprecia. Na verdade, quando ele delirava, pensava que eu era um soldado de Bonaparte, e tentava me dar um tiro.

-Faça-o pedir desculpas – disse o médico – ou reduza sua comida.

Divertido com o seu senso de humor, o médico bateu de leve no ombro no Duque.

-Agora, tenha juízo, Major; se tentar levantar muito cedo, sentirá como se sua cabeça estivesse sendo aberta com um machado. E além disso, estaria ameaçado de voltar para a cama depois de uma ou duas semanas. Virei aqui dentro de dois dias, e até lá, nada de querer bancar o herói.

Atravessou o quarto seguido por Verena. O Duque escutou-os falar sobre o General, até que não pôde ouvir mais nada.

Sua cabeça doía mais do que ele queria admitir. E porque não gostava de se sentir inerte, franziu a testa para Verena quando ela regressou ao quarto.

-Uma coisa devia animá-lo – disse ela. -Não vai ficar com o cérebro perturbado como resultado de tudo isso!

-O que é um grande consolo para mim! – exclamou o Duque com secura. -Gostaria de deixar claro, jovem, que nada disso teria ocorrido se não tivesse me convencido a procurar salteadores de estrada na sua desagradável adega.

-Não foram salteadores de estrada que o atacaram – responde Verena. -Foram os ladrões de ouro!

Emariamacarano

O Duque se esqueceu da própria dor.

-Ladrões de ouro! – exclamou. -Como sabe?

-Eu os vi – explicou Verena. -Oh, estou tão contente que esteja melhor! Estava ansiosa para lhe contar o que aconteceu. Está se sentindo bem para me ouvir?

-Claro que estou bem! Conte-me exatamente o que aconteceu.

Ela hesitou:

-O médico disse que devia descansar.

-Depois de ter despertado minha curiosidade, vou ficar inquieto se não quiser me contar o que sucedeu, após eu ter sido covardemente atingido por mão invisível!

-O homem que o atacou se chama Hickson. Ele não parece um salteador de estradas ou um criminoso, o que na verdade é. Ouviu-o admitir que matou dois guardas da carruagem do ouro, e golpeado e amarrado os cocheiros.

O Duque estava tão interessado, que fez um movimento como se tencionasse se sentar. Mas, sentiu imediatamente uma terrível dor na cabeça, obrigando-o a deixar-se cair contra os travesseiros.

-Não, não se mova! – ordenou Verena, ajeitando os travesseiros sob sua cabeça.

-Não posso vê-la direito – queixou-se. -E não quero perder uma palavra do que está me contando.

-Nesse caso, vou me sentar na cama para que possa me ver – disse ela.

Sem demonstrar embaraço ou constrangimento ela sentou-se à beira da cama, que era bastante larga para acomodar duas pessoas. O Duque pôde ficar à vontade, olhando para ela, e pensando de novo que Verena era diferente de todas as moças que já conhecera.

O cabelo estava penteado, como os cachos caindo de cada lado do rosto, e uma parte enrolada no alto da cabeça. O Duque se lembrou que, quando recuperara a consciência pela primeira vez, chegava até a cintura. E agora, com a luz do sol entrando pela janela, ele podia ver pontos dourados sobre o castanho.

Podia ver também o ouro brilhando em seus olhos, quando ela começara a contar o que acontecera na adega.

A historia era longa e quando Verena parou de falar, o Duque compreendeu que desejava lhe fazer milhares de perguntas.

Mas, estava muito cansado. Lentamente, suas pálpebras cobriram seus olhos, e ele teve consciência de que Verena se inclinava, colocando mais uma vez a mão sobre sua testa.

Era confortador sentir o toque suave de sua mão, que se lembrou, tinha também massageado a pata de Salamanca. A recordação do cavalo despertou-o, de repente.

-Salamanca? – murmurou.

-Ele está nas cocheiras de vovô – respondeu Verena. -Não se preocupe.

O Duque dormiu antes que ela dissesse a última palavra.

Quando despertou de novo, viu, assustado, uns cabelos vermelhos e um par de olhos azuis diante dele.

Billy! – exclamou o Duque, falando mais consigo mesmo para ter certeza de

que se lembrava do nome, do que se dirigindo ao menino.
-Está melhor, Major? – perguntou Billy. -A Srta. Verena foi à casa-grande para ver a Srta. Charmaine. Ela disse para eu avisar que ela estaria de volta num instante, se o senhor precisasse de alguma coisa.
O Duque ficou pensativo antes de perguntar:
-Acha que poderia me fazer um favor sem dizer nada à Senhorita Verena ou a qualquer outra pessoa?
-Claro que sim! Não vou falar, prometo.
-Bem, quero que leve um bilhete a Eaton Socon. Pode fazer isso Billy?
-Claro que posso – respondeu Billy com desprezo. -Chego lá em uma hora se caminhar pelo campo. Talvez eu possa voltar no cabriolé do fazendeiro Wilk.
-Dê-me pena e papel – pediu o Duque – vou escrever o bilhete.
O Duque teve dificuldade em escrever deitado, apoiando o papel contra o livro, e usando a pena que Billy informou ter apanhado na escrivaninha do General.
Uma ou duas vezes, as palavras pareceram dançar diante dos seus olhos, mas finalmente, conseguiu escrever:

Fui retido. Fique onde está até que eu mande chama-lo.
Sob pretexto algum deixe o menino saber meu nome, mas dê-lhe duas coroas.

Selchester.

O Duque endereçou a carta ao Sr. Carter, Taverna do Cavalo Branco, Eaton Socon. Imaginava o que o seu empregado pensaria a respeito. Mas, sabia que o Sr. Carter, não importa o que pensasse, cumpriria as ordens do seu patrão.
-Sabe ler? – perguntou ao entregar a carta a Billy.
-Não, senhor.
-Leve este bilhete ao Cavalo Branco em Eaton Socon. Conhece a estalagem, não é?
-Todo mundo conhece o Cavalo Branco.
-Pergunte pelo Sr. Carter. Entregue-lhe o bilhete e ele lhe dará duas coroas.
-Duas coroas? Tem certeza?
-Acho que o Sr. Carter vai cumpri sua obrigação, porém, se ele não lhe der o dinheiro, eu farei isso quando você voltar.
-Quando posso ir? – perguntou o menino, ansioso por receber uma fortuna tão inesperada.
-Assim que a Srta. Verena regressar e não precisar mais de você. Mas, prometa-me que não contará o nosso segredo a ela.
-Se contar uma mentira ou minha promessa quebrar, no alto da forca vão me pendurar!
Billy recitou sem tomar ar, e o Duque achou que tal juramento era suficiente; e sentindo-se cansado, fechou os olhos.
Verena regressou pouco de pois e Billy foi dispensado.
-Espero que ele tenha se comportado bem – disse a jovem.
Billy foi muito útil – respondeu o Duque, vendo o menino piscar para ele, divertido, por trás de Verena.

EmarianaCárcano

Billy pensou que há muito tempo não era tão bem tratado, e a camaradagem entre ele e o Major deixava seu coração alegre.

Quando saiu do quarto, Verena tirou o chapéu, que usava com o traje de montaria de veludo, e sentou-se à beira da cama.

-Tenho novidades! – exclamou. -O Duque não apareceu.

-Não apareceu! – repetiu o Duque. -O que pode ter acontecido com ele?

-Lorde Upminster está convencido de que a carta que recebeu foi uma pilhéria de algum concorrente invejoso, cujo gado não tenha ganho tantos prêmios como o dele na exposição local. De qualquer forma, ele está tão zangado com a aparente grosseria do Duque, que Charmaine tem certeza de que ele permitirá o seu noivado com Clive Brothwicke antes do natal.

-Minha ama costumava dizer que um negócio tem que ser muito desfavorável para não beneficiar ninguém.

-Eu também conheço um provérbio que serviria de aviso para o odioso Duque! – exclamou Verena.

-Qual é?

É sobre comprar ou vender uma coisa que não se viu – replicou ela. -Era isso exatamente o que Sua Graça ia fazer, decidindo se casar com Charmaine, sem saber coisa alguma sobre ela.

O Duque tentou encontrar palavras para se desculpar, mas Verena prosseguiu:

-Mas, não era isso o que queria lhe contar. Lorde Upminster falava sobre um horrível assalto na estrada próxima a Eaton Socon, ocorrido há três dias! Sua Senhoria o juiz, mencionou na Corte, esta manhã, que os corpos de dois guardas foram descobertos numa vala; e que os dois cocheiros que guiavam a carruagem do ouro foram encontrados, no interior do veículo, amordaçados e amarrados.

“Os cavalos tinham sido tirados da estrada e vagavam pelos campos; assim, ninguém descobriu ou examinou a carruagem por algum tempo. E os cocheiros estavam quase mortos de medo, dome e sede! E ainda há mais: Sua Senhoria acredita que o ouro roubado, que estava a caminho de York, constituía uma grande fortuna”.

-Contou alguma coisa sobre o que ocorreu na adega?

-Não sou tão estúpida assim! – exclamou ela, desdenhosa. -Os homens têm o dinheiro, e não sabemos quem são ou onde estão. De que adiantaria falar? O que devemos fazer é tentar agarrar os ladrões em flagrante. O Major poderia ter feito isso, se eles não o tivessem deixado desacordado.

-Compreendo – falou o Duque com frieza. -Mas, esquece-se de que eles disseram que não iam usar o Convento tão cedo?

-Disseram por um ou dois meses. Tudo o que temos a fazer é esperar!

-Está sugerindo que devemos ficar calados, permitindo que os bandidos ataquem outra carruagem da mesma maneira, na esperança de que voltem ao Convento?

-O que mais podemos fazer? Se eu contar a Sua Senhoria o que aconteceu, ele vai bombardeá-lo com perguntas que não poderá responder; enquanto que eu, só poderia descrever o cavalheiro e Hickson. Mas, devem haver milhares de pessoas com a mesma aparência deles.

EmarianaCárcano

O Duque refletiu por um momento. Depois disse:
-Falou sobre mim com Lorde Upminster?
Pela primeira vez, desde que se conheciam, um leve rubor surgiu no rosto da moça.
-Não! – retrucou. -Talvez tenha sido um erro meu, mas achei difícil explicar como travamos conhecimento, e por que motivo eu me preocupara com um estranho, que tinha o cavalo com a pata torcida, a ponto de convidá-lo a se hospedar na casa do vovô... além disso, como poderia explicar o ferimento em sua cabeça?
-Acho que provou que a discrição é necessária, muitas vezes – o Duque sorriu. -mas, como me trouxe para cá? Estou interessado no final da historia.
-Montei Assaye e vim para casa. Contei a Travers o que tinha acontecido. Ele reuniu três jardineiros e o trouxeram até aqui. Não é mais que meio quilômetro, mas eles o acharam muito pesado. É um homem muito grande, Major Royd!
-Travers e os outros são de confiança?
-Travers esteve com vovô em Waterloo, e os outros farão o que dissermos. Eu lhes avisei que era muito importante não falar, e acredito que não farão comentários. Estão acostumados a receber ordens de vovô e acho que vão me obedecer.
-Bem, então o que temos de decidir é como encontrar o cavalheiro de mente astuta, que planeja os assaltos, e seu criado Hickson, que executa esses planos.
-Parece excitante! – exclamou Verena. -Oh, eu gostaria que vovô pudesse nos ajudar! Sei que ele ficaria satisfeito.
-Estou certo de que o General não aprovaria que ficássemos sentados, esperando que acontecesse de novo. Ouvi falar sobre esses ladrões de ouro antes de deixar Londres, e sei que estão preocupando bastante os Militares.
-Os Militares? – perguntou, surpresa.
-Quem guarda o Banco de Londres, de onde vem o dinheiro, é o Exército – explicou o Duque.
-Não vejo muita lógica em vigiar o Banco de Londres, quando os ladrões armam emboscadas nas estradas – disse Verena. -Seria muito melhor se mandassem uma escolta militar com as carruagens.
O Duque se lembrou de que Harry Sheraton afirmara quase a mesma coisa. Imaginou o que Harry pensaria de Verena. De uma coisa estava certo: seu amigo acharia muita graça da situação em que ele se encontrava naquele momento.
Devia, agora, estar deixando Copple Hall a caminho da propriedade de Lorde Wilmington em Derbyshire. Em vez disso, era hóspede secreto de uma moça de olhos castanhos, que o envolvera no tipo de encrenca desagradável, que ele sempre fizera questão de evitar.
Havia alguns de seus amigos que se divertiam caçando salteadores de estradas ou tentando enganar trapaceiros, para coloca-los em posição de serem denunciados e agarrados.
Era o tipo de coisa que abominava, e no entanto, ali estava ele em uma situação onde não podia fingir ignorar o que acontecera.
Mas, não pretenda revelar sua participação no caso, o que teria que fazer, se

contasse como os ladrões de ouro utilizaram o Convento para esconder o produto do roubo.

Por um momento, o Duque se perguntou se ele não tinha sonhado tudo aquilo. O que ela tinha ouvido e visto seria mesmo verdade? Porém, compreendeu que tudo não passara de um plano inteligente e simples.

Hickson, não importa quem fosse, contratara três homens em nome do cavalheiro desconhecido. O cavalheiro dissera a Hickson o lugar onde a carruagem podia ser assaltada, escolhendo as primeiras horas da manhã, quando a estrava estava coberta pela neblina. Os guardas tinham sido mortos antes que pudessem ver quem os atacava; os cocheiros foram amarrados por homens mascarados.

O ouro fora colocado em seus cavalos, e depois de cavalgarem pelo campo, percorrendo uma curta distância, o tesouro fora escondido numa casa em ruínas. O esconderijo fora, com certeza, escolhido pelo cavalheiro e Hickson, anteriormente.

Três dos ladrões desapareceram imediatamente, sem dúvida alguma, misturando-se à ralé de Londres.

Apenas Hickson ficara para entrar em contato com o cavalheiro, ir com ele ao esconderijo, atirar fora a prova do crime, isto é, as caixas vazias, no fundo do lago; e voltar a Londres com o roubo escondido, em um local secreto da carruagem do cavalheiro, onde ninguém suspeitaria que pudesse estar.

Fora, do princípio ao fim, uma operação infalível! A única pergunta sem resposta era como os ladrões sabiam quando as carruagens de ouro iam deixar o banco, e qual era o seu destino.

O Duque devia estar com aparência de quem estava concentrado no problema, porque depois de algum tempo, viu que Verena o observava com um sorriso nos lábios, as covinhas em evidência.

-Encontrou uma solução? – perguntou ela.

-Ainda não.

-Uma coisa é certa: eu vou praticar tiro ao alvo outra vez!

-Tiro ao alvo?

-Sim, eu atiro bem com um mosquete. O vovô me ensinou e posso acertar o centro de um alvo a cinquenta metros. Mas, estou sem prática com a pistola. E tenho a impressão, Major Royd, que precisaremos ser bons atiradores antes dessa caça terminar.

-Não há questão de “nós”- respondeu o Duque. -Não poderá se envolver em algo tão desagradável e perigoso.

-Acha que vou aceitar isso? – perguntou ela com desdém. -Não pode me tratar como se eu fosse uma moça fraca, que desmaiasse ao ver uma pistola ou gritasse ao ouvir um tiro. Eu vou ser mulher de um soldado e cavalgar com o Exército como Lady Waldegrave. Antes da Batalha de Salamanca, vovô me disse, que a tinha visto passar quatro dias entre soldados, na linha de combate. E a Sra. Dalbiac cavalgou à frente dos Quatro Dragões e estava sempre exposta aos tiros. Não viu essas Ladies?

-Vi! – respondeu o Duque com uma careta. -E só serviu para confirmar minha convicção de que o campo de batalha não é lugar para mulheres.

-Nesse caso, pode deixar sua mulher em casa! O homem com quem eu vou

casar ficará orgulhoso de me ter a seu lado, estou certa!

-Vai se casar? – perguntou o Duque.

Verena balançou a cabeça:

-É um segredo.

-Outro?

Ela sorriu, os olhos brilhando.

-O mais importante de todos os segredos. Infelizmente, vovô não aprova Giles, por isso nunca posso falar dele. Mas, ele é um soldado corajoso e intrépido, e pretendo, assim que nos casarmos, acompanha-lo a qualquer lugar onde estiver servindo o Rei. Não tenciono ser uma esposa caseira e melancólica!

-Acho que está dizendo absurdos – falou o Duque com rispidez, perguntando-se por que o pensamento de Verena em um campo de batalha o aborrecia tanto.

Capítulo V

-XEQUE-MATE! – exclamou Verena.

O duque olhou para o tabuleiro de xadrez com expressão pesarosa.

-Ganhou de novo? – interrogou com incredulidade.

-Ganhei. Deixou seu rei desprotegido. Isso é uma coisa que nunca deveria fazer!

-Até agora eu me considerava um bom jogador.

-Quer jogar mais uma vez?

O Duque recostou a cabeça contra a alta poltrona de veludo, que tinha sido arrastada até a janela, para que ele pudesse tomar ar e sol.

Era o primeiro dia que se vestia para deixar a cama, e o médico permitira que se levantasse por três ou quatro horas, a menos que se sentisse muito fatigado.

O Duque achava espantoso, quando pensava no assunto, ser hóspede do General Winchcombe, sem ter sido convidado, por seis dias; e no entanto, embora isso fosse bastante estranho, ele não estava aborrecido ou com pressa de partir.

Era verdade que nos primeiros dias sua cabeça parecia estourar e a dor de cabeça constante fora difícil de suportar. Mas, quando melhorou, divertiu-se com Verena e ficou contente de estar com ela, embora fosse difícil de explicar a si mesmo o seu estado de espírito.

Ele sempre quisera se divertir. À noite, com mulheres bem vestidas, elegantes e espirituosas; de dia, com a caça, tiro ao alvo, pugilismo ou corrida de cavalos.

Não teria acreditado se alguém lhe dissesse, que ficaria satisfeito em passar seis dias em repouso, e que gostaria da companhia de uma jovem que, além do médico e do criado, era a única pessoa que via.

Mas, Verena o distraia justamente porque não fazia nenhum esforço para isso. Era verdade que jogava xadrez com ele, e era sempre a vencedora; além disso, jogavam cartas, quando ele era seu mestre, sem dúvida alguma. Mas o

Emariannafarcano

principal atrativo de Verena era que, simplesmente, era ela mesma.
O Duque estava acostumado com mulheres que faziam todo o possível para se tornarem atraentes, que flertavam com os olhos, com s lábios, com o movimento de seus corpos. Elas desejavam atraí-lo como homem, usavam qualquer artifício ou truque para que ele as desejasse.
Verena olhava para ele com franqueza, como se lhe dissesse, que em nenhum instante, pensara nele como um noivo em potencial ou como um homem atraente!
Mas, quando ela entrava no quarto, o sol parecia chegar com ela, e sempre havia alguma coisa excitante que ela desejava lhe contar.
Podia ser apenas que uma raposa cortara o pescoço de seis galinhas velhas na noite anterior; que a vaca premiada do fazendeiro Wilk dera à luz a um bezerro com duas cabeças; ou que o touro premiado de Lorde Upminster tinha escapado e fora encontrado pastando com as vacas vulgares, pertencentes a um pequeno proprietário, que nunca poderia comprar um reprodutor.
Era apenas tagarelice de povoado, mas o Duque ris muito por causa da maneira como Verena descrevia uma situação ridícula.
Enquanto ela lhe trazia o riso, trazia-lhe também conforto e alívio, quando a dor de cabeça se tornava insuportável.
O Duque não poderia ter, acreditado, que as mãos de uma mulher sobre sua testa lhe trariam alívio imediato de uma dor intolerável, ou fazer seus olhos pesarem tanto que adormecia antes de saber o que estava acontecendo.
Ele duvidara dos poderes de Verena quando ela massageara a pata de Salamanca, mas agora, vendo como conseguia aliviar sua dor rapidamente, sabia que nunca mais deixaria de acreditar neles.
Naquele momento, Verena percebeu que ele estava cansado. Abandonou o tabuleiro de xadrez e disse:
-Não pode abusar hoje ou o Dr. Graves ficará zangado comigo. Gostaria que eu lesse alguma coisa?
-O que sugere? – perguntou o Duque. -*Amor à Primeira Vista ou O Herdeiro Perdido*?
-Como sabe os nomes dessas novelas ridículas? – ela riu. -Mas, pelo insulto que considero a sua sugestão, acho que vou ler *A Reinvindicação dos Direitos da Mulher de Mary Wolls-tonecraft.*
-Deus me livre! Não me diga que deseja ser uma daquelas mulheres estridentes que falam sobre seus direitos!
-Eu acho, certamente, que as mulheres são espezinhadas e dominadas pelos homens – disse ela.
-Nunca ouvi tanta tolice!
-Acha mesmo correto – perguntou Verena, sentando-se ao lado dele – que um homem tenha completo controle sobre os bens da mulher a partir do momento em que ela se torna sua esposa?
-Por que não? Ela seria incapaz de dirigir seus bens.
-Essa é uma declaração ultrajante! – gritou ela. -Sabe que ajudei vovô a administrar esta propriedade nos últimos três anos, e que agora, desde que ele ficou doente, tudo é dirigido por mim como antes?
-Talvez – admitiu o Duque -Mas, tudo foi planejado pelo General. Pense na

Emariannacarcano

confusão que uma mulher faria, tendo que administrar uma propriedade desde o início, sem a ajuda de um homem inteligente.

-Está me deixando nervosa – declarou Verena, encarando-o com olhos brilhantes. -Nem todas as mulheres são estúpidas, sem um pensamento em suas cabeças que não se refira a vestidos bonitos e bebês.

-Que outra coisa um homem desejaria que as mulheres tivessem nas cabeças? – perguntou o Duque com um lampejo nos olhos.

-Está me provocando, deliberadamente; e é perigoso se exaltar, vendo como um homem forte e grande ficou reduzido a tal estado de fraqueza! Portanto, não vou mais conversar, e sim ler um livro bonito e suave.

-O estado de fraqueza e humilhação em que me encontro, Senhorita Verena Winchcombe, é decorrente da aventura em que me envolveu! Se eu tivesse cuidado da minha própria vida, e não fosse a uma casa mal-assombrada para proteger uma jovem indefesa, minha cabeça não se encontraria no estado em que esta agora!

-Vou apanhar uma arma e lhe dar um tiro, se me chamar de jovem indefesa! – exclamou Verena.

-Ferir um homem desarmado e doente! – protestou o Duque, caçoando. -Onde aprendeu essas maldades praticadas apenas pelos franceses?

Ela sorriu.

-Não adianta, sempre consegue ter a última palavra. Bem, o que devo ler? *Os Discursos de César*, em latim, ou *A Vida de Plutarco*? Li os dois para vovô, e ele me disse que o Duque de Wellington levou esses livros com ele na sua viagem à Índia.

O Duque ergueu as sobrancelhas: nenhuma mulher de suas relações podia ler latim e poucas estavam interessadas em Plutarco.

-Não quero ouvir a leitura de nenhum deles agora, desejo conversar com você, Verena. Não compreende que é a única pessoa com chance de agarrar o *Gênio do Mal*? Mais guardas serão mortos nas estradas, se você recusar-se a fornecer a descrição dos ladrões! Suportaria tornar-se responsável por suas mortes, Verena?

Verena levantou-se e caminhou pelo quarto.

-Sabe que é um argumento injusto!

-É a verdade – disse o Duque. -Não há mais ninguém que possa ajudar a solucionar os roubos e os assassinatos dos infelizes guardas da carruagem do ouro.

-Acha realmente, que seu eu fosse a Londres, teria chance de encontrar o *Gênio do Mal*? Não posso crer que ele passe o seu tempo em reuniões e bailes.

-Por que não? Vamos falar com lógica, Verena. Você me disse que ele tem a aparência de um cavalheiro: jovem, bem vestido, um grã-fino. Onde acha provável que ele vá gastar todo o dinheiro que conseguiu?

-Em cavalos, suponho – replicou com relutância.

-Naturalmente. Todo novo-rico deseja possuir cavalos de raça. Portanto, podemos supor que ele irá a Tattersalls, e comprará todos os puros-sangues disponíveis. Em seguida quererá mostra-lo à alta sociedade, da qual é um membro, imagino, baseando-me na descrição feita por você. E será convidado

EmarianaCarcano

para bailes!

-Então, isso me exclui – cortou ela. -Eu não pertenço à sociedade e se for a Londres não serei convidada para bailes frequentados por um grã-fino como o *Gênio do Mal*. Além disso, não há a mínima possibilidade de receber um convite para o Almack!

Apenas por um momento houve um vislumbre de desejo na voz de Verena: era a ambição de toda debutante e de cada jovem da sociedade ser admitida no mais aristocrático e fechado Clube da elite.

O Almack, que era dirigido pelas grandes damas da sociedade, como Lady Jersey, Lady Cowper e a Princesa de Lieven, tinha seus próprios regulamentos; e não permitira a entrada do Duque de Wellington, quando tentara obter permissão para entrar uma noite, depois das onze horas, sem estar usando calças de gala até os joelhos.

-Eu podia arranjar isso para você – disse o Duque sem pensar.

-Podia? – gritou ela com incredulidade. -Não posso acreditar!

Era óbvio, pensou o Duque com desagrado, que não seria estimado por ela, como pessoa poderosa e importante.

-Tenho alguns amigos influentes – falou com certa hesitação – e minha irmã, embora possa não acreditar, tem boas relações na alta sociedade.

-Eu não tinha intenção de ser rude – disse Verena depressa. -Mas, eu pensara em você apenas como soldado.

-Imagino que não é um elogio.

-Mas, é! Não posso imaginar que gostaria de se reunir àqueles tagarelas de cabeças vazias. E antes que me pergunte o que sei sobre eles, vou lhe dizer: estive duas vezes em Londres. Uma vez quando tinha quinze anos e vovô me levou para conhecer a cidade. Eu me diverti muito. A segunda vez há dois anos, depois que eu tinha completado dezessete anos e vovô achou que eu devia ver um pouco do mundo social! Fui a várias festas, jantares, e a dois bailes.

“Não foi divertido o tempo todo porque minha madrinha, Lady Bingley, com quem nos hospedamos, não é jovem e vivia uma existência tranquila desde que seu marido, um Juiz, adoecera. Mas, ela convidou seus amigos para me conhecer em sua casa. Eram, na maioria, idosos, e naturalmente, a maior parte das relações de meu avô eram soldados e seus contemporâneos”.

Verena fez uma pausa antes de prosseguir.

-Lady Yarde, que tinha sido um dos flertes de vovô, me acompanhou a um baile dado pela Duquesa de Bedford, e a outro, oferecido por Lady Cowper. Eu conheci a alta sociedade, e embora algumas mulheres fossem bonitas, os homens eram, sem dúvida, afetados e presunçosos!

-Estou imaginando quem seriam seus pares? – perguntou o Duque com um brilho nos olhos.

-Suponho que me julgaram uma rude camponesa – disse ela, com franqueza. -Mas, eles não precisavam ser tão empertigados, como se esperassem que eu me ajoelhasse aos seus pés, mostrando minha gratidão por terem sido condescendentes com uma moça do campo.

-Prometo que meus amigos saberão trata-la com respeito quando lhes for apresentada – disse o Duque.

EmarianaCárcano

Verena riu, as covinhas surgindo em seu rosto.

-E como vai conseguir isso? Ordenando que cumpram o seu dever, como quando comanda suas tropas? Não, obrigada, Major Royd, eu vou ficar no campo, onde as pessoas gostam de mim como sou, e o corte do meu vestido não tem importância.

-E vai deixar o Gênio do Mal agir livremente? Neste momento, a esposa de um guarda pode estar soluçando e enxugando os olhos porque acabou de ficar viúva. Suponho que não existe nem mesmo uma pensão para essas mulheres. As crianças podem morrer de fome, e quem será culpado, a não ser você?

-Pare com isso! – exclamou Verena, zangada. -Está sendo muito injusto e sabe disso. Esse é o método mais mesquinho para me coagir!

-No entanto, é verdade!

-Sabe que não posso deixar esta casa com vovô doente – argumentou Verena. -Pensarei na sua sugestão, se ele... morrer.

-E quando seu avô morrer, o que pretende fazer? Não poderá viver aqui sozinha.

-Eu sei disso, não sou tão ignorante! Minha velha ama, Senhorita Richardson, virá ficar comigo até eu tratar de tudo. Então, entrarei em contato com Giler, e nos casaremos.

-Onde está ele, agora?

-Talvez esteja na Índia – respondeu Verena. -Não tenho notícias dele há muito tempo. É claro que se ele está fora do país, as cartas levarão meses por mar. De qualquer forma, quando nos encontrarmos, eu vou lhe contar o que propôs e pedir sua aprovação. Não ficarei surpresa se ele achar a ideia tão ridícula quanto eu a estou considerando.

Sacudiu a cabeça enquanto falava, e deixou o quarto, batendo a porta com força atrás de si.

O Duque permaneceu sentado, com um sorriso nos lábios, pensando como era fácil provoca-la, e como ficava zangada com a simples menção à sociedade, condenando os homens que faziam parte da mesma.

Imaginou que ela se sentira pouco à vontade, e perdida em Londres, quando estivera lá com o avô. E podia compreender que com a sua educação, ela achara as restrições e convenções do mundo social, bem diferentes da liberdade que gozava em sua casa.

Adivinhava que Verena, com dezessete anos, tinha sido talvez um pouco desajeitada, como um potro ainda não inteiramente desenvolvido. E isso, aliado à sua insegurança e franqueza, a tinham deixado, desprotegida diante de descortesias e mau acolhimento.

Mas, agora, com quase vinte anos, se estivesse vestida na última moda e fosse apresentada pelas pessoas certas, o Duque poderia apostar que ela seria uma sensação.

Faria, certamente, pensou ele, com seu cabelo escuro e grandes olhos pontilhados de ouro, as meninas louras e de olhos azuis parecerem insípidas; e não se surpreendia que Lorde Upminster não convidasse Verena para sua casa, quando um tão importante pretendente para a mão de sua filha, como o Duque de Selchester, era esperado.

O Duque soubera que o Sr. Carter enviara cartas pedindo desculpas, porque

Verena, voltando de Copple Hall, falara sobre a raiva de Lorde Upminster ao saber que o Duque não mais honraria a sua casa.

-Os preparativos para receber Sua Graça foram uma completa perda de dinheiro – dissera ele. -E a culpa é sua, Charmaine, por ter encorajado o Duque. Ele não teria sugerido essa visita se você não lhe tivesse dado esperanças de que sua corte seria bem recebida.

-Eu nunca encorajei o Duque, papai – replicara Charmaine. -Na verdade, Sua Graça quase não falou comigo.

-Sua culpa! Toda sua! – explodira Lorde Upminster. -Vou descontar o dinheiro gasto de sua mesada!

Verena descrevera a cena detalhadamente, e acrescentara:

-Lady Upminster consolou Charmaine com a informação de que conseguira tirar nada menos que dez libras do dinheiro das despesas. Assim, ninguém sofrerá porque o odioso Duque cancelou sua visita, e Charmaine e Clive estão certos agora de que podem fazer planos para se casarem na primavera.

-Eu lhe disse que tudo acabaria bem – falou o Duque.

-Por que será que o odioso Duque mudou de ideia?

-Talvez ele tenha sido detido contra a vontade.

-Tenho certeza que foi um Incomparável – disse Verena. -Bem, espero que ela o faça muito infeliz. Seria uma boa lição para o Duque!

-Você é muito vingativa. Sempre abriga esses sentimentos contra aquele de quem não gosta?

-Vejo que quer que eu seja uma senhorita comum, sem um pensamento, sem uma convicção! Bem, Major, vai ficar desapontado. Tenho opiniões bem positivas sobre muitos assuntos; especialmente sobre homens.

-Qual sua opinião sobre mim?

Ele viu os olhos escuros procurarem seu rosto, como se ela quisesse descobrir alguma coisa sob a superfície.

-Quer saber a sua sorte?

-Uma feiticeira, além de curandeira? Sua aptidões não têm fim? – perguntou o Duque.

-Eu sou vidente – explicou Verena – porque minha avó materna era a sétima filha de uma sétima filha. Sabe, isso dá poderes especiais.

-Ouvi falar dessa crença. Quem era sua mãe antes de se casar com seu pai?

-Minha mãe era filha de Lorde Merwin. Sua família não considerava papai um pretendente à altura, por isso mamãe pulou a janela do quarto, e fugiu com papai.

-Muito romântico – falou o Duque com secura. -Suponho que não conhece os Merwins.

-Não desejo conhece-los! Como ousaram desprezar papai? Ele era tão bonito, tão corajoso, um soldado valoroso!

-Velhas brigas têm o hábito de punir aqueles que não tomaram parte nelas – disse o Duque, pensativamente.

Estava refletindo que a família Merwin poderia ter apresentado Verena à sociedade com muito mais sucesso do que um idoso General, por mais respeitado que fosse no campo de batalha.

-Não vamos falar sobre os orgulhosos parentes de mamãe – pediu ela. -

Sempre fico zangada. Deixe-me segurar alguma coisa que você tenha usado toda a vida.

Estendeu a mão enquanto falava, e apanhou o relógio de ouro do Duque, que Travers colocara ao lado da cama. Era pesado e o Duque temeu, por um instante, que ela pudesse reconhecer o timbre gravado na parte posterior.

Mas, Verena não olhava para o relógio, segurava-o simplesmente entre as mãos. Fechou os olhos.

-Você esteve muito perto da morte – disse. -Mas, claro, eu sei disso! Posso ver sangue e escuridão à sua volta, e no entanto, não está com medo. Acho que, se nunca o tivesse visto antes, saberia que era um bom soldado.

Calou-se por um momento. Depois continuou:

-recebeu uma condecoração, mas posso ver outras... alguma coisa parecida com uma coroa. Não entendo bem, mas ou ocupou posição de destaque no passado, ou fará isso no futuro. Imagino, se não tivesse deixado o Exército, que seria Marechal-de-Campo.

-Talvez, haja outra guerra – sugeriu o Duque – e eu voltarei ao meu Regimento.

-Não acho que vai fazer isso – disse ela com voz distante – mas, estará numa posição de grande autoridade... e vai ajudar muitas... pessoas. Não estou certa como, mas olham para você... para guia-las... talvez, para comandá-las. Mas há perigo para você... perigo que vem de um homem... um homem que o odeia! Há uma coisa que ele deseja de você e está decidido a obtê-la! Mas, vai se salvar... é uma mulher que vai salvá-lo!

-Como ela é? – perguntou o Duque.

-Não posso vê-la – respondeu Verena. -Só posso ver o perigo... perigo na escuridão... e perigo em um prédio... e há sangue!

Abriu os olhos e falou com seriedade:

-Precisa ter cuidado, Major, muito cuidado!

-Acho que está vendo o passado, não o futuro: estive em perigo, graças a você, e fui salvo, graças a você, novamente. Eu podia ter lhe dito tudo isso sem ser vidente.

Verena recolocou o relógio sobre a mesa.

-Pode zombar de mim, mas será verdade. E tome cuidado, eu não gostaria que lhe acontecesse alguma coisa.

-Eu sou grato por sua solicitude.

Então, olhando para Verena, percebeu que ela estava realmente aturdida.

-Você não acredita, realmente, em toda essa fantasia, não é?

Por um instante, ela continuou calada. Seus olhos pontilhados de ouro estavam presos aos dele, e o Duque teve a estranha sensação de que alguma coisa se passava entre eles. Alguma coisa que nenhum dos dois tinham procurado ou esperado. Verena respirou fundo e deu meia-volta.

-Gostaria de não acreditar – disse ela – mas infelizmente, minhas predições se tornam verdadeiras – respondeu em voz baixa, antes de sair do quarto.

Agora, o Duque se lembrava do que ela dissera, e imaginara se, de fato, por tentar persuadir Verena a ir para Londres, ele estava levando os dois em direção ao perigo.

Sabia muito bem que os ladrões de ouro eram assassinos e que, se

suspeitassem que Verena conhecia seu segredo, sua vida seria confiscada.

Mas, por que saberiam?, perguntou-se. Por que suspeitariam de alguém de Little Copple? Nem mesmo o estranho que tinham atingido no velho Convento poderia adivinhar como os assaltos tinham sido planejados.

“Um plano inteligente, muito inteligente! – pensou o Duque. -E tão simples!”

A porta se abriu e Travers entrou no quarto.

-A Senhorita Verena acha melhor o senhor se deitar – disse, respeitosamente. -Esteve de pé por quase quatro horas, e o médico disse que não devia abusar hoje.

O Duque ia protestar, quando compreendeu que estava morto de cansaço. Sua cabeça rodava, embora ele tentasse se convencer de que era apenas imaginação.

Capitulou porque estava ansioso por se deitar.

-Muito bem, Travers – disse – ainda não me sinto o bastante forte para discutir com a Senhorita Verena. Vou para a cama, mas amanhã pretendo ficar de pé o dia todo.

-Creio que a Senhorita Verena também vai ter alguma coisa a dizer sobre isso, Sir – falou Travers, rindo.

-Ela sempre impõe sua vontade?

-A Senhorita Verena é uma das moças mais agradáveis que já conheci – disse Travers – mas, ela se parece um pouco com o avô; sempre se dizia no Regimento que era mais fácil dobrar o cano de um canhão do que fazer o General mudar de ideia. A Senhorita Verena é igual ao avô; mas, enquanto o amo consegue o que quer dando ordens, a Senhorita tem uma maneira persuasiva que é difícil de contradizer.

-Acho que ela me dá ordens! – disse o Duque, pesaroso.

-Porque está doente, Sir – replicou Travers. -Não há nada que mais agrade a uma mulher de qualquer idade do que ter um homem dependendo dela. Tornam-se verdadeiras tiranas se alguém fica indisposto, e a Senhorita Verena, não é exceção!

-Já percebi isso – concordou o Duque. -Diga-me uma coisa, Travers: quem é esse cavalheiro que a Senhorita Verena afirma ser seu noivo?

-Capitão Giles Winchcombe-Smythe, Sir.

-Então, esse é o nome... Eu não tinha pensado em perguntar.

-O Capitão é uma espécie de parente; diz-se primo, mas na minha opinião ele não é mais do que um parente afastado. A mãe do Capitão era prima em segundo grau do meu amo. Seu nome era Winchcombe, mas se casou com um homem chamado Smythe. O casamento não foi aprovado pela família, pelo que sei, Sir.

-E o General aprova o noivado da neta?

-Não! – disse Travers, rispidamente. -E se me permite uma correção, Sir, não é um noivado! Apenas um entendimento entre o Capitão Giles e a Senhorita Verena, que é mantido em segredo.

-Por quê? – perguntou o Duque subindo na cama, agradecido, e pensando que nada era tão macio e confortável quanto os travesseiros de penas que Travers ajeitara sob sua cabeça.

Travers lançou um olhar à porta.

-Não sei se devia estar lhe contando isso, Sir, mas considerando que é um soldado e que não existe outra pessoa em quem eu possa confiar, vou lhe dizer a verdade! Estou muito preocupado!

-Diga-me a razão.

-Bem, Sir, o Capitão Giles tem vindo visitar o amo há muito tempo, e a única razão por que vem aqui é para arranjar dinheiro. Começou há anos atrás, quando voltamos da índia.

-Quantos anos tem o Capitão? – cortou o Duque. -Pensei que era muito jovem.

-Não, Sir. O Capitão Giles terá agora trinta e oito anos, com tanta certeza como estou de pé aqui.

-Trinta e oito! – exclamou o Duque. -Um pouco velho para a Senhorita Verena, não?

-Bem mais velho em muitos sentidos, Sir.

-Continue sua historia – sugeriu o Duque.

-Foi sempre a mesma coisa: dinheiro, dinheiro! O Capitão estava endividado, os credores andavam atrás dele; haveria um escândalo, ele teria que deixar o Regimento... aliás, um Regimento não muito importante.

-Qual?

-O Décimo Primeiro de Infantaria, Sir – replicou Travers com todo o desprezo de um Granadeiro por divisões inferiores.

O Duque esforçou-se para não rir.

-Continue – disse.

-Bem, depois que o amo e a Senhorita Verena regressaram de Londres há dois anos, o Capitão Giles chegou inesperadamente, e assim que o vi percebi que tinha tramado alguma coisa. Como eu esperava, na primeira oportunidade, procurou o amo para uma conversa particular. Não era uma ocasião oportuna, eu podia ter lhe dito, vendo que o amo sofria de um ataque de gota, devido, como eu disse então, a umas botas novas que ele insistira em usar em Londres, e que estavam muito apertadas.

-De fato, podem causar problemas.

-O amo estava rabugento e a presença do Capitão não lhe fez nenhum bem. Eu podia ouvir suas vozes quando passei diante do escritório, e por acaso, naturalmente, como deve compreender, Sir, e porque falavam muito alto, não pude deixar de ouvir o que diziam.

-Estou certo de que não houve dificuldade quanto a isso – comentou o Duque.

-"Vou lhe dar duas mil libras e mais nada!", gritava o amo. Podia tê-lo ouvido da Praça do Quartel, Sir, juro! "E se voltar aqui", continuou ele, "vou expulsá-lo a pontapés! Você já me explorou bastante e não pretendo gastar a herança de Verena com um tipo como você!"

Travers fez uma pausa, continuando em seguida:

-O Capitão disse alguma coisa que eu não entendi, e então o amo gritou: "Deixar alguma coisa para você no meu testamento? Deve estar louco! Tudo o que possuo é de Verena e esta é a minha última palavra! Apanhe as duas mil libras e vá para o inferno! Terminei com você, compreende?"

Travers tomou fôlego.

-Isso foi definitivo – disse o Duque.

-Foi o que pensei, Sir – concordou Travers. -Mas, como os cavalos tinham vindo de Londres e necessitavam de um descanso, o Capitão foi obrigado a ficar mais dois dias aqui, e ele aproveitou a oportunidade.

-O que quer dizer?

-O amo tinha dito ao Capitão que a Senhorita Verena era a herdeira, não? Ele sempre a tinha ignorado antes, como se ela fosse uma criança, sem interesse para ele. Mas, naqueles dois dias, ele se pôs em campo para cativá-la! Eu juro, Sir, era como ver aqueles malditos nativos subindo nos muros de um forte; eu pensava que eles pareciam macacos, quando estávamos em Mysore! O Capitão era todo delicadezas para com a Senhorita Verena. Ela foi hipnotizada por ele, como se o Capitão fosse daqueles hipnotizadores de serpentes que costumavam perambular pelo acampamento para que pagássemos a fim de ver seus truques.

O Duque franziu a testa enquanto Travers prosseguia:

-Não me importo de lhe dizer, Sir, mas fiquei enojado ao ver um charlatão vulgar, fascinando uma encantadora jovem como a Senhorita Verena, com historias de sua bravura. Do jeito que falava, podia-se imaginar que ele lutara contra Bonaparte sozinho!

-A Senhorita Verena ficou fascinada por ele, eu suponho – falou o Duque em voz baixa, como se dirigindo a si mesmo.

-Claro que ficou! – replicou Travers. -Ela tinha voltado de Londres, Sir, onde não se divertira como esperara. O amo fez o que foi possível, mas era idoso; e a Lady onde nos hospedamos também já tinha idade. A Senhorita Verena não conheceu nenhuma pessoa com quem pudesse se distrair, e embora eu não entenda nada desses assuntos, Sir, pareceu-me que os vestidos comprados pela governanta em Biggleswade não tornaram a Senhorita elegante.

Travers balançou a cabeça.

-Agora, a Senhorita Verena tem seu próprio bom gosto e é muito bonita, mas naquele tempo, era apenas uma criança e acho que ela estava desanimada, como se não tivesse tido sucesso nas festas a que comparecera.

-Estou seguro de que está certo, Travers.

-Então, Sir, assim que chegamos aqui, o Capitão Giles apareceu e se colocou numa posição vantajosa... Eu podia ver o que acontecia diante dos meus olhos: os elogios e galanteios que ele lhe fazia! O modo como ele beijava sua mão, abria a porta, ajudava-a a colocar o casaco... Enfim, todas as coisas que ele não se preocupara em fazer antes, atenções e gentilezas que a Senhorita Verena nunca tinha recebido de outro homem.

Travers abaixou a voz:

-“Você é fascinante, Verena”, dizia ele. “Quando eu estiver acampado, em alguma planície ventosa ou na quente escuridão de uma noite da Índia, vou pensar nos seus olhos e todo o resto não terá importância porque só me lembrarei de você!”

Travers soltou uma risada desdenhosa.

-Isso é o tipo de coisa que as jovens gostam de ouvir, Sir, principalmente quando nunca escutaram antes.

-Acredito, Travers – disse o Duque com um pálido sorriso.

-Antes do Capitão partir, Sir, eu soube como ele tinha ajeitado as coisas. Quando o chamei na manhã do dia em que ia embora, ele me disse: “Travers, quando o General morrer quero que entre em contato comigo imediatamente. Deixe um recado no meu Clube, para que eu possa vir depressa a fim de cuidar da Senhorita Verena.” Ousei dizer, Sir, que o amo já tomara todas as providências. Talvez, a Senhorita Verena tenha um tutor se for menor de idade. “Não há necessidade de se preocupar com esses problemas”, disse ele, “eu serei o tutor da Senhorita Verena, porque, assim que o General morrer, nós nos casaremos. E não vá contar a ele, Travers, porque isso não lhe diz respeito. E se fizer tal coisa, acabará indo embora sem pensão”. Eu podia ter lhe dito muitas coisas – Travers sorriu de novo – mas, aprendi com o General que não se ganha nada em responder a um oficial superior, não importa de que Regimento seja! Por isso, eu perguntei com polidez: “Para que Clube devo mandar o recado, Sir?” Ele respondeu: Os Serviços Unidos, e mande a mensagem urgente, compreende?” Pensei que o Capitão ia me dar uma moeda pelo meu trabalho, que eu pretendia me recusar a aceitar, mas nada! Lá se foi ele com as duas mil libras e acenos apaixonados da Senhorita Verena. “Vou pensar em você dia e noite até nos encontrarmos de novo”, ouvi-o dizer.

-Estou surpreso que a Senhorita Verena tenha concordado em enganar seu avô – falou o Duque.

-De certa forma, ela não enganou o General, Sir, porque é muito franca. Naquela noite eu a ouvi dizer ao avô: “Vovô, Giles disse que tomará conta de mim se lhe acontecer alguma coisa”. “Estou certo de que ele está querendo fazer isso!”- retrucou o amo com sarcasmo. “Mas, você me fará um favor, se não tiver nada com aquele homem. Ele não presta, assim como o pai também não prestava. E sua mãe não tinha o direito de colocar o meu sobrenome nele: Winchcombe-Smythe! Realmente! Ele se chama Smythe e é um impostor!” “Eu gosto dele vovô”, disse a Senhorita com coragem. “Então, deixe de gostar”, gritou o General. “Ele não vai entrar mais nesta casa, compreende?” “Sim, vovô”.

-E isso foi tudo? – perguntou o Duque quando Travers se calou.

-O general nunca foi inteligente com mulheres – disse Travers tristemente. -Um Comandante excepcional, como sabe, Sir, um homem que esperava ser obedecido, não importa o que exigisse de suas tropas, alguém a quem se tinha orgulho de servir. Mas, no que dizia respeito às jovens, era tão cabeça-dura como um camponês.

Travers suspirou.

-Se o General fosse mais experiente, teria pedido à Senhorita Verena que lhe desse palavra de honra que não tinha nada a ver com o Capitão Giles. E como ela adora o avô, acredito que cumpriria sua promessa. Mas, ao contrário, o General acusou o Capitão e ordenou à Senhorita que o esquecesse! E sabe, Sir, como eu, que não há coisa que faça uma mulher gostar mais de um homem do que pensar que ele está sendo tratado injustamente.

-Isso é verdade – concordou o Duque.

-E assim, o Capitão Giles está esperando ouvir a notícia da morte do amo, e a Senhorita Verena está treinando para ser esposa de um soldado.

O Duque sabia que essa era a verdade, porque mais tarde, quando Verena

lhe serviu o chá, pediu sua ajuda.

-Estou decidida a não ser uma inútil se houver guerra – disse ela. -Travers me ensinou a desmontar uma barraca, a cozinhar ao ar livre, com o tipo de utensílios usados em cozinhas de acampamentos, mas há outras coisas que posso aprender. O que sugere?

-Sugiro que fique em casa – responde o Duque.

-É o tipo de coisa que você diria! – disse com desdém. -Giles tem muito mais entusiasmo do que você. Já lhe disse o que o Duque de Wellington falou para Giles depois da Batalha de Waterloo?

-Várias vezes – respondeu o Duque, mordaz.

-Bem, vai escutar de novo – desafiou ela. -Ele disse: "Capitão, se eu tivesse mais jovens como o senhor sob meu comando, esta batalha teria terminado ontem!"

O Duque, que não acreditava em uma palavra daquilo, perguntou:

-E quem, posso saber, lhe contou isso?

-Giles, é claro – respondeu ela, fazendo uma pausa em seguida. -Eu sei o que está pensando! Acha que estava se gabando porque me contou; mas não creio que qualquer homem que tenha recebido tal elogio não deseje contar o fato a alguém por quem sinta afeição. Como Giles me disse: "Eu preferia ter ouvido isso do que ter recebido cinquenta condecorações".

-Você viu suas medalhas, naturalmente – disse o Duque.

Verena balançou a cabeça.

-Giles não estava fardado quando veio aqui. Oh, mas eu gostaria de vê-lo com túnica vermelha. Deve ficar muito atraente com ela!

-Estou certo que sim – disse que o Duque com frieza.

-Giles não é tão alto quanto você – continuou ela – mas, sabe que nunca lhe perguntei a que Regimento pertencia?

-Dos Guardas-Reais.

-O Regimento que o próprio Duque de Wellington comandou em Waterloo! – exclamou Verena. -Eu devia ter adivinhado, depois de ver Salamanca, que você não suportaria ir para a guerra sem os seus cavalos, não é?

-Eu me sentiria perdido sem eles, com certeza.

-Eu compraria cavalos se fosse rica! – falou Verena com olhar pensativo. -Teria uma enorme cocheira, e então eu não quereria amigos, ou um marido ou crianças, ou qualquer outra coisa. Somente cavalos! Eles não se importam com o que você veste, ou diz, ou com sua aparência. Amam você pelo você é, e sabem por instinto, que você os ama.

-Estou vendo que qualquer homem terá que se parecer com um cavalo para despertar se interesse – comentou o Duque.

-Ele será, talvez – Verena riu – um centauro!

O Duque sorriu, e ela disse:

-As pessoas se perece com animais. Gostaria que pudesse ver Lorde Upminster. Ele é igual a um porco, pronto para ir ao mercado.

-Que animal eu lhe lembro? – perguntou, curioso.

Ela ficou pensativa por um momento. Depois, disse:

-Mas, claro, não é fácil no que lhe diz respeito. Napoleão chamou o Duque

Wellington de *Leopardo*. Vovô disse que ele queria insultar o Duque, mas o Leopardo e aqueles que lhe eram chegados, chamados de *Leopardos*, destruíram as *Águias Vitoriosas*.

-Destruímos mesmo! – exclamou o Duque, lembrando-se das piadas sobre a desonra de Napoleão diante dos Leopardos.

-Quando os jardineiros trouxeram você para cá, pensei que parecia um gladiador romano que tinha perdido a luta no Coliseu. Mas, agora, sei que é um *Leopardo*, como o Duque de Ferro: tenaz, inconquistável e vitorioso!

-Obrigado. Posso lhe assegurar que preferia ser um leopardo do que qualquer outro animal.

-E o que sou eu?

-Um mosquito pequeno, irritante e barulhento – respondeu ele.

-Como pode ser tão desagradável? Por causa disso só terá mingau no jantar. Eu vou cancelar a ordem que dei ao cozinheiro para preparar pratos saborosos.

-Eu peço desculpas, de verdade! Mas, é impossível não provocar você.

-Então, como eu sou? – insistiu ela.

-Eu não sei, realmente. Às vezes, você é esquiva como um gato do mato, mas em outras ocasiões é afetuosa como o pequeno esquilo vermelho que eu tinha quando criança. Ele se sentava no meu ombro e comia as nozes que eu lhe oferecia.

-Eu preferia ser um canário – sugeriu ela.

-Não existe nenhuma semelhança! Em vez disso, quando vi você pela primeira vez, pensei que podia ser uma fada ou um duende. Aqueles pequeninos seres sobrenaturais que se escondem nos troncos das velhas árvores, espionam através dos grossos galhos e deixam anéis nos gramados onde dançaram a noite anterior.

Percebeu ao parar de falar que Verena olhava para ele com expressão incrédula nos olhos.

-Então, você sabe sobre fadas – disse ela, suavemente.

-Eu fui uma criança solitária – explicou ele. -Minha irmã era mais velha que eu, e imaginava muitas coisas até que me mandaram para o colégio.

-Que tipo de coisas?

Ele compreendeu que a deixara intrigada, e pela primeira vez, encontraram uma intimidade bem diferente do franco e amigável relacionamento que os unira até então.

-Duendes nas florestas – respondeu ele – ou escondendo-se nas colinas e montanhas, ninfas e fadas nos rios e cachoeiras, e perigosos e assustadores dragões escondidos nos pinheiros.

Enquanto falava, lembrou-se de Harry Sheraton, e caçoou de si mesmo. Então a voz suave de Verena, ofegante, o fez se esquecer de tudo com exceção de dois olhos pontilhados de ouro.

-Dragões! – exclamou, a voz trêmula de excitação. -Então, também acredita neles! Pensei que não havia ninguém que me compreendesse!

-naturalmente – falou o Duque – eu era o cavaleiro da armadura reluzente que matou os dragões.

-E os duendes e fadas o ajudaram?

-Eles me mostraram o caminho. Eu me escondi em seus túneis no interior das colinas, e deixaram recados para mim embaixo das árvores seculares, ao lado do rio encantado.

-E os pássaros o avisaram quando os dragões estavam fora! – disse ela. -Eu nunca sonhei... nunca soube que havia um homem em todo o grande mundo que sabia tantas coisas misteriosas.

-Deve ter sido porque você também conhecia esses mistérios – murmurou o Duque – que eu pensei que se parecia com uma fada.

-Oh, eu gostaria de ser uma fada, de todo o coração! – replicou ela, apaixonadamente. -E que pudesse lhe ensinar alguma mágica muito especial que você nunca tivesse conhecido antes!

Houve silêncio, e então, quase num sussurro, o Duque murmurou:

-Talvez você possa!

Capítulo VI

O Duque passou grande parte da noite acordado, preocupado com Verena, tentando decidir como poderia convencê-la a ir para Londres; e ao mesmo tempo pensando se seria prudente fazer isso.

Embora ele não percebesse, era a primeira vez que se preocupava seriamente com as ações de outra pessoa, que não afetavam seu próprio conforto ou satisfação de maneira direta.

Acordou irritado porque ainda não encontrara uma solução para o problema. O destino, no entanto, ia decidir por ele!

Tendo dito a Travers na noite anterior, que no dia seguinte acordaria cedo e desceria, o criado trouxe uma jarra de água quente para a barba, assim que o Duque terminou o café.

Depois de ter feito a barba do Duque com competência, ele ajudou Sua Graça a se vestir.

O Duque estava pronto e feliz por não ter dor de cabeça e se sentir mais forte do que no dia anterior, quando Verena bateu à porta.

-Como vai? – perguntou quando o Duque lhe deu permissão para entrar. Ela ficou de pé, parada junto à porta, examinando-o com ar crítico, antes de exclamar:

-Parece melhor! Parece mesmo, e há tantas coisas que quero lhe mostrar. Sei que deve estar ansioso para ver Salamanca.

Travers tinha deixado o quarto, e o Duque, de pé perto da janela banhada pelo sol, observou Verena se acercar, notando que o vestido simples de musselina revelava a esbeltes do corpo jovem, enquanto o brilho do sol se refletia em seus olhos.

-Como se sente? – perguntou ela ao se deter a seu lado de volta ao mundo outra vez!

-É uma sensação estranha – respondeu, sério. – estive isolado neste quarto durante sete dias. Foi um pequeno mundo, como um barco em alto-mar, com ontem atrás de mim e o amanhã em algum lugar no horizonte.

-Ficou entediado?
-Sabe que não! – respondeu com sua voz profunda.
Havia alguma coisa nos olhos do Duque que a fez virar-se para a janela.
-Salamanca está esperando – falou ela, depressa. -Gostaria que Travers o ajudasse a descer as escadas ou prefere se apoiar em mim?
-Asseguro-lhe que posso me arranjar sozinho.
-Deve ter cuidado. Lembre-se de que o médico disse para não fazer esforços muito cedo.
O Duque não teve tempo de responder porque Travers surgiu à porta.
-Venha depressa, Senhorita Verena! – disse com voz aflita.
Verena se voltou sem fazer perguntas, correu para fora do quarto, e o Duque ouviu-a caminhar com pressa em direção ao quarto do avô. Esperou, sabendo instintivamente o que tinha acontecido.
Verena regressou em menos de cinco minutos. Não foi preciso dizer ao Duque o que ocorrera, quando ele viu a expressão abatida dos olhos e a palidez do rosto jovem.
Então, quase como se caminhasse sem pensamento consciente, impelida por uma força mais forte que sua vontade, ela se dirigiu a ele, e imitando uma criança que procura consolo, escondeu o rosto no ombro do Duque.
O Duque a abraçou, mantendo-a junto dele sem falar, sabendo que ela não tinha consciência dele como um homem, mas somente como fonte de conforto. Quando sentiu o fresco perfume dos cabelos castanhos, ele compreendeu que, acima de tudo, desejava protege-la.
Ela se voltara para ele em sua desgraça, e o Duque sentiu, que se estivesse em seu poder, ficaria entre ela e tudo o que a pudesse perturbar e assustar.
Verena tremia, mas lutava com valentia contra as lágrimas que seu avô desprezava. Depois de algum tempo, sussurrou:
-Eu estava esperando, mas... de certa forma é tão... definitivo.
-Sempre é – respondeu o Duque, delicadamente.
-Ele não desejaria viver como estava – murmurou ela – queria morrer como um soldado!
Os braços do Duque ainda estavam em volta dela, mas a jovem se moveu e ele soltou-a. Verena caminhou para a janela e ficou de pé, olhando para o jardim.
-Preciso ser corajosa – sussurrou, quase para si mesma.
-Está sendo – disse o Duque.
Ela virou a cabeça para o homem, os olhos examinando seu rosto, como se o visse pela primeira vez.
-Queria tanto... que você... o conhecesse – falou com voz trêmula.
-Sinto orgulho em me lembrar do General como quando o vi pela última vez, cavalgando pelo campo de batalha em Waterloo, depois da nossa vitória, os Granadeiros seguindo-o...
Viu as lágrimas surgirem nos olhos de Verena enquanto falava.
-Preciso voltar e ajudar Travers – falou ela, depressa.
-Tenho certeza de que não há nada que possa fazer – disse ele, com calma. -Fique aqui, eu vou ver se posso ajudar.
Verena ia argumentar, porém ele colocou a mão em seu ombro, obrigando-a

a sentar-se perto da janela.
-Obedeça, Verena. Juro-lhe que é melhor.
Havia autoridade na voz dele e Verena obedeceu sem fazer perguntas; o Duque saiu do quarto e desceu o corredor, para o lugar onde sabia ficar situado o quarto do General.
Travers saía do quarto quando ele se aproximou. Ele tinha coberto o corpo do patrão com um lençol e fechado seus olhos.
-Posso ajudar em alguma coisa? – perguntou o Duque.
-Não, Sir, obrigado. Vou mandar um criado chamar o médico e a mulher do porteiro, que veste os mortos em Little Copple. Ele vai levar também uma mensagem para o advogado do amo em Biggleswade.
Travers fechou a porta do quarto antes de continuar.
-A firma tem instruções do amo sobre o que deveria ser feito depois de sua morte. O cavalheiro estará aqui dentro de duas horas. Até lá, se puder cuidar da Senhorita Verena, Sir... vai ser difícil para ela.
-Eu vou tomar conta dela – prometeu o Duque.
Voltou ao seu quarto. Verena ainda estava sentada perto da janela. O Duque estendeu a mão:
-Venha, Travers já tomou todas as providências. Você prometeu me mostrar Salamanca.
Cerca de duas horas mais tarde, o Duque e Verena voltaram à casa, depois de terem visitado as cocheiras e sentado sob uma árvore sombria no jardim. Então, viram um cabriolé.
-Deve ser o Sr. Laybarrow – disse Verena. -Ele sabia que Travers mandaria chama-lo. Acho que vovô deixou instruções especiais quanto ao modo como desejaria ser enterrado.
-Vou esperar até que você ouça o que ele tem a dizer – falou o Duque. -E depois irei embora.
-Não está pretendendo partir, não é? – perguntou, surpresa. -Você não pode viajar tão cedo.
-Estou bem, e deve compreender, Verena, que agora, com a morte de seu avô, não poderei mais ficar na casa.
-Travers vai chamar a Senhorita Richardson – retrucou Verena. -Ela vai ser minha dama de companhia, se acha que é necessário. Por favor, não vá embora até que eu saiba o que vou fazer!
O Duque pareceu surpreso.
-Vovô sempre me dizia – prosseguiu ela – que quando morresse, já teria tomado providências não apenas quanto ao enterro, mas também em relação a mim. Não tenho ideia do que se trata, mas prometi que ia cumprir sua vontade.
Soltou um suspiro que era quase um soluço.
-O pensamento do que vovô possa pedir, me assusta. Talvez, seja uma tolice, mas por favor, Major Royd, não me deixe até que eu saiba o que é!
Enquanto suplicava, estendeu a mão pousando-a sobre o braço do homem. Era uma pequena mão com dedos longos e sensíveis. Havia várias pintas marrons sobre a brancura da pele. O Duque sentiu uma súbita compaixão por aquela adorável criança – porque Verena era pouco mais que isso – que, tendo vivido no campo, conhecia tão mal o mundo.

Emarianna Cárcano

“O que vai ser feito dela?”, pensou e compreendeu que, com a morte do avô, o mundo de Verena tinha desabado.

-Ficarei enquanto precisar de mim – disse ele, tranquilamente.

-Obrigada, obrigada!

E como uma criança impulsiva, ela encostou o rosto contra o braço dele por um momento.

-Estou envergonhada de sentir medo – falou ela em voz baixa – mas, não posso deixar de estar apreensiva.

-Vamos entrar – disse o Duque – e saber exatamente o que seu avô exigiu de você. É tão tolo subestimar um inimigo como subestimá-lo.

Ela esboçou um leve sorriso.

-Não deve chamar o vovô de inimigo.

-Eu me referia às misteriosas instruções; tenho certeza de que não vai acha-las tão extraordinárias como imagina.

-Talvez, tenha razão – concordou Verena.

Erguendo a cabeça, ela entrou na casa.

O Sr. Laybarrow, um homem idoso, mirrado e careca, estava esperando por eles no salão conversando com uma Lady de cabelos grisalhos, que estendeu ambas as mãos ao ver Verena.

-Oh, Richie! – exclamou Verena. -estou tão emocionada de ver você! Foi muita bondade sua ter vindo!

-Você sabia, querida, que estaria com você o quanto antes depois de ter recebido a triste notícia da morte do General – respondeu a Senhorita Richardson.

Beijou Verena e olhou para o Duque com visível curiosidade.

-Este é o Major Royd – explicou Verena. -Hospedou-se aqui depois de ter sofrido um leve acidente no povoado. Eu lhe contarei tudo mais tarde. Major, esta é minha antiga ama, de quem lhe falei, Senhorita Richardson.

O Duque se inclinou e a Senhorita fez uma reverência. O Duque simpatizou com seu rosto calmo e sensível, e da maneira como se conduziu, sem fazer perguntas desnecessárias.

-Senhorita Winchcombe, se quiser me perdoar por dizer isso – falou o Sr. Laybarrow com a voz seca e indiferente de sua profissão – tenho um importante encontro esta tarde e gostaria de voltar a Biggleswade com a máxima urgência. Seria uma grande consideração de sua parte, se permitisse que eu lhe informasse imediatamente sobre as últimas instruções do General Sir Alexander Winchcombe, a serem cumpridas após a sua morte.

-Naturalmente, Sr. Laybarrow – replicou Verena. -Não há motivo algum para demora e estou desejosa de ouvir suas últimas palavras. A Senhorita Richardson poderia ficar conosco? E também gostaria que o Major Royd, que é nosso hóspede, ouvisse o senhor.

-Será como deseja, Senhorita Winchcombe.

-Nesse caso, vamos nos sentar? – sugeriu Verena.

O Sr. Laybarrow sentou-se em uma poltrona de espaldar alto, começando a remexer em uma usada pasta preta de couro. O Duque aproximou dele uma pequena mesa e o Sr. Laybarrow agradeceu, enquanto colocava a pasta sobre ela, abrindo-a, para deixar à vista vários papéis.

Tudo parecia bastante pomposo, mas o que o Sr. Laybarrow tirou da pasta foi apenas uma folha de papel. Então, colocando os óculos, olhou para Verena, vendo que a jovem, a Senhorita Richardson, e o Duque tinham se sentado diante dele.

-Ele limpou a garganta.

-Está ciente, Senhorita Winchcombe – começou – que Mayhew, Bodkin e Critchwick são os advogados de seu avô, e que eu estou atuando somente no interesse deles até que sejam informados da lamentável doença de Sir Alexander.

-Sim, eu sei disso – respondeu Verena em voz baixa.

-Todas as escrituras e documentos estão com esses cavalheiros em Linclon's Fields – continuou o Sr. Laybarrow. -O que vou ler agora é um sumário do testamento de seu avô e de suas instruções, referentes ao seu funeral.

-Por favor, continue, senhor.

O Duque, observando Verena, compreendeu que aquela formalidade lhe custava um grande esforço, porém ela se controlava orgulhosamente, embora estivesse muito pálida.

-Essas instruções – continuou o Sr. Laybarrow – foram escritas e assinadas há dezoito meses, no dia cinco de julho de mil oitocentos e vinte e três.

Eu, Alexander Frederick Conrad Winchcombe, tendo o posto de General e sendo um Comandante Cavaleiro da Ordem de Bath, deixo tudo o que possuo – bens de raiz, propriedades, dinheiro – para minha neta Verena Winchcombe, que os herdará na idade de vinte e um anos, ou antes, se contrair matrimônio.

No entanto, caso eu morra antes dela completar a maioridade, peço ao meu bom amigo advogado, Arthur Critchwick, que nomeie um tutor para administrar seus bens e garantir que ela não faça um casamento inadequado.

Eu tinha esperado, sendo um soldado, morrer como um soldado no campo de batalha. Caso esse desejo não pôde ser realizado, quero ser enterrado no Cemitério do velho Convento, com a presença apenas do Pastor e de meu criado William Travers.

Minha morte deverá ser mantida em absoluto segredo por três meses. Depois desse prazo, poderá ser publicada uma curta notícia na Gazeta.

Ninguém precisa saber da minha morte no povoado, e não desejo manifestações de pesar como flores, cartas ou choro, de qualquer pessoa de minha casa ou de estranhos e conhecidos por quem não tenho interesse.

Guardando silêncio e estando ciente de que a minha última vontade é que ninguém saiba da minha morte, desejo que, assim que fechar meus olhos, minha neta deixe a casa e viaje para Londres com sua antiga ama, Senhorita Richardson.

Em Londres, poderá ficar com sua madrinha, Lady Bingley, ou então, a Senhorita Richardson entrará em contato com Lady Yarde, para lhe solicitar ajuda e conselho.

Desejo que minha neta, que cuidou de mim tão devotadamente nos últimos anos, e por quem nutro profunda afeição, conheça a vida social da qual foi privada em decorrência da minha doença.

Desejo que ela trave conhecimento com pessoas de sua classe e idade. Ela

terá bastante dinheiro que deverá ser gasto em tudo que lhe dê conforto. É minha vontade que ela não use luto e que ninguém saiba que me perdeu.

Acredito que, se minha neta tem alguma afeição por mim, minhas vontades serão cumpridas por ela e por qualquer pessoa envolvida.

Meu criado, William Travers, servirá minha neta como me serviu fielmente, até que esteja na idade de se aposentar. Ele deve receber imediatamente quinhentas libras, uma pensão de três libras semanais durante toda sua vida, e quando desejar, um chalé em Drive Gates.

O Sr. Laybarrow parou de falar encontrando o olhar de Verena fixo nele, com assombro. Ela se ergueu, depressa.

-É impossível! – gritou. -Como vovô pôde exigir isso de mim?

A Senhorita Richardson se aproximou dela.

-Eu acho, querida, que seu avô sempre sentiu não ter podido proporcionar diversão a você, devido à sua doença e idade. Lembro-me de quando voltou com você de Londres... ele me disse que não tinha ficado satisfeito com os conhecimentos feitos por você. Achava essas pessoas muito idosas e enfadonhas para alguém jovem como você.

-Não desejo conhecer pessoas de Londres – replicou Verena.

Como se sentisse que estava falando com demasiada franqueza diante do Sr. Laybarrow, ela se afastou da ama, e caminhou em direção ao velho advogado, que fechava a pasta negra.

-Obrigada por sua atenção, Sr. Laybarrow; se eu visitar Londres entrarei em contato com o Sr. Critchwick.

-Vou escrever para ele esta noite. Mas há mais uma coisa, Senhorita Winchcombe: agora é um mulher rica, e qualquer dinheiro que precise para viajar, para despesas em Londres, e naturalmente, para manter esta casa, poderá ser obtido da minha firma em Biggleswade ou do Sr. Critchwick em Londres.

-Diz que sou rica – falou Verena. -Eu não sabia que vovô tinha dinheiro.

-Na verdade, o General tinha uma ótima situação. O Sr. Critchwick poderá, com certeza, lhe dar mais detalhes, mas creio poder adiantar que vai herdar uma fortuna de cerca de noventa mil libras, além da casa e outros bens.

Compreendeu que Verena estava surpresa para conseguir falar, e inclinou-se polidamente.

-Meus sentidos pêsames, Senhorita Winchcombe. Deve lhe servir de consolo lembrar que o seu avô teve uma carreira brilhante, e que era admirado por todos que o conheciam, principalmente, por aqueles que trabalhavam para ele.

-Obrigada, Sr. Laybarrow.

Em seguida ansioso por partir, o Sr. Laybarrow apertou as mãos da Srta. Richardson e do Duque com pressa, e saiu do salão, entrando no hall onde Travers esperava para lhe entregar o chapéu e acompanha-lo até sua charrete.

Assim que a porta se fechou atrás dele, Verena colocou as mãos no rosto, exclamando:

-Não posso acreditar! Eu não vou para Londres! Como vovô pôde me pedir isso?

Emariannacarano

-Acho que é o testamento mais razoável que já ouvi – disse o Duque.
-Mas, por quê? – perguntou Verena.
O Duque olhou para a ama, e pôde ver em seu rosto, que ela aprovava suas palavras.
-O que poderá fazer aqui, sentindo-se solitária e infeliz com a perda de alguém que foi seu companheiro por quase dez anos? O que o General desejou, Verena, pedindo-lhe que vá para Londres, foi lhe poupar sofrimento e solidão.
-E naturalmente, querida – interveio a Srta. Richardson – deve cumprir a vontade de seu avô, não importa quais sejam seus sentimentos pessoais sobre o assunto. Vou subir agora e mandar que as criadas comecem a preparar as malas. Chegaremos a Londres antes de escurecer se partirmos amanhã cedo.
Sem esperar uma resposta, a ama deixou o salão. Verena se voltou para o Duque.
-Eu tenho que ir? – suplicou. -Agora, eu sei que era isso que estava me assustando. Tinha um pressentimento de algum plano terrível! Odeio a alta sociedade... você sabe quanto eu a odeio!
-Prometo-lhe que não será tão horrível como imagina – disse o Duque. -E se for a Londres, pelo menos, teremos uma chance de procurar o *Gênio do Mal*.
Não teria encontrado outra forma melhor de distrair Verena, se tivesse desejado.
-Então, você ganhou! – gritou ela, ressentida, os olhos brilhantes fixos nele. -Se eu não soubesse que você jamais conheceu vovô, acreditaria que os dois tinham planejado isso!
Soltou uma exclamação de raiva antes de acrescentar:
-Era isso o que queria, não é mesmo? Que eu fosse para Londres? Que eu procurasse por um homem, que só vi uma vez e que posso não reconhecer, nas ruas, no Parque, nos bailes, nas reuniões?
-Não é verdade. Você sabe tão bem quanto eu que vai reconhecer o *Gênio do Mal* no instante em que seus olhos pousarem sobre ele.
-Ele pode parecer diferente em Londres – disse, zangada.
-de qualquer maneira, será interessante procurarmos por ele juntos – sugeriu o Duque.
Verena olhou para ele e viu o sorriso e seus lábios.
-Está encantado! – acusou ela. -Encantado porque conseguiu o que queria! Bem, deixe-me lhe dizer, Major Royd, que não pretendo fazer exatamente o que ordenar, aqui ou em Londres. Além disso, embora afirme o contrário, se eu ficar com minha madrinha, será pouco provável que vá a lugares bastante aristocráticos para serem frequentados pelo *Gênio do Mal*...
-Vamos ver! – disse o Duque com ar enigmático.
Verena atravessou o salão para olhar o jardim.
-Eu quero ficar aqui! Quero cavalgar Assaye pelos campos, conversar com Billy no Cachorro e Pato, idealizar o vestido de noiva de Charmaine... e...
-... voltar para a casa vazia e sentir-se infeliz sem seu avô – concluiu o Duque.
-Talvez tenha razão – admitiu ela com um suspiro. -de qualquer maneira, devo fazer o que meu avô queria, e se encontrarmos o *Gênio do Mal*, talvez,

EmarinnaCarcano

valha a pena. Promete que visitará em Londres?
O Duque compreendeu que era o grito de uma criança com medo de ficar sozinha em uma grande e desconhecida cidade.
-Vou ver você sempre que permitir – assegurou ele.
Verena soltou um pequeno grito.
-Eu estava esquecendo! Você não está em condições de viajar! Sei que o médico não permitirá que vá a Londres antes de dois ou três dias.
-Eu vou sair daqui amanhã, assim que você e a Senhorita Richardson partirem – replicou o Duque. -Não se preocupe comigo, Verena; devo visitar algumas pessoas em Eaton Socon e Salamanca poderá me levar, facilmente até lá.
-Tem certeza de que está bem? – perguntou ela com ansiedade.
-Claro que sim – respondeu o Duque. -Gostaria que eu providenciasse uma carruagem para leva-la a Londres ou um palafreneiro para cavalgar Assaye?
-Podemos viajar na carruagem de vovô – disse ela. -E um dos palafreneiro poderá montar Assaye. Há, contudo, uma coisa que me perturba. Gostaria de alugar algumas cocheiras quando estiver em Londres. Os cavalos ficarão alojados primeiramente na cocheira de minha madrinha, que é perto de sua casa na Praça Manchester. Mas, eu não gostaria de incomodá-la deixando meus cavalos lá por muito tempo.
-Encontrarei uma cocheira – disse o Duque.
-Obrigada.
De repente, exclamou:
-Agora, posso comprar cavalos!
Pronunciou as palavras em tom assombrado, como se, de súbito, compreendesse que poderia realizar o seu grande desejo, e ao mesmo tempo tivesse medo de que fosse um sonho.
-Posso ajuda-la.
-Poderia encontrar cavalos para mim, mesmo que fossem cinquenta por cento maravilhosos que Salamanca?
-Prometo que lhe mostrarei o caminho para comprar cavalos da melhor raça – afirmou o Duque. -Embora, naturalmente, não possa admitir que sejam melhores que Salamanca.
-Ou tão inteligente como Assaye – ajuntou ela com um pequeno sorriso.
-Isso, é claro, está fora de cogitações.
Seus olhos se encontraram.
-Não tenha medo – disse ele, suavemente. -Você é tão jovem e adorável, Verena. O mundo pode ser um lugar muito atraente quando se tem esses dois atributos.
-Eu vou cometer erros... – sussurrou, como se falasse consigo mesma.
-Não, se confiar em mim.
Ela estendeu a mão para ele, e o Duque segurou-a, sentindo os dedos frios apertados contra os seus.
-Eu vou destruir os dragões – disse, ternamente.
Verena prendeu a respiração.
-Espero que consiga... Leopardo! – disse, em tom muito baixo.
Foi, no entanto, um pequeno rosto desolado escondido sob um bonito chapéu

de palha, que se despediu do Duque na manhã seguinte, quando Verena e a Srta. Richardson partiram para Londres.

A carruagem era sólida e antiga, e o cocheiro trabalhava há trinta anos para o General. Mas, os cavalos eram bons e o Duque confiava no criado que escoltava as mulheres. Um jovem campon6es trigueiro que, Sua Graça estava convencido, saberia enfrentar os perigos que pudessem surgir na viagem.

Um palafreneiro seguia a carruagem, montando Assaye.

-Adeus, Travers – disse Verena, estendendo a mão.

Travers segurou-a entre as suas.

-Vou cumprir as ordens do amo, senhorita, e manter a casa pronta para a sua volta.

A senhorita Richardson, que já se despedira do Duque, entrou na carruagem. Verena estendeu ambas as mãos ao Duque, seus grandes olhos cheios de lágrimas não derramadas.

-Você irá me ver... breve – pediu.

-Depois de amanhã – prometeu o Duque.

-Tem o endereço da minha madrinha?

-Você o escreveu para mim – respondeu o Duque. -Cuide-se bem, Verena, e prometo que vou fazer o possível para que goste de Londres. Juro-lhe que será muito diferente, da sua última visita.

-Duvido! – retrucou Verena. -Adeus, Major. Deve viajar devagar. Acho que deveria levar dois ou três dias na viagem.

-Você vai me colocar numa cadeira de rodas qualquer dia! – exclamou o Duque, vendo o fantasma de um sorriso, antes que ela se voltasse para entrar na carruagem.

O cocheiro fustigou os cavalos. Verena acenou com a mão até a carruagem desaparecer.

-Pobre criança! – murmurou Travers.

-Ela estará bem – disse o Duque. -Eu farei com que seja assim.

-Espero que sim, Sir! – replicou Travers. -E pode estar certo de uma coisa: eu não vou mandar recado algum para o Clube de Serviços Unidos!

-Quando você influenciou o General para escrever aquele testamento? – perguntou o Duque piscando o olho.

A resposta foi um sorriso nos lábios de Travers:

-Talvez, eu tenha convencido o amor, Sir, que a Srta. Verena podia se casar com uma pessoa indesejável porque tinha muito pouca experiência quanto a pretendentes elegíveis.

-Isso foi bastante sensato, Travers.

-Naturalmente, Sir – continuou Travers – disse ao General que uma Lady teria dificuldade em fazer novas amizades, estando de luto. Depois disso, o amo adivinhou no mesmo instante quem seria um visitante assíduo assim que ele morresse.

-Eu lhe dou parabéns – disse o Duque.

Ele partiu um pouco mais tarde para Eaton Socon, montando Salamanca. Achara-se o bastante forte para aguentar uma viagem tão curta a cavalo. Mas, quando chegou ao Cavalo Branco, ficou satisfeito em entregar Salamanca ao palafreneiro e descansar a cabeça latejante na sala particular que o Sr. Carter

lhe tinha reservado.
Depois do almoço ligeiro, o Duque partiu para Londres; e somente o excelente molejo de sua nova carruagem e o fato de que ele pôde dormir durante parte do trajeto, tornaram a viagem suportável.
Na verdade foi um homem muito cansado que chegou à Casa Selchester depois da meia noite, e afundou o corpo em sua cama, para dormir profundamente, sem sonhar, até tarde na manhã seguinte.

* * *

Quando o Duque acordou, imaginou por um momento onde estaria. Depois, quando os acontecimentos da última semana voltaram à sua mente, encontrou-se fazendo planos com tanto cuidado e interesse, que ficou impaciente em relação a qualquer fraqueza física.
Pensara, em Eaton Socon, que mandaria chamar seu médico quando chegasse em casa. Mas, ao se levantar, decidiu que sua cabeça estava se recuperando bem, e que tinha coisas mais importantes a fazer.
No entanto, o Sr. Graystone o retardou, e foi somente depois do almoço que o Duque se dirigiu à mansão da Rua Charles, em Mayfair, guiando sua carruagem. Ali perguntando por Sir Adolphus Royd, foi informado pelo mordomo que Sua Senhoria se encontrava no escritório, sendo conduzido a uma sala tranquila aos fundos da casa.
Lorde Adolphus, que engordara bastante nos últimos dez anos, ergueu os olhos surpresos para o sobrinho. Levantando-se da confortável poltrona onde estivera cochilando gostosamente, exclamou:
-Céus, Theron! Porque não fui informado que você vinha me visitar?
Estendeu a mão gorda, dizendo:
-Há um motivo especial para tão inesperada visita? Com certeza, regressou com rapidez de sua planejada viagem ao campo?
-Cheguei ontem à noite – disse o Duque.
-Sua viagem teve sucesso?
-Não fiz nenhum pedido de casamento – respondeu o Duque com secura. -O que vim lhe perguntar, tio Adolphus, é se temos algum parentesco com Lorde Merwin?
-Merwin! – exclamou Adolphus. -Por que imaginou que temos alguma ligação com aquele enfadonho tagarela, por quem eu sentia uma profunda aversão desde que estava em Oxford?
-Muitas famílias nobres estão ligadas pelo casamento em algum ramo de sua árvore genealógica – retrucou o Duque. -O senhor mesmo já me declarou isso várias vezes.
-É verdade – disse o Lorde. -Mas, eu não tenho nenhum desejo de ter parentesco com Merwin! Um sujeito fastidioso, muito fastidioso!
-Tio Adolphus, o único assunto em que é uma autoridade, em que ninguém consegue descobrir falha, é linhagem – disse o Duque. -Certamente, para me fazer um favor, pode encontrar qualquer pequena ligação, mesmo insignificante, entre a nossa família e a de Lorde Merwin, não é?
-Não existe nenhum! E não concebo, Theron, por que razão insiste num parentesco tão desagradável, ou melhor dizendo, tão abominável!

-O que pode Lorde Merwin ter feito ao senhor? – perguntou o Duque com uma ponta de riso na voz.

-Não desejo desenterrar esqueleto algum – respondeu Lorde Adolphus. -Para mim, Theron, é suficiente dizer que não incluo nenhum membro da família Merwin em minha lista de visitas. De qualquer forma, o Lorde Merwin que conheci, já morreu há dez anos.

-Então que diferença faz? – perguntou o Duque. -Embora eu suponha que ele teve um herdeiro.

-Um primo, creio eu – respondeu Lorde Adolphus, friamente. -Mas, também não desejo sua amizade. Que parafuso está solto em sua cabeça, Theron? Há bastante sangue azul na alta sociedade sem que você precise ser amigo de pessoas que lhe são muito inferiores.

-Está me desapontando – disse o Duque, caminhando pela sala com impaciência. -E Winchcombe? Não temos ligação com essa família, imagino?

-Winchcombe! – repetiu o Lorde Adolphus. -Bem, isso é outra historia!

O Duque, que fizera a pergunta com jeito de quem já conhece a resposta, ficou atento.

-Sim, uma historia muito diferente – ajuntou Lorde Adolphus. -Na verdade, meu caro, seu bisavô se casou com uma Winchcombe.

-Casou? – exclamou o Duque. -Então, por que nunca me disse isso?

-Eu não incluí a união na minha historia da família.

-Diabos! Por que não?

-Porque foi uma mésalliance, um casamento desonroso, do qual não podemos nos orgulhar.

-O que aconteceu?

Não havia mal agora em satisfazer a curiosidade do sobrinho, e Lorde Adolphus, que raramente notava interesse dos parentes pelos arquivos da família, o que constituía seu passatempo predileto, ficou satisfeito ao ver o Duque se sentar em uma confortável poltrona, preparado para escutar o que ele tinha a dizer.

-Quer dizer – preguntou o Duque enquanto o tio parecia refletir – que minha bisavó era uma Winchcombe?

-Nada disso! Sua bisavó era uma Newcastle, família excelente, bom sangue. O seu ramo embeleza o nosso com grande distinção.

-Nesse caso, explique-se – pediu o Duque.

-A mésalliance Winchcombe foi uma infelicidade de família, motivo pelo qual não incorporei tal nome à árvore genealógica de nossa família.

-Trapaceando, tio Adolphus? Sempre achei que o senhor inclinava um pouco os ramos...

-Não fiz nada disso! Mas, me pareceu absurdo registrar para a posteridade, a ação insensata de um libertino.

-Quer me contar o que aconteceu? E deixe que eu julgue por mim mesmo.

-Quando seu bisavô estava em Oxford – começou o Lorde – apaixonou-se por uma jovem Winchcombe, filha de um militar. Tinha dezenove anos, era muito turbulento, tendo se metido em inumeráveis brigas, quando pediu ao pai permissão para se casar. Pode supor qual foi a resposta! O pai da jovem também negou seu consentimento. Seu bisavô não tinha nenhum título naquela

EmarianaCárcano

época, existindo várias pessoas entre ele e o Ducado. E ele se encontrava também em dificuldades financeiras.

-O que aconteceu? – perguntou o Duque.

-O jovem Royd e Arabella Winchcombe fugiram para Gretna Green!

-Deve ter sido um escândalo!

-Claro que sim! – replicou o tio. -Ambos os pais partiram em perseguição ao casal, mas quando chegaram a Gretna Green, não descobriram nem sinal do par fugitivo. Pensaram que os jovens lhes tinham pregado uma peça, e depois de se injuriarem mutuamente por causa dos jovens, fugitivos, dirigiram-se para o Sul, disputando durante a viagem, o privilégio de descobrir os amantes.

-O que tinha havido com os fugitivos?

-Foram envolvidos num acidente de carruagem – respondeu Lorde Adolphus. -Aconteceu depois que se perderam em alguma charneca de Yorkshire. Machucaram-se: seu bisavô quebrou a perna e várias costelas. Aceitaram a hospitalidade do gentil homem do campo que estava guiando o outro veículo, que certamente pagou, generosamente, por sua participação no acidente, porque eles ficaram em sua casa durante meses. Arabella Winchcombe, recuperando-se com rapidez, cuidou de seu amante com carinho. Acho que era muito competente, sendo filha de um soldado.

-Tenho certeza que era – disse o Duque, pensativo.

-Passaram-se quatro meses antes que chegassem a Gretna Green e se casassem – continuou Lorde Adolphus.

-Céus, isso deve ter dado o que falar!

-A historia foi abafada. Quando voltaram, a Srta. Winchcombe, ou melhor, a Sra. Royd foi viver novamente com os pais, e morreu de parto cinco meses mais tarde. A criança nasceu morta. E seu bisavô continuou os estudos, ou antes, regressou à sua vida alegre de Oxford! O filho pródigo foi bem recebido pela família, sem que ninguém soubesse, realmente, o que acontecera, até que ele anunciou que era um viúvo.

-Devem ter estranhado – murmurou o Duque.

-Eu tenho a suspeita, depois de ler a correspondência existente, de que o jovem Royd, detestando a penúria em que vivera no Norte, era um mentiroso muito convincente. Minha opinião é que quando voltaram para casa, ele já estava farto de Arabella.

-É evidente que era um desonesto de primeira ordem! – comentou o Duque. -E afinal de contas, ele foi um Duque e tornou-se muito religioso em sua velhice.

-Outro exemplo de ladrão de caça transformado! – Lorde Adolphus sorriu. -Nenhum homem é mais santo do que um libertino regenerado.

O Duque riu, depois comentou, seriamente:

-Apesar disso, meu coração sangra por Arabella.

-Nunca soube que você tinha um.

-Durante anos tem sido uma conjetura – concordou o Duque. -Mas, tio Adolphus, disse-me exatamente o que eu queria saber: meu bisavô foi de fato casado com uma Winchcombe!

-Como já afirmei antes, não vou registrar essa ligação na historia da família que estou compilando nesse momento – replicou Lorde Adolphus.

-Ao contrário, o senhor me fará um favor se contar a verdade – disse o

Duque. -Acho a historia muito curiosa e deveria ser registrada em benefício da exatidão de seu trabalho.

-Diabos me levem! – exclamou Lorde Adolphus. -Eu desconhecia o seu interesse por nossos antepassados até agora, principalmente, no que se refere a incidentes desagradáveis que não elevam o bom nome da família.

O Duque não respondeu e Lorde Adolphus examinou o sobrinho através dos olhos apertados.

-É um Merwin ou um Winchcombe que tem interesse especial para você? – interrogou.

-Ambos – respondeu o Duque, deixando o recinto sem satisfazer a curiosidade do tio.

Da Rua Curzon dirigiu-se a Lincoln's Inn Fields e depois de alguma dificuldade em encontrar o prédio dos Srs. Mayhew, Bodkin e Critchwick, finalmente, subiu uma pequena, escura e sinuosa escada em direção aos seus escritórios no primeiro andar.

Um escriturário arrogante pôs em dúvida a possibilidade do Duque ver o Sr. Critchwick, porque não tinha hora marcada. Mas, quando soube o nome do ilustre visitante, acompanhou Sua Graça ao escritório com inclinações de cabeça e atenciosa subserviência.

Lá, o Duque encontrou um homem relativamente jovem, de rosto severo e usando óculos, sentado atrás de uma imponente mesa, que lhe fez um discurso sobre a honra que Sua Graça dava à firma por ter entrado em seus escritórios.

-É o Sr. Critchwick? – indagou o Duque assim que lhe foi dada uma oportunidade de falar.

-Esse é o meu nome, Sua Graça, mas suponho que esperava encontrar meu pai, o Sr. Arthur Critchwick.

-Sim – respondeu o Duque.

-Nesse caso devo informar Sua Graça que meu pai está indisposto. Na verdade, devo ser franco e lhe contar que ele sofreu um ataque que perturbou suas faculdades, não havendo possibilidade de reassumir seu lugar aqui no escritório.

O Duque se sentou em uma cadeira, que não era apenas desconfortável, mas também, suspeitou, desagradavelmente empoeirada.

-É uma pena – disse. -Eu estava ansioso para conhecer seu pai, Sr. Critchwick, sabendo que ele terá, pelo testamento do General Sir Alexander Winchcombe, o poder de nomear um tutor para a Srta. Verena Winchcombe até que ela atinja a maioridade.

-Isso é correto, Sua Graça. Recebemos uma carta esta manhã informando sobre a morte do General. Meu pai, se pudesse compreender o que aconteceu, lamentaria muito a morte de um valho amigo e cliente.

-Mas, como o senhor está ocupando o lugar de seu pai – disse o Duque – suponho que tem autoridade para nomear um tutor para a Srta. Winchcombe.

-Eu tenho, Sua Graça.

-Excelente! – replicou o Duque. -Nesse caso, eu ficaria grato, Sr. Critchwick, como um parente e pessoa de responsabilidade, se o senhor me nomeasse!

Capítulo VII

Verena estava tão abatida durante os dez primeiros quilômetros da viagem a Londres, que respondia com esforço às perguntas da Srta. Richardson, e quando esta se pôs a falar do General, a jovem começou imediatamente a chorar.

Quase imediatamente ela tentou recuperar o controle, mas a atmosfera era sombria na carruagem, até que a Srta. Richardson, com sua voz calma e sincera comentou:

-Nunca pensei, Verena, que fosse tão medrosa.

-Eu não quero ir para Londres.

-Nesse caso, lavo as minhas mãos – declarou a ama. -Você costumava ter um espírito aventureiro, pronta para enfrentar dificuldades com um sorriso, e a fazer um esforço para vencer os obstáculos. Certamente, você não é a mesma que caiu três vezes ao tentar pular sobre um portão de grades, mas que afinal conseguiu.

Verena esboçou um sorriso.

-Não gostaria que sentisse vergonha de mim.

-Bem, estou sentindo! – respondeu a ama com franqueza. -E só posso agradecer o fato do General não poder ver você agora. Ele detestava mulheres choronas!

Verena riu e depois que almoçaram cedo em Baldock, seu estado de espírito melhorou.

Alcançaram os arredores de Londres cerca de cinco horas, e a carruagem, abrindo caminho através de ruas estreitas, congestionadas por carroças de transporte, coches, carruagens e pequenos cabriolés, chegou à residência de Lady Bingley na Praça Manchester.

Era uma casa alta, estreita e despretensiosa, possuindo, entretanto, grandes janelas dando para o jardim no centro da praça e um jardim particular aos fundos.

Quando o cocheiro deteve os cavalos, Verena pensou com ansiedade se sua madrinha ficaria contente em recebe-la, chegando inesperadamente e sem convite.

Mas, ela não precisaria temer nesse sentido. Lady Bingley, depois de uma primeira exclamação de espanto ao ver Verena, abriu os braços e não podia haver dúvidas quanto à sinceridade de suas boas-vindas.

Sua Senhoria enviuvara no ano anterior, e depois de passar a vida atendendo às necessidades e caprichos de um marido bastante exigente, estava achando sua solidão insuportável. Nada melhor para ela, portanto, do que a companhia de sua afilhada.

A caminho de Londres, Verena e a Srta. Richardson, tinham decidido dizer que o General mandara a neta para Londres porque achava que ela precisava de descanso depois de cuidar dele com tanta dedicação durante um tempo tão longo.

-Descanso? – exclamou Lady Bingley. -Minha cara, você precisa é de

EmariannaCárcano

diversão! Pensei muitas vezes em você, apodrecendo naquele lugar monótono, úmido, e pouco saudável, sem ver um belo rapaz ou ter a chance de um flerte!

-Fui muito feliz com vovô – disse Verena com voz trêmula.

-Claro que sim, querida. Mas não se pode negar que seu avô já tem setenta e cinco anos, e embora tenha sido um rapaz bonito e ousado, não é atualmente o par indicado para dançar a moderna imoral e deliciosa valsa!

Verena riu e Lady Bingley continuou:

-A temporada está começando e estou certa de que podemos fazer com que se divirta; embora, para ser franca, querida, não tenho a menor ideia como conseguir que seja convidada para os bailes da alta sociedade.

Lady Bingley, muito atraente em sua mocidade, e conservando ainda um certo charme, descendia de uma conhecida família de Condado, e sabia muito bem a diferença existente entre os convites recebidos por uma debutante de sangue azul e por uma que estava agarrada, precariamente, às saias da alta sociedade.

Então, ela soltou uma exclamação:

-Acabei de ter um feliz pensamento! Depois de amanhã vou dar uma reunião. Na semana passada encontrei por acaso uma velha amiga minha, Lady Studholde. Estivemos juntas no colégio, mas como seu marido é muito rico e ocupa uma posição na Corte, ela frequenta agora uma sociedade muito diferente da minha.

“No entanto, convidei Sua Senhoria para honrar minha festa na quinta-feira, e ela aceitou! Se ela vier, e gostar de você, Verena, então as coisas serão diferentes”.

-Por quê? – perguntou Verena com voz calma.

-Porque, querida, Lady Studholde não tem somente dois filhos na idade de casar, como também acompanha uma filha em sua segunda temporada. O que poderia ser mais encantador do que você e Sybil Studholde irem juntas às festas?

Lady Bingley prendeu a respiração, para ajuntar com um pequeno suspiro:

-Infelizmente, Sybil não é muito bonita, coitada... Duvido que Lady Studholde arrisque uma comparação entre você e Sybil, que seria por demais óbvia!

-Quer dizer que sou muito bonita?

-Você tornou-se uma beleza – disse a madrinha. -Na verdade, quase não acreditei nos meus olhos quando você entrou aqui! Lembre-se, querida, que não via você há dois anos, e a mudança é notável!

Sua Senhoria suspirou de novo antes de prosseguir:

-Posso lhe assegurar, minha querida afilhada, que seu sucesso estaria garantido se eu tivesse mantido amizade com lady Jersey e Lady Cowper, que conheci quando jovem.

Ao ouvir os nomes das duas patronesses do Almack, Verena se lembrou do que o Major Royd lhe assegurara poder conseguir a sua entrada naquele santuário.

Pensou em contar à madrinha o que ele dissera, mas depois mudou de ideia. Estava certa de que ele se enganara. Era impossível que conhecesse tão brilhantes estrelas do firmamento social e, se conhecesse, elas não a aceitariam ao lhes ser apresentada por um rapaz.

Verena abraçou a Lady Bingley e beijou-a no rosto.
-É muito amável de sua parte, preocupar-se comigo – disse. -Ficarei contente apenas em estar aqui. Não tenho vontade de ir a bailes e reuniões. Vovô é quem está ansioso para eu me divertir, embora eu tenha certeza que isso não acontecerá nessas reuniões sociais.
-Tolice, querida! – exclamou Lady Bingley. -Pode deixar tudo por minha conta. Prometo que farei tudo o que for possível. Afinal de contas, temos em nossas mãos a melhor apresentação de todas.
-Qual é? – perguntou Verena, curiosa.
-Sua beleza, minha querida.
Na verdade, Lady Bingley mostrava mais confiança em sua capacidade de apresentar Verena à sociedade, do que realmente, achava possível. Ninguém sabia melhor do que ela dos obstáculos e dificuldades erguidas rapidamente pelas grandes anfitriãs da sociedade, ao sentir que havia pretensão de uma moça do campo de entrar em seu mágico círculo social.
Lady Bingley, esposa exemplar, contentara-se com a companhia dos amigos de Lorde Bingley, que eram quase todos ligados à advocacia, ou com a dos nobres idosos que ele encontrava na Câmara dos Pares.
Agora, lamentava amargamente sua indolência em não incluir nos convites à sua casa as antigas amizades de seu tempo de moça, ou em não ter mantido correspondência com vizinhos de sua família do campo, cuja linhagem aristocrática permitia que, quando visitavam Londres, se movessem em altos círculos sociais.
No entanto, ela não se desesperou. Sempre lamentara não ter podido oferecer a Verena maiores distrações quando da sua última visita a Londres. Mas, a moça não era, certamente, a beleza em que se transformara agora!
-A primeira coisa que Verena precisa ter – disse ela à Srta. Richardson quando estavam sozinhas – é alguns vestidos realmente modernos. O General tomou providências sobre as despesas de Verena aqui em Londres?
A Srta. Richardson respondeu prontamente:
-Sim, Milady, o General disse que Verena pode gastar o dinheiro que quiser e ordenou mesmo que ela comprasse tudo do melhor!
A antiga ama fez uma pausa antes de continuar:
-Acho que não estou sendo indiscreta, Milady, ao lhe dizer que quando o General morrer, Verena herdará uma fortuna de noventa mil libras além das propriedades do avô.
-Noventa mil libras! – exclamou Lady Bingley, fracamente. -Então, ela é uma herdeira! Com sua beleza e fortuna podemos encontrar um marido importante para Verena.
A Srta. Richardson, que sabia sobre o Capitão Giles Winchcombe-Smythe e que conhecia a opinião do General sobre ele, esperava que Lady Bingley não fosse ficar desapontada. Ao mesmo tempo, compreendeu que o General fora mais sábio do que esperavam, ao querer que Verena tivesse a chance de ver o mundo, antes de se atirar nos braços de um homem nada conveniente.
No dia seguinte, Verena passou horas agradáveis em Bond Street. De posse dos endereços das mais caras costureiras, que lhe tinham sido dados por Lady Bingley, e passando quase uma hora na loja de chapéus da Srta. Tuning, em

St. James, voltou para a Praça Manchester com a carruagem tão cheia de caixas, pacotes e sacolas que foi difícil, quando colocaram todas as compras no veículo, descobrir um lugar para ela e para a Srta. Richardson.

O gosto pessoal de Verena também melhorara e Lady Bingley ficou encantada ao ver os vestidos que ela escolhera.

-Estou um pouco estarrecida com tanta extravagância! – disse Verena.

-Não é uma extravagância comprar alguma coisa na qual você não apenas parece bonita, mas também se sente bonita! – replicou Lady Bingley.

Verena, lembrando-se das roupas usadas em sua última visita a Londres, tinha resolvido que, desta vez, ela não pareceria uma camponesa, não importa quais fossem os seus sentimentos.

E as gazes, cetins, *lamés*, rendas, fitas, plumas e flores eram todos a munição que seu avô gostaria que ela tivesse ao investir sobre o mundo social.

Reconheceu, com alguma amargura, que esse era um inimigo contra o qual teria que empregar toda a sua força, para conseguir uma pequena vitória.

Quando se deitou, Verena ficou algum tempo acordada pensando em sua casa e no Major Royd. Na verdade, pensara várias vezes durante o dia, como ele devia estar lamentando não ter podido convalescer por mais alguns dias antes de cavalgar Salamanca em direção a Eaton Socon. Eram apenas dois quilômetros, porém, ela temia que o movimento do cavalo sob ele agravasse seu estado e fizesse a cabeça doer novamente.

O Duque tinha tentado a princípio esconder a dor que era quase intolerável, mas Verena sabia o quanto ele sofrera.

Agora, lembrando-se de sua coragem, sentia-se envergonhada de ter lastimado diante dele e da Srta. Richardson, as ordens do avô, em vez de cumpri-las da melhor maneira possível.

Seus pensamentos ficaram ligados tanto tempo ao Major, que ela se repreendeu por não estar entusiasmada com o fato de que agora podia casar-se com o seu primo Giles.

Disse a si mesma que era apenas por relutância em contrariar a vontade do General, e quebrar a promessa que lhe fizera, que não tinha procurado saber o paradeiro de Giles assim que chegara a Londres.

“O Ministério da Guerra podia me informar onde se encontra o Regimento de Giles”, pensou.

Era, contudo, uma decisão difícil. Devia procurar Giles e lhe contar que o General morrera? Ou devia respeitar a vontade de seu avô e esperar três meses até que a notícia fosse publicada na Gazeta?

Na manhã de quinta-feira, Verena se lembrou de que o Major Royd prometera visita-la aquele dia, mas ele não apareceu antes do almoço, embora quando ela foi fazer compras de novo com a Srta. Richardson, deixasse um recado dizendo a que horas voltaria.

A Srta. Richardson partiu depois do almoço para regressar ao campo. Ela cumprira a sua obrigação, trazendo Verena a Londres, mas agora, que a jovem estava em segurança, queria voltar ao seu chalé, para os seus cachorros e gatos.

-Convidei meus amigos para as quatro horas – disse Lady Bingley depois da partida da Srta. Richardson. -Enviei vários convites extras ontem e esta manhã,

informando meus amigos de sua chegada a Londres, esperando que eles nos honrarão esta tarde, e conhecerão você.

-Como é bondosa! – exclamou Verena.

-examinei meu caderno de endereços ontem – disse Lady Bingley – e encontrei o nome de muitos amigos que tem filhas de sua idade, e também... filhos! Mas, sabe muito bem, querida, que são as mulheres mais velhas que poderão apresenta-la à sociedade. Por isso, querida, eu lhe peço, seja encantadora com as senhoras.

-Vou tentar – prometeu Verena.

Finalmente, quando estava pronta, Verena olhou-se com ar crítico no comprido espelho do seu quarto, antes de descer ao salão.

Seu vestido, de madame Bertine, a mais exclusiva e procurada costureira da Corte, tinha custado a Verena o que lhe parecera uma quantia extraordinária. Mas, não havia dúvida de que realçava com sucesso o cabelo escuro de reflexos dourados, e tornava sua pele maravilhosamente clara.

O vestido de seda amarelo-claro, sobre um forro pesado de cetim do mesmo tom, era ornamentado na bainha e ao redor do pescoço com renda franzida, e enfeitado com laços de fitas de veludo, que só podiam ter vindo da França. As mesmas fitas cercavam a cintura fina.

Satisfeita com sua imagem refletida no espelho, Verena se preparou para descer quando foi chamada pela madrinha.

-Venha querida! – disse Lady Bingley, resplandecente em um traje de tafetá preto enfeitado com renda Chantilly. -Tenho um presente para você.

-Um presente? – repetiu Verena.

-Espero que goste. Eu o usei quando tinha a sua idade.

Verena abriu uma caixa de veludo e encontrou em seu interior um colar de bonitas pérolas. O brilho suave das pérolas, quando ela colocou o colar ao pescoço, lhe deu um toque de charme, que ela desconhecera até então.

Após um abraço afetuoso, Verena e Lady Bingley desceram ao salão, no primeiro andar, onde tinham sido feitos preparativos mais extensos do que nas costumeiras reuniões de Lady Bingley.

Arranjos de cravos vermelhos, lírios e rosas decoravam as mesas laterais do espaçoso salão em forma de *L*, que com suas compridas janelas, teto alto e lareira, era um local adequado para uma recepção.

A mobília era pesada, tendo sido herdada por Lorde Bingley de seu pai, mas era de valor, e as cortinas de cetim cor de damasco, e o estofamento de sofás e poltronas eram de bom gosto, embora não especialmente sensacionais.

-Como convidei mais pessoas que o habitual – disse Lady Bingley a Verena – contratei dois criados extras; e como o velho Joseph está ficando surdo, costumo contratar também um homem experiente para anunciar os convidados.

Verena já notara um homem com aspecto imponente, parecendo um arcebispo, de pé no alto da escada. Ela não ficou surpresa ao ver que sua voz combinava com a aparência, parecendo cantar os nomes dos convidados quando os anunciava.

Os amigos de Lady Bingley tinham aceitado o convite, ou talvez, a descrição de sua afilhada tivesse sido tão lisonjeira, que despertara a curiosidade deles.

De qualquer forma, subiram as escadas, um após o outro, a maioria deles com mais de cinquenta anos. Apesar disso, havia alguns jovens e elegantes nobres, que depois de examinar Verena, decidiram que não estavam perdendo seu tempo em um lugar tão fora de moda como a Praça Manchester.

Então, às quatro e meia, Verena viu um rosto muito atraente e um par de ombros largos atrás de um cavalheiro idoso, que subia a escada devagar, com uma das mãos no corrimão e a outra sobre a bengala de marfim.

-O Sr. Justice e Lady Pollard – anunciou o mordomo.

Enquanto o casal idoso avançava para apertar a mão de Lady Bingley e ser apresentado a Verena, esta encontrou o olhar do Duque e sorriu para ele, com fascínio.

Ele pensou que não havia engano quanto à alegria no rosto de Verena, e esperou ser anunciado, imaginando que nome devia dar.

Mas, o imponente mordomo tinha sido contratado durante anos pelas anfitriãs mais famosas de Londres. Ficou surpreso ao ver o Duque na Praça Manchester. E já tinha anunciado Sua Graça tantas vezes antes, que não havia necessidade de perguntar o seu nome.

Quando Lady Pollard estendeu a mão a Verena, o Duque foi anunciado em voz alta:

-Sua Graça, o Duque de Selchester.

Por um instante, Lady Bingley ficou paralisada. Depois, ela pensou, humildemente, que devia tratar de um terrível engano. Nunca, em seus sonhos mais ambiciosos, ela imaginara que o solteirão mais elegível e procurado de toda a sociedade comparecesse a uma de suas festas.

Ela pensara, na verdade, um pouco tolamente, que Verena, com sua beleza, poderia atrair Lorde Cumberford ou mesmo o jovem Conde de Paddington para uma de suas recepções.

Mas, ela nunca esperara o Duque de Selchester, que era conhecido como tão exigente e difícil de contentar na escolha de divertimento, que se dizia que o Regente, antes de subir ao trono, tivera, muitas vezes, que suplicar para que o Duque aceitasse um convite para a Casa Carlton.

-Deve perdoar minha intromissão, Milady, quando está recepcionando – dizia o Duque com sua voz profunda, e Lady Bingley teve que se esforçar para ouvi-lo.

-Estou... honrada, Sua Graça – conseguiu balbuciar antes que o Duque continuasse.

-Minha desculpa é que, naturalmente, desejo dar as boas vindas à minha parente, Srta. Verena Winchcombe.

-Parente? – perguntou Lady Bingley, sentindo que em seu assombro, estava gaguejando.

-Sim – respondeu o Duque. -O General nunca lhe disse que meu bisavô se casou com uma Winchcombe?

-Não, acho que não disse.

Enquanto falava, percebeu com satisfação que, depois que o Duque fora anunciado, reinara um súbito silêncio na sala de recepção repleta de convidados.

A conversa recomeçara, mas Lady Bingley viu, com alegria, que Lady

Studholde se encontrava junto à porta, e não podia assim, ter deixado de notar a chegada do Duque.

O Duque avançou um passo de Lady Bingley para Verena, encontrando dois olhos encarando-o com raiva, e de tal forma, que ele custou a acreditar que ela sorrira há alguns segundos para ele.

-Permita-me lhe dar as boas vindas – disse ele.

-Como ousou? – perguntou em voz baixa. -Como ousou me enganar?

-Lorde e Lady Carthwraite e Florence Carthwraite.

O Duque, baixando os olhos para o rosto claro e zangado erguido para ele, disse:

-Vamos conversar sobre isso mais tarde. Não devo impedi-la de receber seus convidados.

Penetrou na sala e foi logo abordado por Lady Studholde. Era uma mulher que sempre o aborrecera, e ele se esquivou com habilidade, tendo visto um nobre idoso próximo à janela, que ele já encontrara várias vezes na Câmara dos Pares.

Conversou com o homem por alguns instantes, cumprimentou um ou dois rostos conhecidos, e depois voltou ao lugar onde Lady Bingley e Verena continuavam a receber os convidados.

Agora, no entanto, havia apenas alguns retardatários subindo as escadas, e quando houve uma pausa, o Duque disse à Lady Bingley:

-Gostaria de saber se permite que eu troque algumas palavras a sós com minha parente. Minha família está ansiosa para conhece-la e pensei que poderia conversar com a Srta. Winchcombe sobre vários convites que recebi em nome dela, principalmente um de minha irmã; e que ela lhe transmitiria mais tarde, quando estivesse menos ocupada.

-Sim, Sua Graça – replicou lady Bingley. -Espero ter o prazer de sua presença quando a casa não estiver tão cheia.

-É exatamente isso que desejo discutir – respondeu o Duque.

-Eu não... – começou Verena, sendo interrompida por Lady Bingley.

-Leve o Duque ao salão de café, Verena. Não há pressa. Ninguém irá embora antes de tomar refrescos.

-Sua Senhoria é muito amável – disse o Duque, erguendo a mão enluvada de Lady Bingley e levando-a aos lábios.

Verena quis protestar, recusar-se a acompanha-lo. Mas, ele se afastou, esperando que ela o precedesse. Havia alguma coisa na expressão dos seus olhos ou talvez no seu ar de calma autoridade, que a fez obedecer.

Ela desceu as escadas depressa, dirigindo-se ao salão situado nos fundos da casa, com suas janelas abrindo-se para o pequeno jardim.

Os raios de sol brilhavam no cabelo de Verena, porém seus olhos estavam escuros e frios quando o Duque fechou a porta atrás de si.

-Como pôde? – gritou ela. -Como pôde se portar de maneira tão abominável, enganadora e desleal?

-Foi você quem concluiu que eu não podia ser, de forma alguma, o Nobre que você estava esperando – respondeu o Duque com um brilho nos olhos. -Foi muito triste, eu lhe asseguro, saber que tenho tão pouca presença sem uma bela carruagem, batedores e criados de libré!

Emiliana Carsano

-Podia ter me dito a verdade quando perguntei o seu nome – disse ela. -Por que foi tão desonesto?
-Eu não gosto de aves assadas – retrucou o Duque, prontamente. Por um instante, as irresistíveis covinhas de Verena a traíram. Em seguida, caminhando pela sala, disse:
-Você se portou do modo mais ultrajante, desprezível e desonroso!
-Acho que *odioso* é a palavra de que precisa – replicou o Duque. -E há outras duas descrições minhas que esqueceu.
-Quais são? – perguntou ela zangada.
-Um presunçoso e convencido idiota! Como podia esperar que eu revelasse quem era, depois dessas definições fulminantes? Além disso, eu não menti: meu nome é Theron Royd.
-Você é desprezível, nunca vou perdoá-lo – declarou Verena.
-Nunca? Então, o que vamos fazer a respeito do *Gênio do Mal*?
-Nada! Isso me livra de toda responsabilidade no caso. Seu comportamento somente confirmou o que eu disse a seu respeito.
Tomou fôlego e prosseguiu com raiva:
-Quando pendo nos preparativos que estavam sendo feitos em Copple Hall para a sua chegada; quando me recordo como, deliberadamente, me induziu a revelar minha opinião sobre você; e como me levou a aceitar sua ajuda; bem, tudo o que posso dizer, Sua Graça, é que o desprezo mais agora do que antes de conhece-lo.
-É uma pena – falou o Duque com calma. – Porque me tornei responsável por você, Verena.
-O que quer dizer? E que historia é essa de sermos parentes? Sabe que é mentira, como todas as outras que me contou!
-É verdade, realmente. Meu bisavô se casou com uma moça chamada Arabella Winchcombe.
-Nunca ouvi falar sobre isso – disse ela, desconfiada.
-Parece que foi um escândalo: fugiram juntos para Gretna Green, como seu pai e sua mãe fizeram. Precisa pedir ao meu tio Adolphus Royd que lhe conte toda a historia.
-Não pretendo conhecer seu tio, irmã ou qualquer outro membro de sua família – respondeu ela com voz dura. -Minha madrinha já planejou fazer a minha apresentação à sociedade que meu avô desejava para mim. Não tenho necessidade de sua ajuda e, muito menos, de sua proteção. Ficarei grata, meu Nobre Duque, se me deixar em paz!
-Isso é uma coisa que, infelizmente, não vou poder fazer, Verena – disse ele. Fui ver o Sr. Critchwick e ele nomeou, como sugeria o testamento de seu avô, um tutor que vai administrar sua fortuna e protege-la de pretendentes indesejáveis até que complete vinte e um anos.
-Este com o Sr. Critchwick! – exclamou Verena. -Eu pretendia ir vê-lo amanhã! Que direito tem de interferir?
-O Sr. Critchwick ficou encantado em me ver – respondeu o Duque. -Na verdade, tão encantado, Verena, que me nomeou seu tutor legal.
Por um momento, Verena ficou sem fala. Os olhos brilhando de raiva, procuraram o rosto do Duque, como se ela desconfiasse que ele a estava

EmarianaCárcano

provocando de propósito.

Depois, quando soube que ele falara a verdade, soltou um pequeno grito de ódio e bateu o pé.

-Como ousa? Como ousa?

-Pode estar zangada comigo – replicou o Duque – mas, lhe afirmo, Verena, que posso tornar as coisas muito mais fáceis para a sua apresentação à sociedade, do que qualquer outra pessoa. Tudo o que tem a fazer é confiar em mim, e prometo que quando parar de me odiar, descobrirá que eu agi com as melhores intenções.

-Nunca vou perdoá-lo!

Deu as costas a ele, olhando através da janela.

-Como seu tutor – disse o Duque com calma – não posso permitir que seja alvo de comentários maliciosos por ficar conversando comigo aqui muito tempo. Vou levar você e sua madrinha à uma pequena festa que minha irmã, a Condessa de Ereth, vai dar esta noite. Jantaremos primeiro na Casa Selchester e virei busca-las em minha carruagem às sete e quarenta e cinco.

-Eu não vou! – explodiu Verena. -Nada vai me obrigar a jantar com você!

O Duque soltou um suspiro, como se estivesse convencendo uma criança malcriada.

-Vou subir e explicar meus projetos à sua madrinha, se essa é a sua última palavra. Tenho certeza de que ela não desejará perder oportunidade de conhecer não apenas minha irmã, mas também apreciar a festa informal que sua filha, que tem mais ou menos a sua idade, vai oferecer aos amigos.

Fez uma pausa e acrescentou com mais gentileza:

-É uma festa íntima, Verena, por isso não precisa ter medo.

-Não estou com medo, apenas desgostosa com o seu comportamento.

-Podemos discutir isso em outra ocasião – respondeu ele. -E assim, a menos que queira que eu perturbe sua madrinha quando ela está tão ocupada, vou embora agora e voltarei, como já disse, a um quarto para as oito.

Parou de falar e olhou para a pequena figura tensa e encolerizada que o encarava com as mãos crispadas.

-Use seu vestido mais bonito, Verena – disse ele. -As primeiras impressões são muito importantes e quero que minha família se orgulhe de nossa nova parente. Por falar nisso, lhe dou os parabéns pela escolha do vestido que está usando agora.

-Eu o odeio!

Verena pensou enquanto falava, que parecia uma criança petulante, mais do que uma pessoa adulta ofendida.

O Duque avançou para ela, segurou-a pelos ombros e obrigou-a a se voltar para ele. Antes que ela compreendesse o que ele ia fazer, o Duque que tinha levado a mão dela aos lábios.

-Perdoe-me, fada – disse, sedutoramente, com riso nos olhos.

Então, antes que ela pudesse se zangar de novo, o Duque tinha saído da sala deixando a porta aberta. Verena ouviu-o atravessar o hall e adivinhou que ele estava colocando o chapéu e as luvas que o criado lhe entregava. A porta de entrada fechou-se sobre ele e Verena, ainda indignada, subiu as escadas devagar para se reunir à madrinha.

Tinha uma leve esperança de que Lady Bingley estivesse muito cansada ou tivesse alguma desculpa razoável para não jantarem na Casa Selchester.

Mas, assim que Verena lhe participou o convite do Duque, Lady Bingley ficou tão excitada e feliz que Verena não pôde nem mesmo explicar por que não estava entusiasmada com ideia.

-Por que não me disse que conhecia o Duque de Selchester, querida? – perguntou Lady Bingley com curiosidade.

-Eu não o conheço há muito tempo – respondeu Verena, timidamente.

-Mas, como pôde conhecer alguém tão importante morando no campo?

Ele... ele estava a caminho da casa de Lorde Upminster, onde ia se hospedar – disse Verena, achando que era melhor contar a verdade.

-Ah, agora compreendo! – exclamou Lady Bingley. -Os Upminster têm uma bonita filha, não é? Suponho que estão querendo pescar Sua Graça, como outros pais ambiciosos. Mas, pelo que sei, o Duque é muito esquivo.

Verena ficou calada e Lady Bingley ajuntou:

-Mas, como nunca ouvi falar sobre uma ligação entre os Winchcombe e Royd?

-Tudo aconteceu há muito tempo – retrucou Verena.

Estava ansiosa por negar a veracidade da afirmação do Duque. Ao mesmo tempo, ela sabia que o Duque não teria anunciado o parentesco em público, se não estivesse certo dos fatos.

-É agradável, muito agradável! – exclamou Lady Bingley. -E Lady Studholde nos fez muitos convites: para o seu baile, para jantar e para almoçar na próxima semana. Minha querida, eu podia rir na cara dela! Estou certa de que se o Duque não tivesse vindo aqui, receberíamos talvez um convite para o baile, e nada mais.

-Será que não está muito cansada para jantar fora esta noite, madrinha? – tentou Verena.

-Claro que não estou cansada para visitar a Casa Selchester! Oh, Verena, se soubesse o quanto desejei, durante toda a minha vida, conhecer aquela magnífica mansão! Mas, nunca tive a chance de entrar na Casa Selchester ou Ereth, que você me disse, deveremos visitar mais tarde. Você é, realmente, a moça de mais sorte do mundo!

-Somente porque tenho a senhora como madrinha – respondeu a jovem.

Sentindo que não devia ouvir mais as palavras entusiásticas de Lady Bingley, ela subiu correndo para o quarto.

Apesar de sua primeira decisão de dar uma lição no Duque vestindo-se como uma deselegante senhorita do campo, não pôde, depois de refletir, deixar de usar um novo traje de gaze verde-clara sobre um fundo brilhante de *lamé* verde.

Quando já estava vestida e a criada dava um último retoque em seu cabelo, pensou que o Duque poderia imaginar que ela tinha tentado, deliberadamente, fazê-lo lembrar-se das florestas, cascatas e pinheiros.

Então, disse a sai mesma que aquele conversa fizera apenas parte da farsa – ele não tinha realmente interesse por aquelas tolices de criança.

-Eu o odeio! – sussurrou consigo mesma.

-Falou comigo, senhorita? – perguntou a camareira.

-Não, não! – retrucou, depressa.
Mas, durante todo o trajeto da carruagem, enquanto Lady Bingley conversava animadamente com o Duque, Verena repetia sem cessar:
-Eu o odeio! Eu o odeio!
Não pudera, no entanto, evitar um súbito sobressalto de admiração quando o Duque entrara na sala onde Lady Bingley e ela se encontravam à sua espera.
Verena nunca tinha visto o Duque em traje de noite, e seria impossível que qualquer homem parecesse mais atraente e elegante.
A casaca de cetim azul, de pontas longas e lapelas lisas, era usada sobre um colete simples, mas com gravata de babados com nó tão intrincado, que Verena, com os lábios apertados, pensou que ele levara horas de esforço para consegui-lo.
Como era uma festa informal, o Duque usava calças, não de gala, mas tão ajustadas, e lhe dando um ar tão esbelto e atlético, que Verena se lembrou do apelido que lhe dera. Pensou que ele podia ser um *Leopardo*, mas Napoleão tivera razão em depreciar os *Horríveis Leopardos*, se todos eles eram iguais ao Duque!
-Eu o odeio! – murmurou, recusando-se a encontrar o olhar do homem, baixando as pestanas e sentando-se na carruagem de rosto voltado para a janela.
O narizinho reto e o queixo firme, embora ela não percebesse, se recortavam contra a escuridão da carruagem acolchoada na qual o Duque as conduzia.
-Há muito tempo desejava ver a magnificência da Casa Selchester – disse Lady Bingley quando entraram no grande Hall de mármore com estátuas gregas, mosaicos romanos, grandes candelabros de prata e enorme lustres de cristal.
-Meus antepassados eram grandes colecionadores de antiguidades – comentou o Duque. -Minha coleção, se posso chama-la assim, está nas cocheiras.
Olhou para Verena, sabendo que ela não conseguiria evitar um pequeno brilho de interesse nos olhos.
-Na verdade – continuou o Duque – ouvi falar hoje de uma excepcional parelha de baios a serem vendidos por Lorde Manson, um amigo meu; acho que os animais vão interessar você, Verena
Houve um rápido silêncio. Verena desejava dizer ao Duque que não estava interessada, informa-lo de que, se comprasse cavalos para suas cocheiras, ela mesma os escolheria, sem sua ajuda.
Mas, então, teve uma visão mental de Salamanca sacudindo a cabeça, os músculos tensos sob a manta azul, o longo rabo negro espantando as moscas.
-Quero vê-los, naturalmente – respondeu.
A voz era fria e distante, mas compreendeu, enquanto falava que o Duque pensava que vencera, ao menos, uma parte da batalha.
-Ele é insuportável e eu o odeio!
Entretanto, era impossível permanecer indiferente quando o Duque, após um delicioso jantar durante o qual conversou com inteligência, lhes mostrou alguns tesouros da Casa Selchester. Depois, levou-as em sua carruagem à uma casa em Berkeley Square, que pertencia ao seu cunhado.

A Condessa de Ereth, seis anos mais velha que o Duque, conservava ainda toda a sua beleza, que assombrar a sociedade quando ela deixara a escola.

Príncipes, Duques, Embaixadores, todos tinham pedido a sua mão, mas o Conde de Ereth tinha se apaixonado por ela à primeira vista, e depois de alguns episódios tempestuosos, eram muito felizes após dezenove anos casados.

A filha mais velha tinha dezoito anos e era quase tão adorável quanto a mãe fora em sua juventude. Lady Ereth, mãe extremosa, desejava naturalmente que a filha escolhesse um dos mais elegíveis rapazes que a alta sociedade podia apresentar, e tinha, por isso, providenciado recepções durante a temporada londrina.

Embora ela o ignorasse, o Duque decidira que Verena deveria tomar parte em muitas das reuniões programadas.

Ele mandara um criado avisar a irmã que iria à sua festa àquela noite e levaria dois amigos.

Como não tinha dado nomes, a Condessa, conhecendo bem o irmão, esperava ver o Capitão Harry Sheraton e algum outro amigo íntimo do Duque.

Quando o Duque chegou ao alto da escada da Casa Ereth, indo à frente para poder apresentar Verena e Lady Bingley, sua irmã estendeu a mão e beijou o Duque no rosto com afeto.

-Não esperava você de volta tão cedo, Theron – disse ela. -Não pôde ter tido tempo de visitar as três belezas louras que escolhi para você. A filha dos Upminster era tão atraente que você desistiu de conhecer as outras?

-Meus planos foram mudados – respondeu o Duque depressa, compreendendo que Verena devia ter ouvido as palavras da irmã, que falara em voz alta. -Em vez disso, Evelyn, trouxe-lhe uma convidada: Apresento-lhe Lady Bingley, que é tão amável em oferecer sua hospitalidade a uma parente nossa, que acaba de chegar a Londres, Senhorita Verena Winchcombe.

A Condessa de Ereth olhou para o irmão com expressão intrigada.

-Parente? – interrogou.

-Sim – respondeu o Duque. -esqueceu-se de que nosso bisavô de casou com uma Winchcombe, Arabella Winchcombe?

Naturalmente, a Condessa nunca ouvira falar em Arabella Winchcombe, mas era muito bem-educada para deixar perceber sua ignorância.

-Oh, nosso bisavô! – exclamou com ar de quem se lembrava, cumprimentando Lady Bingley.

Estendeu a mão para Verena, notando que a moça era muito bonita, mas pensando ao mesmo tempo que ela não era o tipo do Duque. Ele insistira em uma loura de olhos azuis para ser a futura Duquesa.

Nesse caso, por que razão, perguntou-se a Condessa, seu irmão se preocupara em descobrir um parentesco que, ela estava certa, só existia em algum arquivo do tio Adolphus?

No entanto, depois de conviver com o Duque durante tantos anos, ela sabia que se ele quisesse esclarecer as coisas, faria isso quando achasse oportuno.

Portanto, apresentou Lady Bingley a um idoso Almirante e levou Verena para o outro salão onde sua filha, Emmeline, se encontrava reunida com seus jovens amigos, havendo uma orquestra de doze músicos tocando para eles.

Verena sentiu-se inibida por um momento, ao ser deixada sozinha em um lugar estranho com várias pessoas que ela não conhecia. Mas, era impossível sentir-se inibida quando Emmeline estava presente.

Em curto tempo ela já tinha apresentado Verena a todos os amigos, elogiara seu vestido, fizera uma série de perguntas impertinentes, para as quais, aparentemente, não exigia respostas, e conseguira que todos dançassem, inventando brincadeiras e jogos que Verena não esperara encontrar ali.

Foi divertido e um pouco infantil, e somente quando a orquestra parou de tocar e Verena ouviu o relógio de mármore sobre a lareira bater meia-noite, que compreendeu que estava na Casa Ereth há cerca de duas horas.

Caminhou para o outro salão onde as pessoas mais velhas conversavam e bebiam champanha.

O Duque estava de pé ao lado da lareira. Verena olhou para ele, aproximou-se e disse:

-Sua Graça sabe muito bem que não devia estar de pé até tão tarde; se eu soubesse as horas teria insistido para que fôssemos para casa há uma hora atrás.

-Está fazendo uma sugestão ou dando uma ordem? – perguntou o Duque.

-Não queria que o trabalho do Dr. Graves e o meu fossem perdidos!

Então, como o Duque hesitou, disse, zangada:

-Não seja tão sem juízo! Sabe tão bem quanto eu que não está em condições de ficar de pé até tão tarde. Não devia ter viajado para Londres ontem, pensei que ia demorar mais tempo.

O Duque examinou-a com atenção por um instante. Depois disse:

-Verena, se deseja ir embora, vou leva-la em casa e depois vou descansar. Imaginei que estava muito zangada comigo e que não se lembraria do meu estado.

-Minha raiva, Sua Graça, não tem nada a ver com sua saúde! E como sou responsável – disse isso várias vezes – pelo ferimento em sua cabeça, se pretende acompanhar minha madrinha e eu até em casa, então devemos ir embora imediatamente.

-Se é isso o que deseja.

Ele procurou Lady Bingley e despediram-se mais depressa do que Verena imaginara, encontrando-se os três, em seguida, na carruagem do Duque, de volta para casa.

Ao chegar, Lady Bingley agradeceu ao Duque, efusivamente, enquanto Verena fez uma leve reverência, dizendo:

-Por favor, tenha juízo e vá direto para a cama!

-Vou obedecer suas ordens – disse o Duque – mas, espero que permita que eu venha busca-la amanhã de manhã. Quero leva-la para um passeio no Parque.

Olhou à volta para ver se Lady Bingley não podia ouvir e cochichou:

-Como sabe, nós precisamos procurar o *Gênio do Mal*.

-E se eu recusar ir com você?

-Então, terei que obriga-la – respondeu ele em tom divertido.

-Obrigar-me? – perguntou, erguendo os olhos para ele.

-Tenho certos direitos como tutor. E não hesitaria em exercê-los, Verena.

Ela soltou uma exclamação de raiva e balançando a cabeça, afastou-se dele. Mas, o Duque sorria quando subiu à carruagem de novo, para dirigir-se à Casa Selchester.

Capítulo VIII

O Duque terminava seu café quando o Capitão Sheraton foi anunciado.

Entrou na sala com o deslumbrante uniforme dos Guardas Reais, a couraça brilhando sob os raios de sol vindos da janela, as esporas tilintando sobre as botas de cano alto; carregava sob o braço o capacete com plumas e crina de cavalo, idealizado pelo Príncipe Regente.

-Céus, Harry! – exclamou o Duque erguendo os olhos do prato de costeletas de carneiro enfeitado com creme. -Você tilinta como um sino de campanário. Sente-se, antes que eu fique surdo!

-Estou a caminho do quartel – replicou Harry Sheraton. -Soube que tinha voltado, Theron. E Não pude resistir à tentação de vir aqui para saber se encontrou a beleza loura.

-Não – disse o Duque. -Mas encontrei seus ladrões de ouro.

-Encontrou o quê!?

-É uma longa historia – o Duque sorriu. -É melhor sentar-se, Harry, ou cairá de exaustão. Eu conheço bem o peso desse uniforme. É insuportável.

- O problema é que só estou confortável sobre um cavalo – disse Harry, sentando-se com cuidado em uma das altas cadeiras de jantar. -Mas, não importa, conte a sua historia. Não tenho muito tempo.

O Duque obedeceu, contando em detalhes o seu encontro com Verena, a curiosidade que o levara ao antigo Convento, e a maneira como tinha sofrido – como disse – defendendo os interesses da lei a da justiça.

-Meu Deus, Theron! – exclamou Sheraton, quando o Duque se calou. -Sei que é um sujeito sincero, mas é difícil de acreditar!

-É verdade – falou o Duque, sério.

-O plano mais inteligente que já vi!

-Foi o que pensei também – concordou o Duque. -Quase infalível, no que diz respeito ao *Gênio do Mal*.

-É assim que o chama? Um bom nome. Ele é um gênio, realmente.

-Acho que foi Verena quem lhe deu esse nome – disse o Duque – mas, com certeza, ele tem um cérebro privilegiado; imaginou um plano perfeito e será difícil agarrá-lo, se não for apanhado em flagrante.

-Nós teremos que fazer isso – falou Harry com decisão.

-Exato! Por isso, eu estava tão ansioso para que Verena viesse a Londres. Afinal de contas, ela é a única pessoa que pode identifica-lo.

-Sobre essa pequena – Harry mudou o tom de voz – parece uma amazona. Pretende se casar com ela?

O Duque pousou a faca e o garfo.

-Casar com ela! Posso lhe afirmar, Harry, pelo modo como Verena se zangou comigo ontem, que ela se casaria mais depressa com um gorila do zoológico! Ela me acha abominável, desprezível e... odioso!

Emiliana Cárcamo

-Parece estranha! – disse Harry, os olhos fixos no rosto do Duque.

-Ela é diferente de todas as moças de sua idade – comentou o Duque. -Detesta a sociedade e preferiria a companhia das crianças do povoado; despreza os homens importantes e presunçosos e tem paixão por cavalos. Treinou o seu cavalo, ensinando-lhe vários truques. Possui mãos com poder de aliviar as dores, sabe ler latim, maneja um mosquete com certa habilidade; e não tem a mínima ideia como flertar ou insinuar-se como mulher!

Os olhos de Harry Sheraton brilharam:

-Estou curioso, Theron! Penso que você está a meio caminho do altar

O Duque se ergueu da cadeira.

-Está enganado, Harry! Verena se acredita comprometida com uma caça-dotes, Capitão de Infantaria. Na verdade, acho que é meu dever fazer um esforço para encontra-lo. Sabe onde está o Décimo Primeiro Regimento de Infantaria...

-Deve estar fora do país – disse Harry, levantando-se da cadeira com dificuldade. -Vejo você mais tarde. Falaremos mais sobre esse assunto.

O Duque não escutava.

-Suponho – disse, pensativo – que eu podia visitar o Ministério da Guerra.

-Não vou lá com você. Fico nervoso ao ver aqueles velhos Generais perambulando por lá, à espera que alguma guerra seja iniciada em qualquer obscura região do mundo.

Deteve-se a meio caminho da porta para perguntar:

-Como se chama o Capitão? Tive um tio que comandou o Décimo Primeiro.

-Capitão Winchcombe-Smythe – respondeu o Duque.

-Giles Winchcombe-Smythe?

-Sim – disse o Duque, surpreso. -Diabos, como sabe?

-A menos que seja um gêmeo, está no meu Regimento.

-Nos Guardas Reais!

-Correto. Comprou sua transferência há dois meses.

-Como ele é? – perguntou o Duque.

-Não falei muito com ele, não sou efusivo com recém-chegados. Mas, já o vi, claro. Pensei a princípio que era um bom sujeito, mas...

-O que houve?

-Gosta de se exibir, gaba-se de ser um conquistador, dá festas para as mulheres de Convent Garden e os oficiais mais jovens ficam de ressaca, sem enxergar a ponta das espadas a dois passos.

-Interessante – disse o Duque com tranquilidade.

-Pessoalmente, acho-o um intruso. Vou lhe contar mais alguma coisa depois – disse Harry, lançando um olhar ao relógio. -Não posso chegar atrasado, o Coronel anda de mau humor. Só uma coisa poderia animá-lo: colocar o *Gênio do Mal* atrás das grades.

-Terá que persuadir a Senhorita Winchcombe a procura-lo – disse o Duque com um sorriso repentino.

-Vou fazer isso, certamente – prometeu Harry. -Theron, você é imprevisível! Nunca imaginei que gostasse de aventuras, extravagâncias e esse tipo de coisas.

-Eu não gosto – respondeu o Duque, pesarosamente. -Fui forçado pelas

circunstâncias sobre as quais não tinha controle.

Percebeu que estava falando sozinho na sala de jantar vazia, Sheraton já estava atravessando o hall, as esporas tilintando enquanto caminhava.

A conversa, contudo, tinha dado ao Duque muito em que pensar, e quando foi buscar Verena antes do meio-dia para leva-la ao Parque, ainda não decidira se devia lhe contar que o Capitão Winchcombe-Smythe estava em Londres, ou se seria melhor esperar que ela pedisse sua ajuda.

Imaginava que ela iria ao Ministério da Guerra por conta própria, e isso, que causaria comentários, era uma coisa que o Duque estava resolvido a evitar.

Pensou se devia falar sobre o assunto com Lady Bingley, e em seguida decidiu que seria mais prudente, talvez, saber se Verena estava muito ansiosa para ver o primo.

No entanto, achava que como ela estava zangada com ele naquele momento, seus pensamentos, sem dúvida, se voltariam para o Capitão Giles com afeição e saudade.

Quando o Duque chegou à casa de Lady Bingley, seu palafreneiro, que o acompanhara em sua alta carruagem, desceu para tocar a campainha.

-Pode voltar a pé para casa, Fowler – disse o Duque.

-Muito bem, Sua Graça.

O homem esperou, no entanto, que Verena aparecesse para ajuda-la a subir à carruagem, sentando-se ao lado do Duque.

Verena tencionara tratar o seu tutor com fria indiferença, responder por monossílabos às suas perguntas, e tentar com ar digno e frio, fazê-lo compreender que enquanto lhe obedecia, continuava muito zangada com seu comportamento imperdoável.

Quando desceu as escadas, o queixo erguido, a expressão do rosto mostrando claramente ao Duque que estava disposta a lutar, lançou um rápido olhar aos cavalos que puxavam a carruagem, e infelizmente, foi vencida.

Dois cavalos negros formavam a mais perfeita e magnífica parelha que ela já vira!

Deteve-se na calçada, de súbito, para olhar para eles. Estavam sacudindo as cabeças, movendo-se inquietos, e mostrando impaciência por partir.

Com dificuldade Verena engoliu as palavras de admiração que bailavam em seus lábios, e subindo ao veículo ajudada por Fowler, olhou para o Duque de lado.

Ele estava mais atraente e insinuante do que nunca, usando um chapéu alto de pele de castor, um casaco de lã cinzento, feito sob medida para ele, e calças de uma amarelo-claro sobre botas tão polidas quanto os adornos de prata da carruagem amarela e azul.

Mas, se o Duque estava muito elegante, Verena, embora não o percebesse, era a perfeita acompanhante para ele, com seu casaco de passeio rosa, enfeitado com galões de um rosa mais escuro e abotoado por botões de pérola.

O chapéu de palha, que adornava seus cabelos, era ornamentado com penas de avestruz, também rosas, combinando com as fitas amarradas embaixo de seu pequeno queixo.

O Duque e Verena permaneceram em silêncio. Assim que ela se sentou

confortavelmente ao lado do Duque, este obrigou os cavalos a trotar em direção ao Parque.

Tinham ficado algum tempo calados antes do Duque dizer:

-Quero lhe informar, Verena, que mandei transportar seus cavalos para as minhas cocheiras.

-Por que fez isso? – perguntou ela, rispidamente. -Não é meu desejo, Sua Graça, dispor de sua hospitalidade ou de suas cocheiras.

-É uma pena – falou ele com suavidade – porque se pretende alojar seus cavalos onde estão agora, não haverá lugar para os baios de que lhe falei ontem à noite.

Verena compreendeu que o Duque ganhara ponto, porque as cocheiras de sua madrinha não eram grandes.

-Então, eu preferiria – falou com ar altivo – encontrar outras acomodações para os meus cavalos.

-Tem toda liberdade de procurar outras – disse o Duque. -E quando encontrar um lugar que a satisfaça, mandarei remover os cavalos para lá, imediatamente.

-Quanta amabilidade de Sua Graça! – exclamou, sarcástica.

-Estou realmente, tentando ser amável – respondeu, com uma ponta de riso nos olhos ao baixa-los para ela. -Na verdade, fui cortês ontem à noite, fazendo exatamente o que mandou, e desde que está interessada, dormi bem, obrigado, e minha cabeça está muito melhor esta manhã.

Verena soltou uma pequena e reprimida risada. Era difícil ficar séria quando o Duque a provocara com aquele tom de voz, que a divertira quando ela passara horas sentada à sua cabeceira, conversando e rindo e tantas coisas.

Contudo, não desejava capitular com tanta facilidade.

-Imagino que, como Sua Graça está melhor de saúde, vai deixar Londres dentro em breve.

-Por quê? – perguntou surpreso.

-Pensei que desejaria continuar a série de visitas que foram, infelizmente, interrompidas quando travamos conhecimento. Talvez, não tenha vontade de visitar os Upminster, mas as outras duas jovens, de quem sua irmã falou ontem à noite, devem estar aguardando a sua visita com corações alvoroçados.

-As palavras de minha irmã não se destinavam aos seus ouvidos.

-É uma pena que eu escute bem – comentou Verena.

-Eu devia imaginar que usaria essa arma contra mim. Que mulher resistiria a uma arma como essa?

-Com toda certeza, se eu tivesse uma arma, atiraria em Sua Graça, por causa do seu comportamento, que apenas confirma tudo de que eu suspeitava antes mesmo de conhece-lo.

-Eu devia imaginar – repetiu o Duque – que você é como todas as outras do seu sexo: uma tirana rabugenta e mal-humorada.

-Isso não é justo – replicou Verena. -Não sou uma tirana e não tenho o menor interesse em censurar ou discutir com Sua Graça.

-Nesse caso, Verena, tenho pena do homem que despertar o seu interesse e que tenha que ser repreendido por você.

-Acho que essa conversa é sem sentido – falou ela com frieza. -Talvez, Sua Graça possa ter a cortesia de me falar sobre os baios que considera de meu

interesse.
-Certamente: Lorde Manson vai manda-los para as minhas cocheiras amanhã.
-Parece certo de que eu vou querer compra-los!
-Eu já comprei os animais em seu nome – respondeu o Duque.
Viu, quando ela se voltou para encará-lo, que ela considerava aquilo uma impertinência, e ajuntou:
-Eu ficarei encantado em comprar os animais se não estiver interessada. Aliás, já estou fazendo um grande sacrifício em permitir que fique com eles.
-Nesse caso, eu devo lhe ser grata?
-Nem pense nisso! – replicou ele. -Seja desagradável como sempre, eu já estou me acostumando!
Ela não pôde se controlar e riu.
-Você é impossível!
-Graças a Deus! – exclamou o Duque. -Encontrou um novo adjetivo. Estava começando a temer que fôssemos voltar ao desprezível, ultrajante, e naturalmente, odioso... Tinha medo de que seu vocabulário, Senhorita Winchcombe, não fosse muito extenso!
-Não devia me fazer rir!
-Devia tentar parecer satisfeita, mesmo que não esteja, porque estamos nos aproximando de Rotten Row, e quando a elite vir você ao meu lado, começará a especular para descobrir quem é você, o quanto nos conhecemos, e se haverá algum motivo especial para dar um passeio com você.
-Por suas palavras concluo – disse com voz séria – que Sua Graça está sendo muito amável em me apresentar à sociedade?
-Certamente – respondeu no mesmo instante. -Não espera que eu seja visto acompanhado por uma jovem, que não pertença à mais alta esfera social, não é?
Verena riu de novo:
-Idiota presunçoso, estava correto!
-Mas, é claro! – concordou o Duque. -Todos os que usam folhas de morangueiro, como símbolo da dignidade ducal, são presunçosos. Têm tanto do que se envaidecerem!
-Não me faça rir! – pediu Verena. – Sabe muito bem que eu devo ficar séria e ter ar levemente entediado. Qualquer Lady da alta sociedade deve mostrar sua importância parecendo desgostosa com aqueles que a rodeiam, não importa quem sejam!
-Quem lhe disse isso?
-Acho que li numa daquelas tolas novelas que você mencionou com tanto interesse. Tenho pena agora de não o ter feito escutar os trinta e oito capítulos de *Amor à Primeira Vista* ou *O Herdeiro Perdido*.
-Você me oprimiu o suficiente! Que Deus tenha compaixão de todo homem que fica a mercê de sua suave mão feminina. Asseguro-lhe que é tão pesada como qualquer artilharia.
Estavam, nesse momento, entrando no Rotten Row, e Verena viu inúmeras carruagens abertas, puxadas por excelentes cavalos; Ladies com vestidos deslumbrantes, namorando sob pequenas sombrinhas com babados de renda;

Emariannacárcano

cavaleiros guiando montarias fogosas; altas carruagens e cabriolés velozes conduzidos por homens elegantes e atraentes, com uma habilidade que Verena admirou tanto quanto apreciou os animais.

Ela não ia confessar ao Duque que aquela era a primeira vez que entrava numa alta carruagem, sentindo-se contente por estar tão afastada do chão; sentada precariamente, sobre as grandes rodas, sabia que a fragilidade do veículo era muito vulnerável a acidentes, se não fosse conduzido com perícia.

Não havia dúvida de que o Duque era incomparável com as rédeas e que sua carruagem, como seus cavalos, eram os mais belos do Parque.

-O que está achando? – perguntou o Duque, vendo o assombro nos grandes olhos de Verena e sabendo que ela estava fascinada pelo espetáculo que se encontrava diante dela.

-Não imaginava que fosse tão bonito ou os cavalos tão maravilhosos – respondeu, empolgada, como se tivesse esquecido com quem falava.

De repente, ela gritou:

-Pare, pare! É o Giles!

Esquecendo-se de tudo diante do rosto familiar, chamou impulsivamente:

-Giles! Giles!

Estavam quase parados naquele momento, em decorrência de um congestionamento de carruagens e cabriolés perto do centro do Parque, e o homem montado em um cavalo cinzento, cavalgando em direção oposta, passava ao lado da carruagem do Duque quando ouviu o grito de Verena.

Olhou à volta, surpreso, depois examinou Verena sem reconhecê-la.

-Giles, sou eu, Verena! Não se lembra de mim?

Assombrado, o Capitão levou a mão ao chapéu.

-Verena! – exclamou. -Eu não esperava ver você aqui!

-Acabei de chegar a Londres, Giles, e queria muito descobrir onde você estava.

O Duque, detendo os animais, observou o Capitão Winchcombe-Smythe parar seu cavalo ao lado da carruagem, enquanto Verena se inclinava para ele. Pensou que o Capitão tinha boa aparência.

No entanto, não podia esconder sua idade e tinha o aspecto pesado e barrigudo de um homem tolerante consigo mesmo e sob os olhos muito juntos, as linhas da dissipação começavam a surgir.

Mas, para uma moça inexperiente, pensou o Duque, era atraente, porque além de sua boa aparência, era, sem dúvida alguma, um metido a grã-fino.

O cabelo do Capitão, obedecendo aos ditames da moda decretada pelo Rei quando ainda Regente, tinha custado grande esforço para ser penteado; os olhos perspicazes do Duque desceram da aba do chapéu alto até as pontas do colarinho do Capitão.

Os grandes botões brilhantes que ornamentavam o exagerado casaco de montaria e a excessiva largura das bordas brancas sobre as botas de montaria, teriam feito o Belo Brummel, que inventara a moda, tremer diante de tanta vulgaridade.

-Não esperava encontrar você em Londres, Giles – dizia Verena.

-Fui designado para cá – respondeu o Capitão Giles.

-imaginei que estava na Índia ou em algum outro lugar, já que não recebi

mais notícias suas.
-Temo que precisamos ir – disse o Duque, ao ver que a carruagem estava impedindo a passagem de vários veículos atrás dela.
- Vou visitar você, Verena – disse o Capitão, depressa. -Onde está morando?
-Com minha madrinha, Lady Bingley, na Praça Manchester.
-Estarei lá esta tarde – prometeu o homem.
Foi obrigado então, a prosseguir seu caminho, pelo cabriolé de uma adorável Lady, cujos cavalos pareciam estar fora de seu controle.
O Duque fustigou os cavalos. Após um instante, Verena disse, ofegante:
-Eu não esperava encontrar Giles... aqui, e tão bem vestido!
-Um verdadeiro ditador da moda! – replicou o Duque, com sarcasmo.
-Ele não tinha dinheiro quando foi visitar vovô da última vez.
Verena falava quase consigo mesma. Como o Duque não respondeu, ela continuou:
-Viu o diamante na sua gravata? Era um pouco extravagante para ser usado de manhã, não? E com certeza, pagou um preço bem alto por ele, não acha?
O Duque tinha visto o diamante e o achara de muito mau gosto. E não pôde deixar de ficar contente por Verena ter percebido que diamantes tão magnificentes não deviam ser usados ao cavalgar.
-O que achou do seu cavalo? – perguntou ainda em voz baixa e intrigada.
O Duque era muito esperto para dizer o que realmente pensara do animal.
-Talvez, seu primo o tenha alugado! – sugeriu com generosidade.
-É talvez tenha feito isso – disse ela, e a ruga na testa desapareceu.
Depois de um rápido silêncio, voltou a falar:
-Eu não gostaria que Giles, cavalgasse um cavalo vistoso, pois, sem sombra de dúvida, ficaria sem fôlego depois de percorrer alguns quilômetros.
-Está sendo muito crítica – o Duque sorriu.
-Oh, estou mesmo? Espero que não!
O encontro com o primo, contudo, a perturbara. Seu riso desaparecera e o Duque teve dificuldade em fazê-la sorrir, antes que a levasse de volta à Praça Manchester.
Ela agradeceu com polidez e saltou da carruagem, facilmente. O Duque não podia abandonar seus cavalos e levando a mão ao chapéu, afastou-se, deixando-a parada à entrada.
Verena parecia um pouco desamparada e apreensiva.
Lady Bingley teve dificuldade em descobrir se Verena gostar ou não do passeio no Parque. Mas, como Sua Senhoria estava indisposta em consequência das festividades da noite anterior, comunicou que ia se deitar para curar a dor de cabeça que sentia.
Verena entrou na sala de estar e apanhou um livro. Mas, depois de tê-lo aberto diante dos olhos por mais de meia hora, compreendeu que não tinha lido uma palavra. Levantando-se, caminhou pela sala.
Sabia que estava preocupada com problemas que não podia traduzir em palavras, mas que a deixavam inquieta. Dirigia-se ao jardim quando o mordomo abriu a porta, anunciando:
-O Capitão Winchcombe-Smythe.
-Giles, eu estava pensando em você! – exclamou Verena.

-Não poderia dizer coisa mais agradável – replicou ele, com a complacência de um homem que conhece o seu valor.
Entrou na sala e ela ficou deslumbrada com o esplendor de seu traje: o verde brilhante do casaco, o amarelo dourado das calças e as cores variadas do colete. A corrente do relógio pendurado sob ele parecia tão ofuscante quanto o diamante que usava mais uma vez na gravata.
-Você está parecendo um nobre, Giles! – exclamou Verena, dizendo como sempre, a primeira coisa que lhe vinha à cabeça. -Não esperava que você fosse... Qual é mesmo a expressão correta?... um ditador da moda!
Lembrou-se do sarcasmo na voz do Duque quando ele fizera a mesma observação no Parque, mas o Capitão, evidente, tomara suas palavras como um elogio.
-E você está mais bonita que nunca – respondeu ele. -Diga-me, o que trouxe você a Londres?
-Vim gozar... umas curtas... férias.
-Não está tentando me convencer que o velho Barba de Fogo deixou-a em liberdade? – perguntou ele com um riso baixo.
-Não deve falar assim de vovô! – disse Verena, subitamente zangada. -Ele era um homem maravilhoso!
No momento em que falou, percebeu que cometera um erro. Viu que Giles ficou tenso, exclamando com ar incrédulo:
-Era! Você disse *era*, Verena. Quer dizer que o General morreu?
Por um instante ela pensou em mentir. Depois, compreendeu ser impossível.
-É, vovô morreu – respondeu em voz baixa. -Mas, é um segredo... ele não queria que sua morte fosse anunciada antes de três meses.
-Um segredo! – repetiu o Capitão, admirado. -Mas, por quê? Qual a razão disso?
Verena não respondeu e um olhar astuto surgiu nos olhos de Giles.
-Um segredo, e ele mandou você para Londres... – falou, devagar. -E você não está de luto e encontrei-a passeando no Parque com alguém que pode ter ao melhores cavalos e uma carruagem deslumbrante. Qual a explicação, Verena?
-Vovô não gostava de luto e não queria que sua morte fosse comentada. – tentou explicar. -Ele desejava que eu... me divertisse. Tinha estado sozinha tanto tempo com ele, sem qualquer diversão, sem conhecer ninguém...
-E seu avô esperava também que você encontrasse alguém que cativasse seu coração – disse o Capitão, lentamente. -Encontrou essa pessoa, Verena?
-Não, claro que não!
-E no entanto, você não tentou entrar em contato comigo!
-Eu pretendia fazer isso – respondeu ela. -Cheguei anteontem. Mas, você não me deixou endereço e nem me escreveu, Giles!
-Como podia fazer isso quando estava proibido de entrar em sua casa e o General me detestava? Agora, ele está morto, Verena, e julgo pela sua aparência, que ele a deixou muito bem de finanças.
Ela ficou calada e Giles interrogou:
-O que ele lhe deixou? A casa, o dinheiro e todos os bens, como ele me disse que faria? Qual o total da fortuna?

Emariannacarcano

Verena virou a cabeça para o lado.

-Bem, acho que foi mais do que a maioria das pessoas pensava – continuou Giles. -Descobri quanto seu avô recebeu em dinheiro, como recompensa, e conhecendo-o bem, sei que investiu o dinheiro sabiamente. Herdou um milhão de libras, Verena?

-Não, não tanto assim.

-Mas, não muito menos, não é? – perguntou o Capitão, os olhos fixos nela. -Bem, isso lhe trará conforto na velhice, se bem administrada por seu marido.

Verena caminhou pela sala, inquieta.

-Acho que não devíamos estar falando... sobre isso.

-E sobre o que falaríamos? Sobre o nosso casamento? Quando pretende se casar comigo, Verena? Gostaria de saber que um Winchcombe será dono do Convento, como fomos durante tantos séculos.

-Não estou pensando... em casamento... neste momento.

-Isso não é verdade! Esqueci de lhe dizer o quanto pensei em você e sonhei com seus olhos inocentes...ansioso, é claro, pelo dia em que não existissem mais obstáculos em nosso caminho e pudéssemos ficar juntos.

Ele sorriu, divertido, ao ver as mãos de Verena se agitarem, como se quisessem conter seu nervosismo.

“Ela progrediu”, pensou o Capitão, “e embora não seja o meu tipo, é muito rica”.

Ele estava seguro de si, consciente de sua atração física, e sabia que as mulheres gostavam de serem elogiadas. E quem podia fazer isso melhor do que ele?

-Você está mais bonita, querida Verena – disse – e lhe prometo, que nos entenderemos bem.

-Não... não!

O Capitão tomou Verena nos braços, mas ela lutava contra ele, quando a porta abriu.

-Sua Graça, o Duque de Selchester – anunciou o velho Johnson.

Verena soltou-se dos braços de Giles, embaraçada, quando o Duque entrou na sala.

Por um momento ele pareceu muito grande e forte, e Verena pensou, pesarosa, que a expressão de seu rosto era de desdém, quase de desgosto. Mas, sua voz era calma e controlada quando disse:

-Boa tarde Verena. Esperava encontrar Sua Senhoria com você.

Verena notou um reprovação sutil na voz e respondeu depressa:

-Minha madrinha... estava com dor de cabeça e foi descansar. Acho que ainda não conhece meu... primo, Capitão Giles Winchcombe-Smythe.

-Como vai? – perguntou o Duque, estendendo a mão. -Creio que está no meu antigo Regimento.

-O dos Guardas Reais – respondeu o Capitão.

-Dou-lhe os parabéns, não conheço outro melhor.

Verena sentiu a agitação desaparecer ao ver o Duque se mostrar tão cordial.

-Não tivemos tempo de nos conhecer essa manhã no Parque – ajuntou o Duque – mas Verena me falou a seu respeito. Estava anteriormente, no Décimo Primeiro de Infantaria, não?

Emariannacárcano

-Sim, fui transferido há dois meses – replicou o Capitão. -Agora, que não há guerra, é agradável ficar em Londres.

-Claro que sim!

-Estou certo de que Sua Graça acha tão divertido quanto eu – comentou o Capitão com uma insinuação na voz.

-Mas, naturalmente! – concordou o Duque.

Verena estava intrigada. Percebia que o Duque procurava ser amável com Giles, e no entanto, estava segura de que os dois homens tinham muito pouco em comum.

Era difícil não estabelecer um contraste entre ambos, embora ela se sentisse desleal ao fazê-lo. As roupas do Duque eram tão parte dele mesmo, que quase não eram notadas. Ele parecia apenas muito digno e elegante, enquanto o traje do Capitão parecia gritar para chamar a atenção.

A única joia usada pelo Duque era um simples anel de ouro na mão esquerda. Giles tinha um anel em cada mão e ambos eram adornados com pedras preciosas.

-Os cavalos que conduzia esta manhã no Parque eram maravilhosos – dizia o Capitão no tom de voz de um homem de sociedade falando com outro.

-Realmente – concordou o Duque – estou contente com eles.

-Devem ter custado bastante dinheiro. Paguei quinhentas libras pelo meu animal, e tenho mais dois em vista. Estou certo, Verena, que dará seu coração a eles, se não o tiver dado a outra pessoa.

Olhou para Verena:

-Ela sempre foi louca por cavalos.

-Compreendo – disse o Duque, com calma.

-Bem, uma coisa gostaria de fazer, Duque – disse o Capitão de forma insinuante – visitar suas cocheiras. Tenho certeza de que não objetaria se Verena e eu fôssemos até lá qualquer dia.

-Seria um prazer – retrucou o Duque.

Verena crispou as mãos. Sabia que Giles não devia falar daquela maneira, solicitando convites, ou forçando uma intimidade com o Duque, como se fossem velhos amigos.

Sua agitação foi transmitida ao Duque porque ele virou-se para ela. Enquanto Verena pensava que o aborrecimento desaparecera de seu rosto, substituído por uma bondade que fez seu coração saltar, de repente.

-Verena, eu vim lhe perguntar... – começou ele a dizer quando a porta se abriu de novo.

-O Sr. Jasper Royd – anunciou Johnson.

Verena, que estava de costas para a porta, voltou-se e no mesmo instante, sentiu-se paralisada!

Não foi capaz, por um momento, de falar, mover-se ou pensar! Só podia encarar o homem, incapaz de acreditar em seus olhos. De pé no umbral estava o cavalheiro de feições firmes, lábios grossos e olhos escuros que ela vira, por trás dos barris, na adega do velho Convento.

Era o *Gênio do Mal* e ela sentiu-se incapaz de respirar. Então, como num sonho ouviu a voz de Giles:

-Jasper! Estava esperando que fosse aparecer aqui. Deixei um bilhete no

Clube, queria que conhecesse Verena. E ouso dizer que já conhece o Duque de Selchester.

-Conheço, realmente – replicou Jasper Royd. -Mas, estou surpreso, Theron, de encontrar você aqui.

-A surpresa é minha – disse o Duque. -Nós não nos víamos há algum tempo, Jasper.

-É verdade, e você não precisa esperar minha visita! Não vou voltar à sua casa como um mendigo importuno. Atualmente, estou muito bem de dinheiro!

O tom de voz era insolente, porém o Duque respondeu com seriedade.

-Estou contente de ouvir isso.

-Jasper, você ainda não cumprimentou Verena – cortou Giles.

-Que falta a minha! – exclamou Jasper. -A presença de meu primo Theron me fez esquecer todo o resto. Deve me perdoar, Senhorita Winchcombe, porque posso lhe afirmar que. Desde que Giles me falou a seu respeito, tenho estado ansioso para conhece-la.

Segurou a mão de Verena entre as suas. Com tremendo esforço ela conseguiu inclinar a cabeça a murmurar com voz firme:

-Obrigado, senhor.

-E agora, se me dão licença – disse o Duque – gostaria de perguntar `Senhorita Verena, antes de me retirar, se ela poderia jantar com minha avó hoje a noite?

-É minha avó também – interveio Jasper.

-Mas, claro, Jasper. Eu não tinha esquecido isso.

-Não está programando uma noite muito divertida para a moça – Jasper sorriu. -A Duquesa tem oitenta anos e aquela casa sombria do outro lado de Hampstead Heath está tão cheia de fantasmas quanto um cemitério.

-Gostaria que conhecesse minha avó, a Duquesa de Selchester – disse o Duque, dirigindo-se somente a Verena.

O rosto de Verena estava muito pálido e havia uma tensão em seu olhar, que o Duque vira pela última vez quando ela voltara do quarto do avô depois de sua morte.

-Não... esta noite... tenho que estar em casa esta noite.

-Então, amanhã – falou Duque, gentilmente. -Vou avisar minha avó que você aceita seu convite para amanhã. Ela está ansiosa para conhecer você, Verena.

-Amanhã à noite... será um prazer – murmurou Verena.

O Duque segurou a mão dela, e os dedos finos apertaram os do homem. Ela sentia que precisava retê-lo, não podia deixar que fosse embora!

No entanto, ele pareceu não compreender a sua aflição. Soltou a mão dela e dirigiu-se à porta.

-Boa tarde, Capitão Winchcombe-Smythe disse educadamente. -Boa tarde, Jasper.

A porta se fechou atrás dele, Jasper Royd ficou olhando para a porta como se, através dela, pudesse ver o Duque descendo as escadas.

-Maldição! – exclamou em voz alta. -Se existe um homem que atormentou minha vida, esse homem é o primo Theron.

-O que foi que ele fez? – perguntou Giles.

-O que foi que ele fez? – perguntou Jasper encolhendo de ombros. -Você

deve ser muito idiota, caro Giles, para não compreender que ele está entre eu e o Ducado.

-Céus! – exclamou o Capitão Giles, rindo. –Não posso imaginar você como um Duque, Jaspe!

-Mas, eu posso – respondeu Jasper em voz baixa.

Havia alguma coisa em sua voz e um súbito brilho em seus olhos que disseram a Verena, tão claramente, como se as palavras tivessem sido pronunciadas, que o Duque estava em perigo.

Perigo, vindo do *Gênio do Mal*!

Capítulo IX

Verena não conseguiu dormir. Durante toda a tarde ela aguardara com impaciência o momento em que ficaria sozinha na escuridão, tentando ordenar seus pensamentos.

Mas, quando o momento chegou, ela estava tão agitada e nervosa que se ergueu da cama depois de algum tempo, e começou a andar pelo quarto.

Não era apenas o fato do *Gênio do Mal* ser primo do Duque que a estava perturbando, embora isso já fosse suficiente! Como poderia dizer ao Duque que seu primo era um ladrão de ouro? Que seu primo era o homem que assassinou, deliberadamente, os guardas da carruagem do ouro?

Era um problema muito difícil, mas havia outro pior! Agora, sabia o que estivera no seu subconsciente, desde que o Duque fora atacado na adega do antigo Convento.

Era uma ansiedade que ela não queria enfrentar, ou revelar mesmo a sai própria. Mas, agora, não podia mais ignorar os sussurros de sua consciência.

Podia ver Giles sentado ao lado dela na biblioteca, depois que o General lhe tinha dito para deixar a casa e não voltar mais.

-Como pode fazer isso comigo? -tinha perguntado Giles, zangado. -Eu sou um Winchcombe!

Tinha visto a expressão do rosto de Verena e se corrigira:

-Ao menos pela metade! Há sangue dos Winchcombe em minhas veias, sangue que foi respeitado durante séculos. Como o General ousou me tratar daquela maneira?

Ele parecera muito preocupado e Verena, que sentia alguma ternura por ele, tentara animá-lo.

-Eu penso em você como sendo um Winchcombe – dissera – e para lhe mostrar que estou dizendo a verdade, vou lhe revelar um segredo.

Fora então que ela lhe contara sobre o lugar onde os monges escondiam suas chaves na adega, um segredo conhecido por muitas gerações, e segundo dissera-lhe o avô, somente pelos chefes da família e por seus filhos.

Quando contara a Giles o segredo que, para ela tinha grande importância, percebera que ele não mostrara interesse especial. Na verdade, ele não parecera escutá-la, imerso em suas lamentações: resmungando porque o General não pagara suas dívidas, queixando-se amargamente porque fora

insultado.

Mas, agora, Verena enfrentava a verdade: ela era forçada a admitir que as chaves tinham desaparecido e que a porta da adega estava trancada, porque apenas uma pessoa poderia ter revelado o segredo ao *Gênio do Mal*.

Na escuridão do quarto, ela colocou as mãos no rosto! Depois voltou à cama, envergonhada por ter traído a confiança do avô, humilhada porque alguém com uma gota de sangue dos Winchcombe se portara tão deslealmente.

Seu primeiro impulso foi dizer a verdade a Giles e deixar claro que nunca mais tornaria a vê-lo. Em seguida, foi bastante lúcida para compreender duas coisas: primeira, que fazendo isso, colocaria sua vida em perigo, deliberadamente; e segunda, que não cumprir com sua palavra, seria rebaixar-se ao mesmo nível que ele.

Podia ouvir seu avô dizendo, anos antes:

-Um homem que não cumpre a palavra empenhada é um covarde e merece apenas desprezo!

Embora ela não compreendesse isso, tinha sido educada por um soldado com um código militar de cavalheirismo. Estes eram os ideais e padrões que tinham inspirado o Exército de Wellington na Península a sofrer provações, e ainda assim, permaneceram homens de coragem.

Eles, o pai e o avô de Verena, tinham acreditado, que um homem não pode se deixar intimidar, deve punir os covardes, ser terno com as mulheres e os indefesos, e acima de tudo, cumprir sua palavra.

-Como posso me casar com Giles? – sussurrou Verena consigo mesma. -Ele é um assassino, há sangue em suas mãos!

E no entanto, ela dera sua palavra a esse homem, fizera uma promessa que, segundo seus princípios, não podia deixar de ser cumprida.

Havia olheiras sob seus olhos na manhã seguinte, e estava muito pálida quando desceu para o café.

Felizmente, Lady Bingley estava cheia de planos para outra reunião, que pretendia oferecer na semana seguinte a Verena, tão ocupada fazendo listas de amigos que deveriam receber convites, que não percebeu que a afilhada estava calada demais.

Lady Bingley dava ordens na cozinha para os menus do dia quando o mordomo anunciou que o Capitão Winchcombe-Smythe desejava ver Verena.

Ele entrou na sala de café e Verena forçou um sorriso. Giles usava uniforme e tinha boa aparência com sua couraça de aço e botas pretas de cano longo. Mas, quando olhou para ela, Verena pôde ver apenas mulheres chorando, crianças sem pai e os guardas das carruagens do ouro mortos na estrada.

-Vou montar guarda no Banco da Inglaterra, Verena – disse ele. -Achei que gostaria de me ver fardado.

Verena esforçou-se para não gritar. O Banco da Inglaterra! Então, era Giles quem informava sobre o destino do ouro! Giles avisava o *Gênio do Mal* sobre o lugar onde armar a emboscada!

Mas, o Capitão aguardava sua resposta.

-Claro, eu queria ver você – respondeu com dificuldade. -Está muito bem.

-Supus que fosse pensar assim, querida – respondeu ele. -Mas, o verdadeiro motivo da minha visita foi para lhe dizer que tenho outros planos para esta

noite. Não quero que acompanhe o Duque para jantar com sua avó. Não precisa avisá-lo, eu mesmo vou fazer isso mais tarde.

-Eu prometi ir – protestou Verena.

-Terá que mudar de ideia. Talvez, em outra ocasião...

-Temo não poder fazer isso – respondeu ela, devagar. -O Duque é meu tutor, e se quisesse, poderia me proibir de aceitar outro convite.

-Seu tutor! – exclamou o Capitão com assombro. -Como aconteceu isso?

-O bisavô do Duque casou-se com uma Winchcombe. Por isso, ele se considera meu parente.

-Nesse caso – disse o Capitão, pensativo – ele também é parente meu. Sangue nobre! Algum coisa para se orgulhar, hem, Verena?

Verena notou a alegria na voz dele e sabia que, pessoalmente, estava encantado com as novidades. Era alguma coisa para se gabar, alguma coisa para contar aos amigos.

"O Duque de Selchester é meu parente".

Ela quase podia ouvi-lo dizendo isso!

-Apesar disso – ele continuou depois de uma pausa – seria melhor para você, evitar passar por Hampstead Heath.

Enquanto ele ainda pronunciava as palavras, Verena teve um pressentimento de perigo, alguma coisa estava sendo planejada pelo *Gênio do Mal* e por Giles

-Não, eu devo ir como prometi – respondeu com firmeza.

O Capitão atravessou a sala e tornou a voltar, as esporas tilintando quando caminhava, a couraça refletindo os raios de sol.

Após um instante, limpou a garganta.

-Há outra coisa que devo lhe dizer, Verena. Recentemente, ganhei bastante dinheiro, e decidi, como estamos noivos, fazer um testamento em seu favor. Aliás, já o fiz.

Calou-se como se procurasse uma desculpa.

-Há tantos acidentes nas estradas nesses dias – ajuntou – que sem contar os perigos da guerra, deve -se sempre estar prevenido. Não quero que minha fortuna, no caso da minha morte, seja de outra pessoa que não você.

-Estou certa de que não vai morrer, Giles.

-Ninguém pode ter certeza – respondeu, franzindo a testa. -Deve-se estar preparado. Seu avô foi prudente ao fazer um testamento antes de morrer.

Mas, vovô tinha mais de setenta e cinco anos!

-Apesar disso, ninguém deveria morrer sem fazer um testamento – insistiu. -Por isso, sugiro, Verena, que venha comigo esta tarde ao seu advogado para fazer um testamento em meu favor, como fiz para você.

Verena respirou fundo. Era, pensou, como se estivesse assistindo a uma peça tão mal representada que todos já sabiam o que os atores diriam antes de abrirem a boca.

Por um momento ela sentiu a tentação de acusar o primo, dizendo tudo o que sabia, e expulsando-o da casa como seu avô fizera.

Em seguida, compreendeu que ele responderia que ela estava louca. E afinal, que prova tinha a não ser sua intuição?

Rapidamente, ela viu com clareza como *Gênio do Mal* e Giles tinham se protegido contra qualquer prova. Como o Duque dissera: "Todo o plano foi

Emanuela Cárcano

muito bem pensado e organizado".

Agora, essa cilada armada pelo Capitão, com a ajuda do *Gênio do Mal*, naturalmente, era também muito inteligente.

Respirando fundo para se acalmar, Verena conseguiu dizer bem depressa:

-Mas Giles, claro que também desejo fazer um testamento beneficiando você, porém infelizmente, não poderei sair esta tarde.

Ela viu que ele ia protestar e acrescentou:

-Já planejei sair com minha madrinha e visitar várias de suas amigas. Ela não compreenderia a razão da minha recusa em acompanha-la e se soubesse do que estamos tratando, tenho certeza de que exigiria que discutíssemos o assunto primeiro com o meu tutor.

-Não há motivo para você fazer isso!

-Eu sei, isso é uma coisa que só diz respeito a você e a mim. Mas, receio que tenhamos que deixar o meu testamento para outro dia.

A ruga voltara à testa do Capitão e Verena percebeu que ele estava desapontado, ao mesmo tempo em que achava sua desculpa plausível. Afinal, ele deixou a casa, prometendo voltar na manhã seguinte.

Quando ele se foi, Verena tremia. Nunca sua clarividência falara tão alto quanto naquele momento. Ela sabia – sabia sem fazer perguntas – que alguma coisa ia acontecer quando eles atravessassem Hampstead Heath aquela noite.

Mas, sabia também que, por enquanto não seria perigoso para ela porque ainda não fizera o testamento beneficiando Giles; seria, sem sombra de dúvida, muito perigoso para o Duque.

levou as mãos à cabeça, tentando raciocinar. O Duque, com certeza, não acreditaria nela se lhe contasse o que temia. Mas, mesmo assim, se ele insistisse em não mudar de trajeto, se negaria a leva-la com ele. Disso ela estava convencida, como se tivesse escutado as palavras da boca do próprio Duque.

O Duque iria, mas a deixaria em casa. E porque se comportaria com decência, não atirando até que atirassem nele, não atacando antes de ser atacado, o Gênio do Mal conseguiria o que se propunha e seria o próximo Duque de Selchester!

Era tão claro para Verena que ela podia ver a cena acontecendo: os tiros no escuro, o Duque caindo sem vida, o Gênio do Mal não tomando, pessoalmente, parte no crime, mas esperando para receber a recompensa.

-Sou filha de um soldado – disse a si mesma. -Esta é uma guerra na qual o inimigo tem a iniciativa. Eu preciso enfrentar os ataques como se fosse um homem! O que faria vovô nas mesmas circunstâncias?

Lady Bingley achou a sobrinha muito calada enquanto deixavam os convites e cartões de visitas em casa de várias amigas para a recepção que Sua Senhoria ia oferecer.

Quando tinham feito tudo o que pretendiam, Verena disse:

-Queria saber, madrinha, se poderíamos parar nas cocheiras do Duque antes de ir para casa. Eu gostaria, se fosse capaz de esperar por mim, de ver Assaye. Ele fica agitado quando está longe de mim há muito tempo.

-Claro que podemos fazer isso, querida! Eu sei que tem grande afeição por seu cavalo.

Emariamacarcano

Chegando às cocheiras, que estavam situadas nos fundos da Casa Selchester, Verena foi levada por um palafreneiro até a cocheira de Assaye. O cavalo relinchou ao ouvir a voz da moça e avançou o focinho para ela com afeto.

-Vou montar você amanhã – prometeu Verena. -Deve estar ansioso por algum exercício.

Acariciou o pescoço do animal.

-Ele estava muito cansado quando chegou aqui? – perguntou ao criado.

-Não demonstrou nenhum cansaço, senhorita. É um animal muito fogoso!

-Sempre achei isso – ela sorriu, ajuntando em voz baixa! – Será que eu poderia falar com um dos palafreneiro que vai acompanhar Sua Graça na carruagem esta noite?

O homem pareceu surpreso, mas respondeu:

-Estou certo de que Fowler acompanhará Sua Graça.

-Então, peça lhe para vir falar comigo.

Ela ficou sussurrando palavras carinhosas aos ouvidos de Assaye, e acariciando o animal até que um homem se acercou. Ela reconheceu o palafreneiro que a ajudara a subir na carruagem um dia antes.

-Boa tarde – ela sorriu.

-Boa tarde, senhorita – retrucou Fowler. -Posso ajudar em alguma coisa?

-Quero lhe dizer uma coisa em segredo – disse Verena. -E você poderá pensar que é estranha.

O homem ficou calado, mas atento.

-Eu sou vidente. Minha mãe era a sétima filha de uma sétima filha. Sabe o que isso significa?

-Sei sim, senhorita. Eu também sou do campo.

-Estou com um pressentimento muito estranho e forte – disse Verena. -Quando atravessarmos Hampstead Heath esta noite, a carruagem do Duque será assaltada por salteadores de estrada. Estou convencida de que não querem dinheiro ou joias, mas a vida de Sua Graça!

-Falou sobre isso com Sua Graça, senhorita?

-Não, não falei com ninguém. Devo lhe pedir que não mencionasse isso com Sua Graça, porque, como sabe muito bem, Sua Graça não acreditará e não tomará as necessárias precauções.

-Isso é verdade, senhorita – concordou Fowler. -Sua Graça, é um homem muito corajoso.

-Eu sei e por isso estou lhe pedindo para me ajudar a fim de ter certeza de que nada acontecerá a Sua Graça.

-O criado que viaja na boléia sempre leva uma arma com ele – disse Fowler. -Mas, eu levarei também esta noite.

-Esperava que dissesse isso – falou Verena. E não hesite em atirar, não espere, por que estou convencida, e nunca me engano, que esses homens são assassinos!

Fowler lhe lançou um olhar penetrante, mas perguntou:

-Quantos homens espera, senhorita?

-Quatro! Um deles atirará no criado que estiver na boléia, o outro em você, se estiver de pé atrás da carruagem. Mate-os assim que os vir aparecer!

-E os outros dois?
-Se eu não estiver enganada – respondeu Verena – eles abrirão ambas as portas da carruagem ao mesmo tempo e atirarão no Duque.
-Senhorita, seria melhor prevenir Sua Graça!
-Sua Graça não vai acreditar em mim! Estou confiando em você. Estou lhe confiando a vida dele e a minha. Mas, se você falar demais e o ataque não for realizado esta noite, será levado a cabo em outra ocasião... quando talvez, não estejamos prevenidos.
-Entendo o que quer dizer, senhorita! – exclamou Fowler, pensativo. -Vou providenciar para que o rapaz que vai na boléia leve um bacamarte. Não deixarei que o homem que me atacar escape com vida.
-Obrigada – disse Verena. – Deixe o resto por minha conta, e não diga uma palavra a ninguém.
-Eu lhe prometo, senhorita.
Verena ficou satisfeita ao saber, pela maneira como ele falava, que tinha sido um soldado.
Voltou à Praça Manchester e assim que sua madrinha subiu para trocar de roupa, ela entrou no quarto que fora o aposento de Lorde Bingley. Ela já estivera ali antes, e visto sobre uma mesa, o que queria.
Era uma caixa, igual a que a maioria dos cavalheiros possuía, contendo um par de pistolas para duelo.
Eram bastante antigas, mas quando ela as segurou, verificou que eram bem feitas e precisas. As balas se encontravam ao lado delas.

* * *

O Duque chegou à Praça Manchester às sete horas. Lady Bingley estava esperando na sala de estar para recebe-lo. Ele beijou-lhe a mão e sorriu lhe.
Verena estava pronta, usando uma capa de cetim rosa ornada de plumas de cisne sobre o vestido de noite. Carregava um grande e moderno regalo, também de plumas de cisne.
Seria preciso muita perspicácia para perceber que estava bastante pesado e escondia duas pistolas.
-Gostaria de ter convidado a senhora, Lady Bingley, para vir conosco esta noite – disse o Duque – mas, minha avó é idosa e não gosta de receber mais de duas pessoas ao mesmo tempo. Ela não admite que está ficando surda, mas acho que o motivo é esse.
-Compreendo muito bem – replicou Lady Bingley. -E espero, Sua Graça, conhecer a Duquesa em outra ocasião.
-Eu ficaria muito honrado, senhora – ajuntou o Duque – se pudesse persuadir a senhora e Verena a serem minhas convidadas no Castelo Selchester amanhã. Eu devo ir ao campo e gostaria muito de hospedá-las de amanhã, quinta-feira, até segunda.
-Visitar o Castelo Selchester! – exclamou Lady Bingley com entusiasmo. -Garanto, Sua Graça, que nada me agradaria mais. Ouvi tantas historias sobre sua magnificência e interesse histórico!
-Terei muito o que lhes mostrar – disse o Duque – e pensei, se concordar, que seria divertido para Verena viajar comigo em minha carruagem. Mas, não

gostaria que se sentisse negligenciada, Milady, e sugiro que viaje com Lady Edith Sheraton, que também dará a honra de ser minha hóspede.

-Lady Edith Sheraton! – repetiu Lady Bingley, com olhar intrigado.

-Acho que se conheceram em crianças – falou o Duque – e Lady Edith está ansiosa para rever a velha amiga.

-Edith Sheraton! Seu nome era Edith Cecil... claro que me lembro! Era uma garota adorável! Como está hoje?

-Muito atraente, como a senhora – respondeu o Duque, galantemente.

Lady Bingley riu.

-Sua Graça é um galanteador e sou muito velha para ouvi-lo. Leve Verena para conhecer sua avó e diga-lhe alguma coisa agradável, porque hoje, ela me pareceu um pouco tristonha.

O Duque olhou para Verena com atenção.

-Não, realmente – apressou-se ela a dizer. -Estou bem e ansiosa para conhecer a Duquesa.

-Então, se não queremos nos atrasar para o jantar, devemos ir agora – respondeu o Duque.

Beijou a mão de Lady Bingley e seguiu Verena pelas escadas, dirigindo-se à carruagem que esperava por eles.

Verena viu que Fowler estava sentado ao fundo, e que o criado que mantinha a porta aberta era um rapaz robusto com expressão atenta no rosto.

Verena entrou na carruagem e o Duque sentou-se a seu lado. Os cavalos estavam descansados e moveram-se depressa, afastando-se do tráfego em direção ao Parque Regents.

-Por que nos convidou para ir ao Castelo Selchester? – interrogou Verena.

-Quero mostra-lo a você – disse ele com ar casual – e se está pensando que desejo afastá-la das diversões sociais, fique tranquila. Convidei também seu primo para ser meu hóspede.

-Convidou Giles para se hospedar no Castelo Selchester? – indagou, assombrada. -Mas, por quê?

-Ele mostrou vontade de conhecer minhas cocheiras – replicou o Duque. -Tenho apenas alguns cavalos em Londres, mas um grande número deles em Selchester. Temo, no que me diz respeito, que os cavalos são uma extravagância minha.

-Duvido que Giles possa aceitar – disse ela, depressa.

-Talvez, ache que ele não gostaria de deixar Londres – sugeriu o Duque. -Não desejo que ele se aborreça, por isso convidei também seu amigo, meu primo Jasper.

Verena sufocou com dificuldade um grito de terror. Como o Duque podia agir tão loucamente?, perguntou-se. Então, ela pensou, desesperada, que ele fazia aquilo por causa dela.

Certamente, ele não podia acreditar que ela estava realmente apaixonada por um homem vestido com tanta extravagância, e tão ignorante no que dizia respeito a cavalos que tinha pago um preço ridículo pelo cavalo em que montava no Parque.

Depois, lembrou-se de que falara sobre Giles com ternura enquanto cuidava do Duque em sua casa. Era claro que ele supunha-a apaixonada pelo primo!

Sua face ruborizou-se ao pensar nisso.

Compreendendo que estavam se aproximando de Hampstead Heath, ela se inclinou para a frente para olhar a estrada e a região deserta e sombria de cada lado dela. Ela viu como seria fácil para os salteadores se esconderem entre os arbustos, e assaltar um veículo de surpresa, por quase toda a extensão da estrada onde se encontravam naquele momento.

Ao mesmo tempo, estava convencida de que os homens contratados pelo *Gênio do Mal* não atacariam à luz do dia. O sol mergulhava atrás das árvores e ela se lembrou que, quando adivinhara o futuro do Duque, tinha visto perigo na escuridão.

Era na volta à casa que deviam ter cuidado!

Os cavalos se detiveram e Verena temeu ter se enganado. Então, o Duque disse:

-Chegamos ao Toll-Gate. Está vendo a taverna do lado oposto? É chamada Os Espanhóis e tem péssima reputação. Dizem que é o refúgio dos salteadores de estrada.

-Salteadores de estrada!

-Sim, mas não precisa ter medo – o Duque sorriu. -O palafreneiro que viaja na boléia sempre carrega um bacamarte à noite, especialmente quando viajamos para o campo.

-Ouvi dizer que Hampstead Heath é um antro de ladrões e salteadores!

-Há muito exagero nessas historias. E de uma coisa estou certo, Verena: não vamos encontrar nossos ladrões de ouro emboscados nessas árvores.

Falava com jovialidade, mas Verena sentiu-se estremecer. Os homens do *Gênio do Mal* não cometeriam um assassinato aquela noite por causa do ouro, mas sim por uma Coroa de Duque.

Como o Duque podia ser tão cego, tão idiota, perguntou-se, a ponto de não perceber que seu herdeiro provável, mesmo ignorando que ele era o Gênio do Mal, tinha inveja de sua posição?

Talvez, pensou, o Duque não esperasse que alguém de seu próprio sangue se comportasse tão desprezivelmente, e com certeza, atribuía ao primo, ao menos, alguns atributos de um cavalheiro.

-Espero – dizia o Duque – quando voltarmos a Londres, poder diverti-la bastante. Minha irmã pretende dar um baile na semana seguinte à próxima, e você e Lady Bingley serão convidadas, é claro. Minha tia, viúva, com oito filhas, sendo duas debutantes nessa temporada, e que irão a todas as festas e recepções alegres e exaustivas, prometeu-me acompanha-la.

-É muita amabilidade sua – respondeu Verena – e sei que deveria ser grata. No entanto, espero que não me ache rude por lhe dizer que me sinto muito velha para essas reuniões.

-Muito velha! – exclamou o Duque. -Realmente, Verena, você é uma caixa de surpresas. O que quer dizer com isso?

-Eu sempre vivi com pessoas mais velhas, como sabe: meu avô, minha mãe, e quando ela morreu, os amigos de vovô. Gosto de conviver com pessoas mais velhas e conversar seriamente. Acho, talvez, que eu tenha esquecido ou nunca tenha sabido como ser jovem e despreocupada.

-Que historia triste! Vejo que precisamos de algum modo, obrigar você a

atirar para longe as preocupações dos velhos, e a ser jovem como parece!

-Não vai acreditar, se eu lhe disser, que sou muito feliz com pessoas de idade, com meus cavalos e meus livros, não é?

-Não somente não vou acreditar em você – retrucou o Duque – como vou fazer o possível para provar que está enganada.

-É pouco provável que tenha sucesso – disse Verena, secamente.

-Vamos ver – respondeu o Duque. -Esta noite, contudo, você estará em seu elemento. Minha avó tem mais de oitenta anos, e vocês duas terão muito em comum.

O Duque falara pilheriando, mas percebeu em seguida que Verena tinha, realmente, afinidade com os velhos. A maioria das jovens, quando conheciam a Duquesa caíam imediatamente num silêncio assustado e permaneciam caladas na presença de tão admirável e idosa Lady.

A Duquesa, que fora uma beldade em sua juventude, era de fato uma relíquia dos dias escandalosos de irresponsabilidade social da metade do último século, que culminaram com a selvagem alegria do jovem Príncipe de Gales.

A Duquesa, assim como o resto da sociedade, aborrecidos com a respeitabilidade e monotonia da Corte, tinham transformado a Casa Carlton em local de diversão. Vestida de branco e usando nada menos que seis fios de pérolas, e igual número de pulseiras, e vários anéis de diamantes nas mãos de veias azuladas, recebeu Verena e o Duque no grande salão, com quadros de Van Dyck, e dominando o extenso terreno que cercava a residência.

Ela não se levantou quando entraram, mas sentou-se muito tesa na alta cadeira de veludo, as pernas cobertas por uma manta. Ao lado dela estava um menino negro, usando um turbante e movendo um grande leque de penas de pavão.

O Duque se inclinou em primeiro lugar para beijar a mão da avó e depois o rosto.

-Boa noite vovó – disse ele. -Estou, como sabe, encantado em vê-la.

-Não sei de nada disso – declarou a Duquesa. -Só sei que já passou um século desde que condescendeu em me visitar pela última vez.

-A última vez que vim – disse o Duque com um vislumbre de riso na voz – a senhora me disse para me afastar até que pudesse apresentar minha noiva. Como não encontrei ninguém que pudesse lhe agradar pensei que estava em desgraça!

-Você não pensou nada disso! – retrucou a Duquesa. -E como é mais atraente que o resto das minhas insípidas netas, prefiro você àquelas imbecis que seu tio Cornelius trouxe ao mundo. Nunca suportei mulheres!

-É uma pena – comentou o Duque – porque, esta noite, eu lhe trouxe uma mulher e também uma parente, vovó. Permita-me lhe apresentar a Srta. Verena Winchcombe.

A Duquesa estendeu a mão e Verena fez uma reverência; percebeu que dois olhos azuis e perspicazes a examinavam dos pés à cabeça, atentos a todos os detalhes de sua aparência.

-Winchcombe! Winchcombe! – falou a Duquesa, pensativa. – Não sabia que tínhamos alguém com esse nome na família.

-O bisavô se casou com Arabella Winchcombe – disse o Duque. -Mas, ouso

dizer que não lhe contaram sobre isso.

-É claro que me lembro! – exclamou a Duquesa. -Foi um grande escândalo! Ninguém comentava o assunto a não ser aos cochichos. Uma vez eu perguntei ao seu bisavô, quando ele já era velho, como era a mulher. Respondeu que não se lembrava. Um pretencioso! Como se um homem fosse incapaz de se lembrar do rosto de uma mulher, com quem levou cinco meses para chegar a Gretna Green!

O Duque atirou a cabeça para trás e riu.

-Só mesmo a senhora, vovó! – exclamou. -Tio Adolphus passou os últimos anos guardando essa historia só para si, a fim de não ferir a pureza de nossos ouvidos. E a senhora sabia de tudo, o tempo todo!

-Naturalmente – exclamou a Duquesa. -Adolphus é igual a uma mulher velha, e você vai ficar como ele se não se casar.

-Isso é alguma coisa que deve ser evitada!

A Duquesa olhou para Verena, que observava a senhora com interesse divertido,

-E você, menina, o que está tentando fazer? Agarrar um rico e nobre marido?

-Não senhora – replicou Verena. -Não estou interessada em títulos de nobreza ou em riqueza.

-Realmente! Então, é diferente da maioria das moças bonitas – disse a Duquesa. -O que procura então num marido?

Verena ficou embaraçada. Sabia que o Duque a observava, os olhos cinzentos sobre o seu rosto. Mas, sua honestidade a fez responder co sinceridade a pergunta da Duquesa.

-Se eu me casar, senhora, gostaria de me casar com um homem que eu amasse e que também me amasse!

Suas palavras pareceram vibrar no ar. Ela não ousava olhar para o Duque!

-Um sentimento muito fora de moda. De onde pode ter vindo? – interrogou a Duquesa.

-De Bedfordshire – respondeu o Duque. -Seu avô, como escrevi no bilhete que mandei, era o General Sir Alexander Winchcombe.

-Não tinha me esquecido – disse a Duquesa. -Um soldado de valor. Eu o encontrei uma vez, há cerca de cinquenta anos. Estava apaixonado por uma mulher casada naquela época, por isso não prestou atenção em mim. Ela era uma boa leviana!

Verena riu.

-Oh, precisa me contar, senhora – pediu sem sombra de timidez. -Vovô costumava deixar perceber que tinha sido impetuoso em sua juventude, porém nunca consegui que me contasse seus casos amorosos. Eu estava certa, contudo, de que tinham sido numerosos!

Daquele momento em diante, o Duque ficou ciente de que Verena e sua avó se dariam muito bem. Verena, ao contrário das netas da Duquesa, não estava chocada com a maneira livre de falar da Duquesa, que a geração mais jovem achava chocante e não-convencional.

Quando deixaram a casa assim que terminou o jantar, porque a Duquesa se recolhia cedo, ela preveniu o neto para trazer Verena para vê-la de novo na primeira oportunidade.

-Gostaria muito de vir, senhora – disse Verena, e era sincera. -E estava pensando se não poderia cavalgar até aqui algum dia e lhe mostrar meu cavalo. Estou certa de que se divertiria com os truques que ele faz.

-É um animal notável – concordou o Duque.

-Nesse caso, traga-o, menina, e enquanto isso, desvie esse meu neto dos seus caminhos fastidiosos. Nunca suportei um homem que não fosse um pouco imoral!

-Vou fazer o possível, senhora – disse Verena, maliciosamente. -Mas, estou convencida de que seria muito difícil um leopardo alterar suas manchas!

O Duque riu. Pouco depois, estavam voltando, e Verena, segurando o regalo sobre o colo, descobriu que a alegria que sentira durante o jantar estava desaparecendo.

De repente, ela estava muito fria e alguma coisa apertava sua respiração, algum coisa que não deixava que ela falasse com naturalidade.

A carruagem deixou para trás Drive Gates e agora, ela sabia que tinham apenas pequena distância a percorrer antes de chegarem a Toll-Gate.

Sabia, sem poder explicar como, mas, estava certa de que os salteadores de estradas estariam esperando em algum lugar perto de Os Espanhóis. Subindo a colina e automaticamente diminuindo a velocidade, a carruagem seria alvo fácil!

Quando chegaram ao pé da colina ela tirou uma das pistolas do regalo e estendeu-a ao Duque.

-Quando a porta da carruagem se abrir – disse ela – atire sem hesitação. Não espere. – Serão dois homens e pretendem matar você!

Levantou-se enquanto falava e apagou o lampião em frente deles. Estava confiante de que os homens tinham instruções para poupá-la, Giles queria o Convento. Se ela morresse sem deixar testamento, não haveria chance dele conseguir o que desejava.

-Que diabos quer dizer isso? – perguntou o Duque, surpreso.

-Explicarei mais tarde – replicou Verena. -Fique atento! Atire quando aporta se abrir e não falhe!

-E você? – perguntou, lutando para vê-la através da escuridão.

-Eu tenho uma pistola e vou atirar no homem deste lado – retrucou ela. -Prepare-se, Leopardo, pelo amor de Deus!

Assim que terminou de falar, percebeu que a carruagem tinha quase parado. Soaram dois tiros, seguido por outro, enquanto as portas da carruagem eram abertas.

Como Verena previra, os homens, que esperavam encontrar a carruagem com o lampião aceso, hesitaram por um segundo. Verena atirou no vulto do seu lado, enquanto o Duque também disparava.

Dois corpos caíram ao chão, e Fowler surgiu à porta perguntando com ansiedade:

-Sua graça está bem?

-Nenhum de nós está ferido – disse o Duque com calma. – Nenhum tiveram chance de atirar em nós.

-Matei o meu homem, Sua Graça – murmurou Fowler – mas, um deles fugiu e acho que James foi ferido.

EmarianaCarrano

-deixe-me dar uma olhada – retrucou o Duque.

Saltou da carruagem. Verena não se moveu: permaneceu sentada, a cabeça pousada nas macias almofadas. Ela tivera razão! Tudo ocorrera como ela previra. Era uma pena, pensou, que um homem tivesse escapado. Estava quase certa de que se tratava de Hickson.

O Duque e Fowler carregavam o homem ferido, enquanto os cavalos eram controlados pelo cocheiro porque estavam assustados com os tiros. A carruagem se moveu para trás e para a frente, e após um momento, Verena inclinou-se para a porta e olhou para fora.

Pelas luzes das lanternas do veículo, pôde ver que o criado ferido tinha sido colocado ao lado da estrada e o casaco da libré fora arrancado de um dos ombros.

Sua camisa estava manchada de vermelho e Verena saiu do veículo, saltando sobre um cadáver e aproximando-se do ferido. Antes que o Duque pudesse impedi-la, ajoelhara ao lado do criado, afastando a camisa manchada de sangue.

-É um ferimento superficial – disse ela em seguida – mas a bala precisa ser extraída. Preciso dos seus lenços.

Fowler enfiou a mão no bolso, o cocheiro estendeu um lenço de tecido ordinário. Verena tirou um lenço de seda do pescoço, que usara sob as pérolas.

Ela fez uma bola com eles, cobrindo-a com o fino lenço de linho do Duque e apertou-os contra a ferida.

-Coloquem-no na carruagem – ordenou ela. -Ele pode ficar deitado no assento traseiro com as pernas dobradas.

Sabia enquanto falava, que Fowler erguera os olhos para o Duque, esperando a confirmação da ordem.

-Façam o que Srta. Winchcombe disse – ordenou.

Com muito cuidado, ergueram o ferido, enquanto Verena lutava para conservar a bola de lenços no lugar. Quando, finalmente, o homem estava deitado no assento traseiro, ela se ajoelhou ao seu lado, segurando os lenços com firmeza.

O Duque tornara a acender o lampião.

-Está bem? – perguntou a Verena.

-Sim, mas diga ao cocheiro para guiar devagar.

O Duque deu a ordem e subiu ao veículo, sentando-se de costas para os cavalos. O cocheiro fez com que os animais se movessem de novo em direção ao alto da colina. Pagaram a taxa no Toll- Gate e pouco depois os cavalos atravessaram o Heath com passo firme.

-Sinto ter deixado o homem escapar, Sua Graça – murmurou James.

-Acertou nele? – indagou o Duque.

-Acho que atingi de raspão. Ele estava um pouco atrás dos outros, não parecia ter pressa de se acercar da carruagem. Foi por isso que eu esperei tanto tempo.

-Não tem remédio agora, você fez o melhor que pôde.

-Obrigado, Sua Graça.

Verena pensou que fora Hickson quem fugira. Era muito esperto para se

expor como mandara os outros fazerem.

-E os mortos? – perguntou olhando o Duque.

-Vamos deixar que outra pessoa os encontre – respondeu o Duque. -Não temos nada a ver com eles.

Falava com indiferença, e no entanto, ela sabia que havia alguma coisa indagadora e curiosa em seus olhos. Compreendeu com o coração desfalecido que, mais tarde, teria que dar explicações.

O que ela poderia lhe dizer? Como explicar a verdadeira razão por que carregava duas pistolas no regalo e tivera tanta certeza de que seriam atacados?

Tinha, contudo, pouco tempo para pensar em outra coisa que não fosse no homem ferido. O movimento da carruagem lhe causava dor e ela percebeu, pelo modo como ele apertava os lábios e virava a cabeça de um lado para outro, que a bala em seu ombro o fazia sofrer.

Não havia nada que ela pudesse fazer a não ser tentar estancar o sangue. O Duque, compreendendo o que acontecia, apanhou uma garrafa de um compartimento lateral e entregou-a a Verena.

-Deixe-o beber a vontade – disse. – ajudará a suportar a dor.

Verena levou a garrafa aos lábios do criado e ele beber, agradecido. Certamente, seu sofrimento diminuiu e depois de alguns goles de conhaque, fechou os olhos como se adormecesse.

Pareceu um longo caminho até a Casa Selchester. Os joelhos de Verena doíam e sua mão direita, que segurava os lenços, estava dormente antes que chegassem à porta de entrada.

O Duque desceu e chamou criados para carregar o ferido com cuidado até o interior.

-Chame um médico, Matthews – disse ao mordomo. -Vou levar a Srta. Winchcombe em casa e depois ver o que pode ser feito por ele!

Voltou à carruagem. Agora, sentavam-se lado a lado no assento traseiro. Ela se recostou com um suspiro, movendo o braço direito para aliviar a dormência.

O Duque não falou e ficaram em silêncio durante grande parte do trajeto. Verena tentava pôr os pensamentos em ordem e compreender o que tinha acontecido. Tinha ela, realmente, salvo o Duque e morto um homem ao fazer isso?

Pensava que deveria se sentir horrorizada e culpada ao tirar a vida de alguém. Em vez disso, tudo lhe parecia um sonho, como se seu cérebro não estivesse funcionando bem. Tudo o que sabia era que o Duque estava salvo!

“Por quanto tempo?”, perguntou uma voz interior.

E soube, quando sua respiração se contraiu de medo, que o *Gênio do Mal* odiaria o Duque, agora mais do que antes, porque por milagre ele tinha escapado da armadilha que lhe fora preparada!

Verena estremeceu ao pensar nisso. Então, de repente, o Duque estendeu o braço e segurou a sua mão esquerda na dele, apertando-a com força.

-Há muitas perguntas que quero lhe fazer – disse ele com voz profunda – mas, ela podem esperar até amanhã porque acho que está cansada agora.

-Estou... um pouco – admitiu Verena.

-Nesse caso, eu não vou importunar você – falou o Duque. -Só vou dizer

obrigado, Verena, por ter salvo a minha vida.

Enquanto falava, ele levou a mão de Verena à boca e beijou seus dedos, um por um. Então, quando os sentiu tremer, virou a mão da jovem e beijou a palma, deixando seus lábios se demorarem sobre a suavidade da pele.

-Obrigado, fada – disse num sussurro, e naquele momento ela soube que o amava!

Capítulo X

Verena, que tinha passado metade da noite acordada, pensando no que diria ao Duque quando ele viesse busca-la para leva-la ao campo, viu com alívio que, em vez da alta carruagem que esperava, o Duque guiava sua carruagem leve.

Isso significava que Fowler estava sentado atrás. Imaginou, quando viu o Duque da sala de estar, que ele estava evitando propositadamente uma conversa particular com ela ou, o que era mais provável depois dos acontecimentos da noite passada, sua prudência o persuadira a serem protegidos por um palafreneiro durante a viagem.

A curiosidade de Verena foi esquecida, contudo, quando viu a parelha de cavalos castanhos que puxava o veículo.

Jamais vira e numa imaginara que alguém pudesse encontrar uma parelha tão idêntica. Seria, pensou, o dia mais feliz de sua vida se conseguisse convencer o Duque a deixa-la conduzir os animais.

O Duque desceu as escadas com Verena, depois de ter assegurado a Lady Bingley que a carruagem que fora buscar Lady Edith Sheraton em primeiro lugar estava a caminho, e que o veículo da bagagem em que viajariam os criados, as camareiras da Lady e as malas encontrava-se apenas a alguns minutos dali.

Verena sentiu envergonhada ao lado dele, lembrando-se da maneira como o Duque beijara seus dedos na noite anterior.

Mas, todo embaraço foi esquecido quando estavam fora de Londres, nas estrada Dover, e o Duque pôde permitir que a parelha se movesse de forma tal, que fez Verena virar-se para ele com rosto radiante.

-São maravilhosos! – exclamou. -Nunca acreditei que pudesse viajar tão depressa assim!

-Vamos correr mais ainda quando estivermos livres do tráfego – prometeu o Duque com um sorriso.

Seus olhos encontraram os de Verena por um instante; havia neles uma expressão que obrigou Verena a virar o rosto depressa, consciente de que o coração disparava em seu peito.

Lady Bingley lhe dissera que o Castelo Selchester ficava a duas horas de viagem de Londres. Situado numa região agreste e adorável, em Kent, e a apenas um quilômetro da bem conservada Estrada Dover, era um local de reuniões sociais.

-O Rei era um frequentador assíduo do Castelo Selchester quando era Regente, e ouvi comentar muitas vezes as belas festas que o Duque deu em

honra de Sua Alteza – contara Lady Bingley.
-Quem faz o papel de anfitriã para o Duque, já que ele não tem esposa? – perguntou Verena.
-Talvez sua irmã ou a avó. Mas, asseguro-lhe querida, que quando alguém é tão importante e atraente como o Duque, não há falta de ansiosos damas para serem anfitriãs em suas recepções!
Lady Bingley riu.
-Na verdade, um grande número delas ficaria muito contente em fazer um favor à Sua Graça ocupando a posição de anfitriã para sempre!
-Acho que sim – respondera Verena, sentindo deprimida.
Admitira na escuridão de seu quarto que amava loucamente o Duque.
-Eu o amo! – sussurrara. -Eu o amo!
começara a amá-lo, com certeza, desde o momento em que o tinha visto, mas não soubera disso. Acreditara somente que ele era o homem mais interessante que já conhecera.
Mais tarde, quando ele fora ferido e ela se sentara à sua cabeceira para distraí-lo, lutando para fazê-lo esquecer a dor de cabeça, sentira-se muito feliz.
Mas, como não era sofisticada, não reconhecera o amor; somente às vezes, quando seus olhos se encontravam com os dele, ela sentira uma súbita falta de ar e um aperto na garganta.
-Eu o amo! – dissera em voz alta, pensando por que motivo as palavras pareciam tão diferentes de tudo quanto dissera antes. -Como pude ser tão tola – perguntara a si mesma – a ponto de supor que estava apaixonada por Giles?
Sabia que ficara envaidecida com a sua galanteria, e agora, que seus olhos estavam abertos para a sua maldade, podia ver com clareza como a mente do Capitão trabalhara ao saber que o General pretendia torna-la herdeira de todos os seus bens.
Lembrara-se da transformação de Giles desde que o General lhe dissera para deixar sua casa e não voltar mais.
Que infantilidade sua ter acreditado por um momento que ele era sincero nas coisas que dizia, na maneira como a convencera de a desejava para esposa.
-Idiota! – murmurara, sentindo não apenas raiva de si mesma, mas também vergonha por ter sido enganada tão facilmente.
Ficara satisfeita com o interesse do Capitão, lisonjeada com sua adulação, e permitira que um homem experiente e ardiloso a fizesse prometer que seria sua esposa.
-Como posso me casar com ele? – perguntara a si mesma pela milésima vez.
O pensamento das mãos dele tocando-a, dos seus lábios sobre sua boca, a fazia sentir-se mal.
-Eu não suportaria! Não poderia permitir!... Deus, ajude-me! – suplicara desesperada.
E mais tarde, perguntara em voz alta:
-O que posso fazer? O que posso fazer?
Não tinha encontrado uma resposta quando amanhecera. Agora, ao lado do Duque, sentia-se segura e protegida.
Era um sentimento que não se baseava na realidade; e no entanto sentar-se ao lado dele, comprovar que era forte, observar a perícia com que dirigia a

carruagem, era gozar de um falso paraíso, durante o tempo de viagem de Londres a Selchester.

Falaram muito pouco. O Duque estava ocupado com os cavalos. Verena com seus pensamentos, e ambos sabiam que Fowler estava atrás e podia ouvir o que dissessem.

Tinham atravessado os grandes portões do Castelo cercado por muros de pedra e desciam a longa avenida de tílias, quando o Duque virou a cabeça para dizer:

-Bem vinda à minha casa, Verena!

-Eu queria tanto vê-la – respondeu ela, sentindo seu coração bater mais depressa porque a voz dele soara tão amável...

De repente, as tílias terminaram e viram o Castelo. Havia um rio diante dele e uma grande ponte arqueada levava o caminho sobre a água prateada.

O Castelo, enorme e muito imponente, possuía uma grandeza e ao mesmo tempo uma beleza indescritíveis para Verena. Atrás dele, protegendo-o dos ventos que sopravam do norte e este, estava uma floresta de pinheiros; cercava a grande construção de pedra cinzenta como se fosse uma joia que quisesse proteger. E o Castelo merecia ser protegido! A grande torre normanda estava enriquecida agora pelas aquisições de várias gerações sucessivas.

Havia alas elisabetanas, as dependências da Rainha Ana; e o avô do Duque tinha contratado, na metade do último século, os irmãos Adam para acrescentar uma fachada que era uma obra admirável de arquitetura.

Era difícil ter uma visão completa ao primeiro olhar. O observador tinha apenas a impressão de alguma coisa única e de extraordinária beleza. Uma apreciação das colunas coríntias, da escada de grandes degraus de pedras, das estátuas gregas, das urnas e trabalhos em pedra, só podia ser feita mais tarde num exame mais detalhado.

Verena exclamou:

-É magnífico! O tipo exato de casa que deveria possuir!

-Obrigado.

Atravessaram o rio e alcançaram a escada de pedra, detendo-se diante dos degraus que levavam à majestosa entrada. Criados se aproximaram correndo, usando librés com botões prateados que brilhavam quando se moviam.

O Duque tirou o relógio de ouro, do bolso do colete.

-Uma hora e cinquenta e quarto minutos, Fowler – comentou. -Não foi a nossa melhor, mas ainda assim uma boa corrida!

-É verdade, Sua Graça. Os cavalos provaram seu valor.

-Estou contente com eles – falou o Duque, satisfeito.

Desceu do veículo e estendeu as mãos para Verena. Por um segundo ela baixou os olhos para o Duque, e porque havia um magnetismo no firme aperto das mãos dele sob as suas e na expressão do olhar, ela não pôde falar. Mas, não havia necessidade de palavras...

O Duque ajudou-a a descer e ela caminhou devagar, subindo os degraus, consciente do sol, dos pássaros cantando nas árvores, e do maravilhoso panorama que se descortinava do castelo sobre o parque, e além dele, sobre as terras onduladas em direção ao horizonte azul que, ela sabia, escondia o mar.

O mordomo-chefe recebeu-os com uma reverência no grande hall de mármore, guiando-os até um salão com grandes janelas abrindo-se para o jardim.

Por um instante, Verena temeu ficar sozinha com o Duque, imaginando como responderia às suas inevitáveis perguntas. Quando entraram na sala, ela viu que uma bandeja de prata com sanduíches e refrescos fora colocada em uma mesa lateral.

-Gostaria de tomar um copo de vinho ou uma xícara de chocolate? – perguntou o Duque. -A menos que prefira que minha governanta lhe mostre o seu quarto para que possa trocar de roupa?

-Prefiro subir – respondeu ela, depressa.

Pensou, enquanto falava, que o vento devia ter despenteado seus cabelos e que, na verdade, poderia estar com aparência desarrumada.

Uma idosa governanta surgiu como por milagre, vestida de negro, com um avental de seda, e uma corrente de chaves pendurada à cintura.

Verena foi guiada a um quarto que lhe pareceu muito bonito, mas também bastante majestoso com uma grande cama de quatro colunas.

-Sua Graça pediu que ficasse neste quarto, senhorita – explicou a governanta – porque é chamado o Quarto da Rainha, e todas as rainhas que visitaram o castelo dormiram aqui.

-Foram muitas?

-Acho que a Rainha Ana foi a última, mas muitas outras estiveram aqui antes.

Verena levou algum tempo para olhar as relíquias que se encontravam no quarto, para contemplar a vista da janela, para se lavar, e depois de tirar o chapéu, para deixar que uma habilidosa camareira ajeitasse seus cabelos.

Quando desceu, finalmente, meia hora mais tarde, viu os criados correndo para a porta principal e adivinhou que a carruagem de viagem do Duque, puxada por quatro animais soberbos, tinha acabado de chegar com Lady Bingley e Lady Edith Sheraton.

Não estavam sozinhas: o filho de Lady Edith, Capitão Harry Sheraton, também se encontrava na carruagem.

-Encantado em conhece-la, Srta. Winchcombe – disse Sheraton quando foram apresentados – Theron me contou historias surpreendentes a seu respeito.

Seus olhos brilharam e Verena simpatizou imediatamente com o rapaz alegre e divertido.

-Lamento que os outros dois convidados, nossos primos, Verena, não possam estar aqui antes dessa noite – disse o Duque. -O Capitão Winchcombe-Smythe, creio eu, está de prontidão hoje, E Jasper se ofereceu para trazê-lo em sua carruagem.

Verena teve um sobressalto. Saberia o Duque que a carruagem de seu primo era muito diferente de qualquer outra? A maneira como informara, que Jasper Royd traria o veículo ao Castelo, esconderia algum propósito deliberado?

Então compreendeu que estava dando asas à imaginação. No que dizia respeito ao Duque, ele estava sendo somente gentil com ela, convidando o primo Giles, com o qual não tinha nada em comum, a não ser que Giles servia o seu Regimento há dois anos.

E Jasper Royd! Por que vinha ao Castelo Selchester? Por que aceitaria um convite do Duque, quando não se encontravam há tanto tempo?

Podia haver somente uma razão, pensou Verena, e era que tendo falhado em sua primeira tentativa de destruir o Duque, Jasper pretendia agir de novo. Mas, como?

Havia uma coisa muito clara em todos aqueles acontecimentos: o *Gênio do Mal* tinha um estranho sentido de autopreservação.

Não estivera envolvido nos roubos do ouro. E se o Duque tivesse sido atingido pelos salteadores, não havia ninguém com exceção de Hickson que poderia ligar Jasper Royd ao covarde atentado de quatro homens contra um viajante que julgavam desarmado!

Apenas Hickson se encontrava em uma posição capaz de incriminar o Gênio do Mal. E Verena adivinhava que Hickson devia pensar, muitas vezes, por quanto tempo viveria depois que Jasper não precisasse mais dele.

Tudo aquilo era amedrontador. Ao mesmo tempo, enquanto Verena ria das coisas que Harry Sheraton dizia, vendo o Duque de pé ao lado da lareira com um sorriso nos lábios, os ombros largos e a alta figura dominando todo o salão, sentia como se o Gênio do Mal fosse apenas produto de sua imaginação.

A tarde transcorreu agradavelmente. Os convidados visitaram as cocheiras e Verena ficou maravilhada com os cavalos do Duque. Viram os lagos com peixes dourados, que ornamentavam os jardins, e chafarizes italianos no centro de grandes bacias de pedra esculpida.

Conheceram a quadra de tênis, onde o Duque e Harry se desafiaram para o jogo que Henrique VIII tinha praticado tantas vezes em Hampton Court, e no qual todos os Duques de Selchester tinham sido mestres. E naturalmente, o Duque levou-os à Galeria de Retratos, com retratos magnificentes de cada dono do Castelo e de suas famílias. Quadros da Holanda, França e Itália, colecionados através dos séculos, além daqueles de mestres ingleses antigos.

-É mais maravilhoso do que eu esperava – disse Lady Bingley quando ela e Verena subiram as escadas juntas para se vestirem para o jantar.

-Gosta de estar aqui? – perguntou Verena.

-Quem não gostaria de um lugar como esse? Desde que veio ficar comigo, minha querida, sinto como se você tivesse sacudido uma varinha mágica sobre a minha vida.

Apertou o braço de Verena e continuou:

-Eu me sentia deprimida, triste e solitária até que você apareceu. Agora, estou conhecendo pessoas que sempre desejei conhecer e reatando velhas amizades, que me fazem lembrar a juventude, enquanto me sinto jovem de novo.

-Lady Edith é encantadora – disse Verena.

-E seu filho também! – respondeu Lady Bingley lançando um olhar a Verena. -Ele é um rapaz muito elegível!

Era estranho, pensou Verena, que sua madrinha nunca tivesse sugerido a possibilidade do Duque estar interessado nela. Era um pensamento desanimador que Lady Bingley não pudesse imaginar Sua Graça sentindo uma atração, mesmo passageira, por alguém tão insignificante e sem importância quanto ela.

"E no entanto, eu o amo!", pensou Verena quando olhava para o parque da janela de seu quarto.

Ela o amava, não por causa de sua riqueza ou porque era um Duque – isso era uma desvantagem aos seus olhos – mas, porque ele era um homem! Porque ele tinha sido um soldado e seu avô o teria aprovado.

Mas, acima de tudo, ela o amava porque seu coração saltava do peito quando o via; estar ao lado dele, somente, a fazia sentir como se alguma coisa a empurrasse para ele. Por isso era com esforço que se controlava para não estender a mão e tocá-lo, apenas para confirmar que ele estava de fato presente.

Trocou de roupa para jantar e vestiu-se com cuidado especial, escolhendo um dos vestidos mais bonitos que comprara na loja de Madame Bertin em Bond Street.

Esperava que o Duque a admirasse, sabendo que o rosa-claro do vestido e as pequenas rosas que o adornavam a faziam parecer muito jovem. Ao mesmo tempo lhe davam um ar sofisticado, que não podia conseguir com os vestidos fora de moda que usara, quando ele a vira em sua própria casa.

-Seus olhos demonstrarão alguma admiração por mim? – perguntou ao seu reflexo no espelho.

Mas, quando desceu ao salão do jantar, o Duque não estava sozinho. Giles e Jasper Royd se encontravam presentes! Os três homens tinham copos nas mãos e quando o criado abriu a porta, ela ouviu o riso alto do Capitão. Parecia um som destoante que a colocou na defensiva e sentindo um pouco de medo.

Ficou de pé à porta por um momento, vacilante. O Duque foi o primeiro a vê-la.

-Ah, aqui está você, Verena – disse ele. -E aqui estão nossos primos que chegaram sãos e salvos de Londres.

-Esperava outra coisa? – perguntou o Capitão, rindo sem motivo aparente. -A estrada está em excelente estado e não havia chance de sermos detidos por salteadores de estrada.

-Esperava encontrar alguns? – perguntou o Duque.

Verena percebeu que o *Gênio do Mal* e o Capitão se entreolharam rapidamente. E se lembrou de que nenhum dos dois devia estar a par do que acontecera ao Duque e a ela na noite anterior em Hampstead Heath. Ela não vira o Capitão para lhe relatar o fato, e o Duque também não tinha estado com o primo.

Giles falara sem pensar, e consciente de ter cometido um deslize, ajuntou depressa:

-Claro que não, eu estava gracejando! Salteadores de estrada são uma coisa do passado!

-Queria que fosse verdade! – falou o Duque, com calma. -Depois do jantar eu vou lhes contar uma aventura muito estranha que me sucedeu, quando visitei minha avó ontem à noite.

-Uma aventura com vovó! – cortou Jasper.

-Ela não foi envolvida, felizmente – respondeu o Duque. -Mas, Verena foi, e como ela deseja esquecer um episódio muito desagradável, não vamos falar sobre ele, agora.

Emaranhados

De novo, o olhar do Capitão se encontrou com o de Jasper, e antes que qualquer um deles pudesse falar, o Capitão Harry Sheraton se reuniu a eles, seguidos por sua mãe e Lady Bingley.

O jantar foi uma refeição alegre e quando as senhoras se dirigiram à sala de estar, passaram-se apenas quinze minutos antes que os cavalheiros se reunissem a elas. Verena pensou no que tinha sido dito; mas Jasper Royd não parecia perturbado ou desconfiado.

O criado trouxe mais bebidas para a sala, e o Duque com bastante habilidade, conseguiu, em pouco tempo, que as senhoras, Jasper e Giles se sentassem para jogar cartas.

Depois, insistiu para que Harry desafiasse Verena para uma partida de xadrez.

-Você joga melhor do que eu, Harry – disse o Duque – mas, aposto meu dinheiro em Verena. Ela é perita!

-Uma caixa de champanha como serei o vencedor! – disse Harry prontamente. -Isso, no caso de não permitir, cavalheirescamente, que a mulher seja vitoriosa.

Seus olhos brilharam quando falou, mas Verena mordeu a isca.

-Não ouse me insultar! Vou vencer num jogo honesto. Isto é, se cruzar os dedos para dar sorte.

-Devo prevenir você – o Duque sorriu – que Verena não é apenas supersticiosa, mas vidente. Não será um jogo honesto, meu pobre Harry. Ela usará todos os estratagemas mágicos que conhece. Há cem anos, seria queimada como feiticeira.

-Pensei que não acreditava nas minhas predições – falou Verena, erguendo os olhos para o Duque.

-Acredito agora – respondeu ele depressa, e ela se ruborizou sabendo a que estava se referindo.

A noite passou tranquilamente, e quando estava em sua cama, Verena imaginou se os perigos e horrores da noite anterior tinham acontecido, realmente.

Uma coisa, contudo, era certa: ela amava o Duque cada vez mais, o amor aumentando sempre a cada momento em que se encontrava a seu lado. Quando ele olhava para ela com um brilho no olhar, sentia seu coração saltar dentro do peito.

Quando ele tocara sua mão ao se desejarem boa noite, ela sentira vontade de se atirar nos braços dele, confessando que o amava, e lhe contar que sua vida corria perigo.

Depois, o orgulho a fizera decidir que ele nunca deveria saber daquele amor. O Duque jamais devia suspeitar que quando beijara seus dedos, ela tinha desejado com ansiedade, desesperançada mas inexprimível, que ele beijasse seus lábios.

Mexeu a cabeça e virou-se na cama, agitada, palpitando de amor em um instante, e no outro, estremecendo de medo, ao pensar que o Duque poderia morrer nas mãos do *Gênio do Mal*.

* * *

Verena descia as escadas na manhã seguinte, quando vu Jasper Royd e Giles de pé no grande hall.

Jasper segurava um bilhete que, com certeza, acabara de lhe ser entregue por um criado, que se afastava com uma salva de prata nas mãos.

Jasper abriu o bilhete e o leu devagar. Verena, descendo as escadas, sem fazer ruído com os sapatos macios, ouviu o Capitão perguntar:

-Tudo certo?

-Sim – replicou Jasper com um tom de satisfação na voz.

Rasgou o bilhete em vários pedaços, e ajuntou em voz muito baixa:

-Vamos escapulir na primeira oportunidade.

Atravessou o hall em direção à grande lareira onde, embora fosse verão, um pedaço de lenha estava se transformando em cinzas; atirou os pedaços de papel no fogo, e quando fez isso, o Capitão ergueu os olhos e viu Verena descendo as escadas.

-Bom dia, Verena – disse ele. -Acordou cedo, eu não esperava ver você de pé a essa hora.

-Esquece-se de que sou do campo – retrucou Verena. -Vamos cavalgar essa manhã?

-Tinha planejado para cavalgarmos à tarde – soou a voz do Duque atrás dela.

Ele deu meia volta para vê-lo vestido com a discrição habitual, usando jaqueta cinzenta, calças cor de champanha, e gravata sem alfinete de pedras preciosas.

o Capitão, ao contrário, parecia tão colorido como um papagaio da Índia Ocidental, e quando se dirigiram ao salão de café, Verena pensou como alguém podia ser tão sem gosto, tão vulgar, e contudo, não saber disso.

O Capitão expressara o desejo de ver cavalos do Duque, e por isso, visitaram as cocheiras mais uma vez. Verena ouvia com esforço seus comentários idiotas, enquanto se gabava ao mesmo tempo de seus próprios cavalos.

O Duque, no entanto, tratava Giles com uma cortesia que era vergonhosa, porque ela sabia, que o Duque poderia humilhar Giles com facilidade, quando quisesse. Jasper Royd, ela supôs, não prestava atenção à conversa, interessado em calcular mentalmente o que ele estava determinado a conseguir algum dia.

Foi o *Gênio do Mal* que quis visitar o escritório para que pudessem ver as plantas e mapas da propriedade. Sobre uma mesa estava uma maquete do Castelo e prédios vizinhos, primorosamente feita. Verena ficou fascinada como uma criança.

-Sempre quis brincar com ela quando era menor – disse o Duque – mas, nunca me deram permissão. Talvez, tivessem razão porque, com certeza, ficaria estragada. Foi feita há um século e cada detalhe é exato em escala.

Verena olhou para o rio pintado de azul e serpenteando através de campos e terras pantanosas até passar em frente ao Castelo.

-O que é isto? – perguntou, apontando para um pequeno ponto marcado em uma ilhota no meio do rio.

-Um templo – disse o duque – construído por meu avô. Ele o recomprou da Grécia e o reconstruiu aqui. É um tanto incongruente numa terra inglesa, mas ao mesmo tempo, muito bonito.

-E isto? – perguntou ela, apontando para um prédio mais adiante à margem do rio.

-É um velho moinho – replicou o Duque. -Há uma ponte sobre o rio abaixo dele e existe outro caminho através do parque e subindo a estrada principal. O moinho não está mais em uso, porém quando Jasper e eu éramos crianças, costumávamos apreciar a grande roda girar e a água caindo dela.

-Para tornar essa maquete atual, terá que mandar aumentar as cocheiras – disse Jasper.

-Parecem muito pequenas – respondeu o Duque – mas, acho que nosso avô mantinha duzentos cavalos nesses prédios.

-Não seriam suficientemente grandes para ele hoje – disse Jasper – ou para você.

-Não, realmente!

Sua Graça virou-se, mas Verena percebeu que os olhos de Jasper o seguiam e ela viu neles um ódio quase fanático.

“Ele é perigoso, perigoso como um animal selvagem!”, pensou.

Soube então que teria que contar ao Duque a verdade. Não podia continuar a deixa-lo ignorar a intenção do *Gênio do Mal*. Querendo poupar seus sentimentos, ela poderia estar colocando uma corda em volta do seu pescoço.

“Salve-o, Deus, salve-o!”, suplicou em seus pensamentos.

Mas, mesmo que não pudesse ver o Duque de novo, queria livrá-lo da ameaça que seu primo constituía. Somente Deus poderia proteger o Duque porque o mal sempre tinha a vantagem de conspirar secretamente sem aviso.

-Mandei preparar os cavalos para as duas horas – disse o Duque quando se dirigiram ao salão de almoço. -Tenho a impressão, milady, que a senhora e Lady Edith gostarão de repousar após o almoço – ajuntou, dirigindo-se a Lady Bingley.

-Sua Graça é muito amável – respondeu ela – e na verdade, estou certa de que Lady Edith e eu encararemos o repouso com uma prudente precaução, se pretendemos desafiar esses experientes jogadores, de novo, esta noite.

-Quer dizer que as ladies jogaram contra os cavalheiros? – perguntou o Duque.

-Jogamos, realmente – respondeu Lady Bingley – e Lady Edith e eu ganhamos por dois pontos. Não foi uma grande vitória, mas no que nos diz respeito, foi famosa.

-Esta noite, nossa sorte mudará – profetizou o Capitão Giles, terminando a frase com uma risada.

Verena subiu quando o almoço chegou ao fim para vestir sua roupa de montaria. Era muito atraente, e fora comprada em Bond Street. O veludo verde-esmeralda era enfeitado com galão negro, e tinha botões brilhantes que, em sua opinião, eram muito bonitos.

O alto e moderno chapéu era muito diferente do velho tricorne que ela usava em casa, e possuía ainda um véu de gaze verde que flutuava atrás dela enquanto cavalgava. Imitando o Duque, colocara o chapéu de um lado da cabeça, mas estava muito perturbada para notar que isso a tornava provocante.

Estava esperando no salão pelos outros convidados; e quando o Duque,

Emariannacarcano

Giles e Jasper tinham acabado de se reunir a ela, o mordomo anunciou:
-Sua Excelência, o Embaixador da Hungria e a Princesa Zazeli Muzisescu, Sua Graça.
O Duque deu meia volta, surpreso, quando com um pequeno grito, a mulher mais sedutora que Verena já vira, atravessou a sala em direção a ele.
Teve a impressão de brilhantes olhos escuros, de boca vermelha chamativa, de uma sinuosa figura coberta por uma capa de seda vermelha e um chapéu de plumas do mesmo tom, tão franceses e elegantes, que Verena não conseguia tirar os olhos deles.
-Meu querido amigo, está surpreso de me ver? Eu vi a bandeira flutuando sobre o Castelo quando Viktor e eu passávamos. Eu disse: “Ele está lá! O Duque, aquele adorável, mas esquivo gentil homem, que deixa Londres assim que eu chego”!
-É realmente uma surpresa! – disse o Duque quando podia se fazer ouvir.
Zazeli pendurou-se no braço do Duque para olhá-lo, ultrajante como sempre, ao mostrar-se segura de que sua afeição pelo Duque, era correspondida por ele.
-Como vai, Viktor? – perguntou o Duque ao marido, que observava diplomaticamente o encontro entre sua esposa e Sua Graça, com um leve ar divertido.
-Encantado em ver você – respondeu ele. -Mas, perdoe nossa intromissão. Zazeli insistiu que você estava em casa e quem pode negar alguma coisa a Zazeli?
-Quem, realmente? – replicou o Duque. -Deixe-me apresentar meus amigos.
-Mas, eu conheço Harry – gritou Zazeli, impetuosa, estendendo a mão ao Capitão, mas sem soltar o braço do Duque.
-O que pretende, encantadora feiticeira? – perguntou Harry, beijando a mão enluvada e olhando-a com uma expressão irônica.
-O que pretendo? Que pergunta banal e tão inglesa! – replicou Zazeli. -Estou lembrando a esse seu Duque que suas maneiras são terríveis! Seu comportamento, para com alguém que o ama, é indigno! Se tivéssemos tempo, pediria a Viktor que o desfiasse para um duelo. Mas, temos uma recepção em Londres esta noite e não podemos nos demorar.
-Ficarão ao menos o tempo suficiente para bebermos à sua saúde – disse o Duque. -E agora, Zazeli, deixe-me lhe apresentar a Senhorita Winchcombe, meu primo Jasper Royd e o Capitão Winchcombe-Smythe.
Verena inclinou-se, mas percebeu que os belos olhos de Zazeli flutuaram sobre ela e a ligeira inclinação de cabeça foi tão negligente, que era quase um insulto.
A Princesa foi muito mais efusiva com Jasper Royd, e Giles recebeu um sorriso cativante que, obviamente, o deixou extasiado.
Champanha foi trazida, mas ninguém precisava de outro estimulante que a conversa de Zazeli. Ela flertou escandalosamente com o Duque, mas ao mesmo tempo, conseguiu conservar os outros três homens presos às suas palavras.
Ela os fez rir; obrigou o Duque a se desculpar por uma dúzia de coisas que ele jurou não ter feito; e a atmosfera parecia vibrar com sua personalidade

sedutora e excitante.

depois de algum tempo, Verena escapuliu. Estava com ciúme, com muito ciúme, e era bastante franca para admiti-lo! Não podia suportar aquela provocante mulher, tão bonita quanto uma ave-do-paraíso, procurar os olhos do Duque com os seus, ou observar a expressão dos dele! Na sua simplicidade, Verena soube, instintivamente, que o Duque e aquela adorável mulher tinham sido amantes. Talvez, ele ainda a amasse. Como poda saber? Sabia apenas que a dor em seu peito era uma agonia que nunca conhecera em toda a sua vida.

Queria fugir dali, esconder-se. Queria chorar, e no entanto, seus olhos estavam secos, sem lágrimas.

Sem perceber o que fazia, saiu do salão e dirigiu-se à ante-sala. Ficou imóvel ali, tentando recuperar o controle, e depois, como não podia suportar nem mesmo pensar no Duque, sentiu que precisava sair.

Precisava montar Assaye e se afastar do Castelo.

Os cavalos esperavam no exterior, diante da porta principal, cada um seguro por um palafreneiro. Então, quando ela desceu os degraus, viu uma carruagem se afastando em direção à ponte.

Havia dois homens nela, e ela adivinhou quem eram. Quando ela deixara o salão, Jasper Royd e Giles deviam ter feito o mesmo imediatamente após. Pensou que era a chance de que tinha, falado, o momento pelo qual tinham esperado.

Com uma súbita resolução, Verena correu para Assaye. O cavalo relinchou quando ela se aproximou, mas sem se deter para acaricia-lo, como costumava fazer, disse ao palafreneiro para ajuda-la a montar.

-Vai esperar pelos outros, senhorita? – perguntou o homem.

-Não, vou cavalgar no Parque – retrucou ela.

Obrigando Assaye a trotar, subiu o caminho depressa, vendo que a carruagem estava quase desaparecendo. Mas, sob a sombra das tílias, Assaye galopou, encurtando a distância entre ele e a carruagem.

O veículo deixou os portões principais do Castelo com Verena não muito atrás, e quando a jovem alcançou a estrada principal, viu a carruagem correndo e levantando nuvens de poeira.

Ela hesitou por um momento, pensando, que não havia maneira de não ser vista na estrada se eles olhassem para trás e o que imaginariam se a descobrissem. Então, ela viu a carruagem, a cerca de duzentos metros, virar para a direita e entrar de novo no Parque.

Adivinhou então onde Jasper Royd ia. Ele deixara a estrada principal e prosseguia pelo outro caminho, que estava marcado na maquete que eles tinham visto àquela manhã, o caminho que levava ao velho moinho.

Naquele instante, o poder clarividente de Verena lhe contou o que acontecera. Disse-lhe que aquela manhã uma carruagem de ouro tinha sido assaltada na Estrada Dover. O bilhete que Jasper destruíra com tanto cuidado fora mandado por Hickson, avisando que o roubo tinha sido escondido em lugar seguro.

E que lugar mais seguro e improvável de ser descoberto do que o velho moinho de propriedade do Duque?

Possuía tudo o que o *Gênio do Mal* exigia: um esconderijo não distante da estrada principal; água, na forma do rio, onde as caixas do ouro podiam ser atiradas quando estivessem vazias; e a vantagem de que ninguém suspeitaria de tal esconderijo.

Verena deu volta a Assaye. Não havia razão para continuar pela estrada principal. Podia cavalgar pelo parque, à sombra protetora das árvores, e ver se estava certa em sua suposição.

Prosseguiu a galope e quando alcançou uma elevação do terreno, pôde ver a carruagem descendo velozmente o outro caminho; e distante e fora de vista do Castelo, escondido dele pelos pinheiros, o velho moinho.

Verena continuou, movendo-se sob as árvores. Foi somente quando viu a carruagem entrar na ponte que levava ao moinho, que pensou se não seria melhor voltar ao Castelo, e contar ao Duque o que sucedia.

Em seguida, compreendeu que não poderia falar enquanto Zazeli estivesse com ele. Podia imaginar o riso e insinuações que aquela extravagante criatura atiraria à Sua Graça, se ela chegasse à porta do salão e pedisse para falar a sós com o Duque.

Sabia também que não havia mais tempo de chamar o Duque e voltar com ele ao moinho para pegar Jasper e Giles em flagrante.

Eles não demorariam muito para esvaziar as caixas do ouro. Verena sabia com que rapidez os dois trabalhavam. Em quinze minutos, teriam deixado o velho moinho; as caixas teriam sido atiradas na água; e eles voltariam ao Castelo com alguma boa desculpa por terem deixado a casa com tanta precipitação.

Não, pensou, tomaria cuidado, e veria mais uma vez se tinham escondido o roubo na carruagem. Informaria o Duque mais tarde; mas agora ia descobrir se Jasper Royd fizera outros planos.

Fora na carruagem que ele escondera o ouro na primeira vez que ela o vira trabalhando, mas agora talvez, ele tivesse algum projeto diferente. Quem podia prever como sua mente trabalhava?

Ela se aproximava mais e mais do velho moinho. Viu que a ponte fora construída como parte de uma comporta que regulava a entrada de água no moinho. Agora, a água corria livremente.

Verena deteve Assaye. Tivera uma ideia! Mandaria Assaye para casa e o Duque, ao saber que o cavalo voltara sem ela, viria procura-la.

Ele se lembraria, com certeza, que tinha somente que manda Assaye encontra-la para que o cavalo a procurasse, como sempre fizera desde que era um potro.

Ela sempre poderia dizer que tinha sofrido uma queda, se quando o Duque chegasse, Jasper e Giles já tivessem ido embora e não houvesse prova do que tinham feito; poderia dizer que Assaye prendera a pata numa armadilha para coelhos e depois galopara para casa sem ela.

O Duque talvez não acreditasse nessa historia, mas ele não a desafiaria em público, e quando estivessem a sós, ela lhe contaria o que acontecera. Verena escorregou das costas de Assaye, acariciou-o e cochichou ao seu ouvido:

-Vá para casa, Assaye! Vá imediatamente!

Assaye esfregou o focinho contra sua face e se afastou, obedientemente, o

estribo balançando a seu lado. Verena esperou até ter certeza de que o animal se dirigia ao Castelo; depois moveu-se com cautela, para seus passos não serem ouvidos, e atravessou a ponte.

Viu vários arbustos perto do moinho e pensou que poderia se esconder ali depois de escutar o que se passava lá dentro. A carruagem de Jasper Royd se encontrava do lado de fora de uma porta aberta, os cavalos amarrados a uma estaca. Verena esperava encontrar uma janela por onde pudesse olhar sem ser vista, mas descobriu somente uma parede lisa.

Aproximou-se da porta aberta e ouviu vozes. Depois, quando se acercou mais escutou o Capitão dizer:

-Não é uma grande fortuna!

-Cerca de cinco mil libras, suponho – disse Jasper -mas, valeu a pena. Seria lamentável perdermos a oportunidade.

-Sim, é verdade, embora o carregamento par Dover, amanhã, seja o triplo deste.

-De qualquer forma, estou grato ao Banco de Canterbury. Não sou tão ganancioso quanto você, Giles. Contento-me com pequenas esmolas.

-Eu também – disse o Capitão depressa, como se quisesse ganhar as boas graças do outro. -Estava apenas me desculpando por não ser mais dinheiro.

-Não precisa se desculpar – disse o *Gênio do Mal*. -Você age muito bem no Banco com aquele delator. É claro que se ele ameaçar a nossa segurança, você terá que se livrar dele.

-Hickson cuidará disso – falou o Capitão depressa, como se não desejasse se encarregar do trabalho pessoalmente.

Enquanto falavam havia um tilintar de moedas e Verena sabia que estavam colocando as libras nas sacolas, como vira Jasper fazer antes. Ela se moveu mais um pouco, em direção à porta.

Quando fez isso, pisou num pedregulho que produziu um leve som. Prendeu a respiração, temerosa de que eles tivessem escutado. Achou que houve uma pausa na conversa por um instante. Então, Jasper continuou:

-Ninguém é mais eficiente que Hickson para se livrar dos indesejáveis.

-Ele ficou perturbado com o que aconteceu em Hampstead Heath? – indagou Giles.

-Não, nem um pouco – respondeu Jasper. -Hickson tem muito recursos, meu caro, Giles, e por isso não precisamos nos preocupar; não importa quanto uma situação possa parecer difícil, ou...

Verena soltou um grito repentino. Do canto da porta contra a qual estava inclinada, escutando o que diziam, surgiu a mão de alguém que a agarrou pelo pescoço.

Foi tão rápido e inesperado que ela não pôde lutar ou mesmo fugir, antes que os dedos duros, apertados contra sua pele macia, a puxassem para o interior do moinho.

-Ora, que surpresa! – exclamou Jasper. – Giles, se não é sua futura esposa, a doce e ingênua Verena nos espionando!

Capítulo XI

A pressão dos dedos de Jasper Royd ao redor de seu pescoço impediam Verena de falar. Depois, quando ele a soltou, Giles saltando de trás de uma caixa, exclamou:

-Verena! O que está fazendo aqui? Por que nos seguiu?

Verena levou as mãos ao pescoço dolorido e conseguiu retrucar:

-Eu pensei que você gostaria... que eu ficasse...com você.

-Não pensou nada disso! – exclamou Jasper Royd. -Diga a verdade: você estava nos espionando, não é?

Verena encarou o homem, pensando que tinha, de qualquer modo, que se livrar do perigo em que se encontrava.

-Não... claro... que não! – conseguiu dizer.

Suas palavras terminaram em um grito quando ele esbofeteou seu rosto.

-Está mentindo! – acusou. -Foi você que preveniu Theron sobre o ataque em Hampstead Heath. Eu suspeitei a principio, agora tenho certeza! Sabe demais, Senhorita Winchcombe, e só há uma coisa a fazer com você.

Havia tamanha ameaça em sua voz, que Verena reuniu suas forças. Ela era filha de um soldado, não se mostraria covarde diante de um homem como aquele!

-O que quer dizer, Jasper? – perguntou Giles antes que ela pudesse falar.

-Quero dizer – replicou Jasper – que sua prima, infelizmente, morrerá afogada. Para sua informação, senhorita, vamos segurar sua cabeça embaixo d’água até que esteja morta, e então, seu corpo será atirado ao rio. Ninguém pensará em crime!

Verena respirou fundo. Ela sabia que Jasper cumpriria sua ameaça, que pretendia realmente transformar a ameaça em ação. Nenhuma súplica, dela ou de qualquer outra pessoa conseguiria alterar sua resolução.

Ela tinha posto em perigo a sua segurança e deveria morrer, amenos que o Duque pudesse salvá-la a tempo.

-Mas, Jasper, não pode fazer isso! – exclamou o Capitão. -Verena ainda não fez um testamento a meu favor!

Verena olhou para ele com desprezo.

-Imagina, Giles – perguntou – que eu ignorava que queria que eu assinasse minha sentença de morte?

-Seu maldito idiota! Seu estúpido! – explodiu Jasper. -Eu lhe disse para tomar cuidado com o que falasse! Será que ninguém pode cumprir minhas ordens com eficiência?

-Eu quero as propriedades Winchcombe! – disse o Capitão, pesaroso, parecendo uma criança a quem tinha sido negado um brinquedo que muito desejava.

-Então, deve saber querer! – exclamou o *Gênio do Mal*.

Estendeu a mão enquanto falava para segurar o braço de Verena, e ela procurou não recuar. Ao menos, morreria com coragem, sem choros ou súplicas a um homem tão desprezível e cruel como Jasper.

De repente, Jasper soltou uma exclamação:

-Tenho uma ideia melhor! Uma, que é melhor do que eliminar essa

bisbilhoteira, afogando-a. Você vai se casar com ela, Giles. Você tem a licença especial?

-Tenho, eu a consegui quando você me disse para fazer isso – respondeu o Capitão, tirando o papel do bolso.

-Ao menos uma de minhas ordens foi cumprida – murmurou Jasper. -Muito bem, vamos imediatamente para a igreja do povoado. Conheço o velho vigário e vou inventar uma historia qualquer sobre vocês serem um casal fugitivo!

-Eu não vou me casar com Giles – disse Verena.

-Você vai! – contradisse Jasper. -E lembre-se de uma coisa: se viver, uma esposa não pode testemunhar contra o marido. Pensei nisso, minha cara, porque nenhum detalhe me escapa!

-Eu acredito – respondeu ela. -Um detalhe como assassinato, por exemplo!

Olhou para ele com desprezo enquanto falava, quase certa de que a esbofetearia de novo. Mas, ele se limitou a encará-la com olhar maldoso; e Verena pensou que, de alguma horrível maneira, ele chegava a admirar sua coragem.

-Você vai se casar com Giles, mas não será por muito tempo. Portanto, não deixe que a ideia de casamento a perturbe!

Virou-se para o Capitão que continuava de pé perto das caixas de ouro, um saco de libras na mão.

-Giles, você irá da igreja para a Hospedaria do Rei. Fica a um quilômetro e meio descendo em direção a Dover. Encontrará Hickson lá. Ele cuidará de sua esposa.

-Como fará isso? – perguntou Giles sem surpresa ou pena.

-Um acidente de carruagem, imagino, seria o mais plausível. Mas, vou deixar que você e Hickson pensem nos detalhes.

Seus lábios se apertaram, como se achasse a ideia agradável.

-Mas, não vamos perder tempo – continuou. -Talvez a sedutora Senhorita Muzisescu não consiga despertar o interesse de meu primo. Vamos jogar as caixas vazias no rio. Vai ver que Hickson, que como eu, pensa nos detalhes, deixou alguns tijolos a mão para afundarmos as caixas.

Virando-se para Verena, perguntou:

-Deseja que amarre você? Ou dará sua palavra, que tenho a impressão, vai cumprir, que não fugirá? Não iria longe, de qualquer jeito!

-Tem minha palavra – respondeu Verena.

Enquanto observava os dois homens colocarem os tijolos dentro das caixas e atirá-las através da abertura aos fundos do moinho, que dava diretamente para o rio, Verena sentiu como se vivesse um pesadelo do qual não conseguia despertar.

Seu rosto ardia com a bofetada dada pelo *Gênio do Mal*, mas, fora isso, ela se sentia indiferente, como se estivesse assistindo a uma peça de teatro.

Não podia ser verdade que ela devia morrer, ou se casar com um homem que odiava e desprezava ainda mais do que o *Gênio do Mal*.

Era como mergulhar nas profundezas de uma sórdida degradação, lembrar-se de que imaginara, por um momento, poder casar-se com Giles ou acreditar que o amava.

Ele tinha apenas uma ambição: obter a posse das propriedades que tinham

pertencido aos Winchcombe por muitas gerações.
Seu avô acertara, Giles não era um Winchcombe, era um Smythe! E como ele não tinha real direito ao nome, nenhuma das características – a bravura ou a honra – dos Winchcombe, tinha sido transmitida a ele.
Jasper e Giles levaram somente cinco minutos para se livrar das caixas do ouro, apanhar as sacolas de moedas, carrega-las para o exterior e coloca-las no esconderijo secreto da carruagem.
Jasper voltou para dizer com um sorriso zombeteiro:
-Sua Senhoria me daria a honra de subir à minha carruagem? Por favor, sente-se entre nós dois. Não devemos arriscar, caso esteja planejando escapar.
Verena ergueu o queixo, e obedeceu, embora sentindo-se mal com a proximidade dos dois homens, sentados ao seu lado.
-Onde está seu cavalo? – perguntou Jasper Royd quando atravessaram a ponte sobre o rio.
Verena olhou para trás, dizendo com convicção:
-Deixei-o perto daqueles arbustos.
Jasper pareceu satisfeito com a explicação, porém ela sentiu um medo súbito, temendo que Giles se lembrasse dos truques que ensinara a Assaye. Ele ouvira falar deles no passado, certamente.
Mas, para alívio seu, Giles pensava apenas no presente. Após um momento, perguntou:
-Por que você interferiu?
-Não quero falar com você – retrucou Verena. -Estou envergonhada, Giles, envergonhada de ter podido acreditar que você era um homem decente e honesto!
-É difícil ser assim sem dinheiro, e você sabe o quanto seu avô era mão-fechada comigo!
-Não ouse falar dele! – exclamou, zangada. -Estou grata que ele não esteja vivo para saber de seu comportamento e ficar ciente que um parente seu, embora muito distante, é criminoso!
Jasper riu.
-Palavras fortes, Senhorita Winchcombe! Sem dúvida seu marido pode querer puni-la por elas antes que ele se torne, inesperadamente e de forma lamentável, um viúvo!
-Foi você quem levou Giles para esse caminho – gritou Verena. -Não coloque mais ideias odiosas na cabeça dele!
-Compreendeu então que ele é fraco e influenciável? – perguntou o *Gênio do Mal.*
-Realmente, Jasper – cortou o Capitão – não há necessidade de dizer coisas desagradáveis a meu respeito.
-Oh, claro que não! – concordou Jasper com zombaria na voz. -Como já reconheceu, tenho uma mente inteligente e posso comandar meus subordinados como um General no campo de batalha.
Dirigiu a carruagem durante algum tempo até que Verena viu uma pequena igreja normanda de pedra cinzenta.
Ficava um pouco afastada do povoado que se situava adiante, subindo a

EmariannaCárcano

estrada. Havia um portão que conduzia a um pátio cheio de túmulos antigos, e uma porta de entrada para a igreja, que estava aberta. Ela viu Jasper examinar o local com um rápido olhar.

-Parece que o vigário está aí – disse ele – mas, se não estiver, eu vou busca-lo no vicariato. Tudo o que tem a fazer, Giles, é apresentar a licença especial. Eu converso com o vigário.

Fez uma pausa e olhou para Verena.

-Uma palavra sua – ameaçou – apenas uma palavra dizendo que está sendo forçada a se casar com Giles, e o vigário terá que morrer. Quer isso em sua consciência?

Havia alguma coisa tão assustadora em seu tom de voz que os olhos de Verena se abaixaram diante dos dele.

-Lembre-se do que eu disse, porque não estou falando por falar! – ajuntou, descendo do veículo.

-E os cavalos? – perguntou Giles.

-Vão ficar aqui – murmurou Jasper – mas, vamos ter certeza de que vocês poderão ir para a Hospedaria do Rei assim que se casarem... – fez sinal a um menino que chutava uma pedrinha, dizendo: -Ei, quer ganhar um pêni para olhar meus cavalos?

O menino correu para os animais.

-Vou segurá-los, Sir!

Jasper se afastou em direção à igreja. Verena se moveu para ficar mais distante do primo.

-Lamento muito, Verena – disse o Capitão em tom embaraçado.

-Não quero desculpas suas! Você me dá nojo!

Ele encolheu os ombros com petulância, mas ela sabia que Giles estava nervoso e apreensivo. Ele ficou olhando para a porta da igreja, para o relógio no alto da torre, enquanto batia com os dedos no lado do veículo.

Após alguns momentos, Verena não pôde deixar de dizer:

-Sabe que vai ser agarrado no final? E mesmo sendo um militar eles vão enforcar você, Giles. Enforcá-lo em Tyburn para que todos vejam!

-Cale-se! – disse ele, zangado. -Ou bato em você!

Nesse momento Jasper reapareceu à porta da igreja, e lhes fez um sinal. Verena tentou descer devagar do veículo. Ainda esperava, que por um milagre, o Duque viesse salvá-la.

Mas, enquanto pensava, sabia que seria impossível o Duque encontra-la a tempo. Mesmo que tivesse sido avisado que Assaye voltara ao Castelo sem ela, poderia não entender a princípio o que isso significava. E se compreendesse, Assaye iria guia-los para o velho moinho!

Como o cavalo poderia leva-los até a igreja? Seria exigir muito que o animal a encontrasse em um lugar onde nunca estivera antes. Mas, ainda tinha esperanças e rezava para alcançar a liberdade.

-Vamos depressa! – ordenou Giles, impaciente.

-Minha saia está presa ao meu calcanhar – respondeu Verena, abaixando-se, e fingindo que soltava a bainha de veludo do traje.

-Deixe isso! – exclamou Giles, agarrando-a pelo braço e empurrando-a em direção à igreja.

Verena sabia que ele estava nervoso pelo tremor de sua voz, pela força da mão em seu braço, e pelo modo como tentava fazê-la correr.

Chegaram à entrada.

-O vigário está em casa – disse Jasper. -O porteiro foi chama-lo. Dê-me a licença de casamento. Vou falar com ele e explicar o que for necessário.

O Capitão tirou a licença do bolso e entregou-a ao *Gênio do Mal.*

-Entrem e sentem no primeiro banco – ordenou. -Pode passar alguém, e acharia estranho se estivessem do lado de fora da igreja.

Virou-se e subiu à nave, seguido por Verena e Giles. A igreja tinha abóbadas arredondadas de estilo normando e um belo vitral sobre o altar.

No final da nave Verena entrou em um grande banco de madeira e ajoelhou-se.

-Oh, Deus, ajude-me! Salve-me... se for possível...- fez uma pausa – senão, faça-me morrer com coragem, sem gritar ou chorar, sem mostrar que estou com medo!

Pensou em Hickson e estremeceu. Nunca pudera esquecer aquele rosto, com olhos duros e brilhantes. Lembrava-se da risada dele quando, antes de sair da adega, olhara para o Duque caído, inconsciente em decorrência do golpe que ele lhe aplicara.

Hickson não teria compaixão. Estava acostumado a matar. E ela rezou de novo.

A igreja estava silenciosa, o único som era o da respiração do Capitão e do barulho que fez ao sentar-se ao lado dela. Verena sentiu que a fé de gerações estava ali para sustenta-la. Era quase como uma fria mão sobre seu ombro,, confortando-a. No entanto, bem no fundo de si mesma, estava desesperada e em pânico. Com medo, nem tanto de morrer, mas de ter medo!

-Por que diabos estão demorando tanto? – perguntou o Capitão.

Passaram-se mais cinco minutos antes que Jasper aparecesse, com o vigário a seu lado. Aproximaram-se do banco. Verena e Giles levantaram-se.

-É esse o jovem casal? – indagou o vigário.

Era um homem muito idoso com cabelo branco, mãos trêmulas, e olhos que tinham dificuldade em ver.

-O Sr. Royd me disse que desejam se casar. É verdade?

-Sim, senhor – respondeu Giles.

-Eles têm muito pouco tempo, vigário – disse Jasper. -Devem partir depressa se quiserem pegar o navio em Dover.

-Muito bem, será como deseja – disse o vigário. -Parece que foi ontem... você era uma criança e vinha me pedir para ajuda-lo com suas lições de latim. Bem, todos nós envelhecemos.

Falando consigo mesmo, o vigário desapareceu na sacristia.

-Maldito idiota! – sussurrou Jasper.

Eles todos esperaram com a respiração suspensa até que o vigário voltou usando uma sobrepeliz, um livro de orações na mão.

-E a aliança? – perguntou Giles, de repente.

-Quer dizer que não se lembrou dela? – indagou Jasper com um olhar de desprezo.

Tirou do dedo o anel com sinete, dizendo com rispidez:

Eliana Cárcano

-Venham, fiquem em frente do velho palerma!

O Capitão deixou o banco e Verena acompanhou-o. Jasper ficou de pé ao lado deles.

Por um instante, Verena sentiu-se tentada a gritar a verdade: gritar que ela não ia se casar com um ladrão, um assassino, um patife; mas sabia que Jasper falara a sério quando dissera que mataria o vigário.

Tivera certeza, quando se sentara ao lado dele na carruagem, que havia uma pistola no bolso de seu casaco. Ela sentira a arma contra o seu corpo.

Ela não hesitaria em usá-la, embora Verena suspeitasse que ele escolheria um meio mais sutil de matar o velho homem.

O vigário era tão idoso, tão decrépito, que se fosse empurrado ao chão com violência, havia grande chance de que morresse da queda.

"Não", pensou, "eu não posso dizer coisa alguma!"

A cerimônia começou. O vigário era lento, mas sua voz refinada parecia ecoar ao redor da igreja, quando lia as preces e a introdução à cerimônia. Em seguida, dirigindo-se ao Capitão, disse:

-Repita comigo: Eu, Giles Rupert.

-Eu, Giles Rupert – repetiu o Capitão.

-Recebo você, Verena

-Recebo você Verena.

-Como minha esposa.

-Como minha esposa.

Verena fechou os olhos. Não havia fuga. Ela não ia ser salva. Mesmo se fosse morta algumas horas depois do casamento, tornar-se esposa de Giles era uma humilhação e degradação inexprimíveis.

Pareceu-lhe que Giles repetia as palavras de muito longe. Então, chegou a sua vez.

-repita, depois de mim – disse o vigário. -Eu, Verena...

Por um instante a voz de Verena ficou presa em sua garganta. Não podia falar, pronunciar as palavras. Afinal, num sussurro, ela começou:

-Eu, Verena...

Passos apressados soaram à porta, e do fundo da igreja uma voz gritou:

-Pare!

Ela se virou enquanto o coração batia descompassado e com enorme alegria viu o Duque de pé, ao fundo da nave.

-Parem com essa palhaçada! Não vou permitir!

-Ele nos encontrou, precisamos escapar, precisamos escapar! – gritou Giles com voz histérica. -Não sou culpado, foi Jasper quem me obrigou!

Houve a súbita explosão de um tiro com eco ensurdecedor! Verena, desviando o olhar do Duque que avançava em direção a eles, viu Giles cambalear e cair ao chão, e uma pistola fumegante na mão do *Gênio do Mal*.

Ela ficou imóvel, os olhos fixos no corpo de Giles. Então, viu Jasper apanhar outra pistola do bolso do casaco, coloca-la na mão direita e olhar para o Duque.

-Serei julgado por gente igual a mim – disse ele – se tiver que enfrentar um julgamento!

Abaixou a pistola, apontando-a para o alvo. Verena compreendeu então o

EmarianaCárcano

que ele ia fazer, e atirou-se contra ele. Forçou a mão de Jasper para cima quando ele apertou o gatilho e o tiro passou sobre a cabeça do Duque, inofensivo. Um segundo após, Harry Sheraton entrou pela porta da sacristia e atirou no *Gênio do Mal*.

Jasper caiu sobre Verena, que ainda estava agarrada ao seu braço, arrastando-a também para o chão. Mas, quando caiu, ela sentiu dois braços fortes segurá-la e soube que estava salva.

Ela deve ter perdido a consciência naquele instante, porque quando voltou a perceber o que acontecia, sentiu o sol sobre seu rosto e o vento em seu cabelo.

Alguém a estava segurando com muita força e porque ela teve medo de que tudo não passasse de uma ilusão após o pesadelo, ergueu a pequena mão e apertou a lapela do casaco do Duque.

-Está tudo bem, minha querida – disse ele em voz baixa. -Está salva.

Ouviu o ruído do portão ao ser aberto. Então, alguma coisa macia e cálida roçou contra o seu rosto.

-Assaye! – murmurou ela, abrindo os olhos.

-Sim, Assaye – disse o Duque – nos guiou até aqui. Sem ele, eu não teria encontrado você!

-Temos... que lhe agradecer – disse ela, infantilmente.

-Naturalmente – respondeu o Duque.

O Duque entrou na carruagem que esperava fora do portão e colocou Verena sobre o assento com delicadeza. Seu chapéu tinha caído e estava preso somente pelas fitas ao pescoço. Ele desfez os laços, e deixou o chapéu cair no chão da carruagem.

Depois, atirou uma moeda ao menino que segurava os animais, e olhou o palafreneiro que mantinha Salamanca e outro cavalo à sombra de um pinheiro.

-Espere o Capitão Sheraton – ordenou, e segurando as rédeas, afastou a carruagem da igreja.

Verena recostou-se nas almofadas com os olhos fechados. Sentia como se ainda estivesse meio inconsciente, como se não pudesse compreender o que acontecera, exceto que estava salva e que suas preces tinham sido atendidas.

Giles estava morto! Não precisava se casar com ele, não tinha mais que cumprir sua promessa! Ele estava morto, e ela, livre!

O Duque conduzia os cavalos descendo a estrada, e agora, quando viraram, ela compreendeu que estavam entrando no caminho principal do Castelo e se achavam sob a sombra das tílias.

O Duque dirigiu por algum tempo, depois desviou os animais da estrada, detendo-os sobre o gramado. Como não eram puro-sangues, os cavalos abaixaram as cabeças para a grama quando ele soltou as rédeas. Assaye, que seguira a carruagem, fez o mesmo.

O Duque virou-se no assento e colocando os braços em volta de Verena, puxou-a para ele.

-Tenho que lhe agradecer de novo, fada – falou com suavidade – por salvar minha vida!

Ela estremeceu e escondeu o rosto no ombro do Duque.

-Pensei...que ele ia... matar...você – murmurou.

-Como pôde ser tão louca aponto de segui-los? – perguntou o Duque. - Compreendi o que tinha feito quando Assaye voltou sozinho. Minha corajosa e querida Verena, eles podiam ter ferido você.

-Pretendiam... me matar...Eu ia me...casar com Giles...depois íamos...para a Hospedaria do Rei onde... Hickson estava esperando...Eu sofreria...um acidente... e então, Giles poderia herdar minha...fortuna.

-Céus! – exclamou ele, mantendo-a tão apartada contra o seu corpo que ela quase não podia respirar. – O erro foi meu, Verena, você nunca devia ter se envolvido! Tudo estava planejado para amanhã. Uma falsa remessa de ouro para Dover, soldados escondidos na carruagem em lugar dos dois guardas habituais; e a prisão de Jasper e de seu primo Giles no velho moinho.

-Você sabia, então?

-Eu vi seu rosto quando Jasper entrou na sala de visitas, minha querida. Por que, meu amor, não confiou em mim?

-Achei...que ia ficar...embaraçado!

-A maldade de Jasper não podia me atingir, eu temia apenas por sua segurança! Sabia como ele podia ser cruel se descobrisse que você conhecia o seu segredo.

-Mas, você...convidou Giles...e ele...para virem ao Castelo?

-Queria ter os dois sob controle, debaixo dos meus olhos – explicou o Duque. -Eu também imaginava que o velho moinho era um esconderijo ideal para que eles ignorassem. Harry combinou tudo com o seu Coronel e os oficiais de guarda no Banco.

Fez uma pausa e acrescentou:

-Nunca vou me perdoar, ou a Harry por não nos ter informado que um verdadeiro carregamento de ouro deixara o banco esta manhã em direção a outra cidade. Foi somente quando Assaye nos levou ao moinho, que compreendemos o que tinha ocorrido.

-O ouro ia...para Canterbury.

-Assim, por estupidez, coloquei sua vida em perigo.

-Eu temia – disse ela, o rosto ainda escondido no ombro dele – que você não chegasse a tempo... de me salvar!

-Querida, se ele tivesse se casado com você, eu o teria matado antes que a tocasse.

-Ele não...estava interessado...em mim... queria apenas...a herança. Winchcombe-Winchcombe, era isso o que ele queria ser.

-Esqueça-o – ordenou o Duque. -Está tudo acabado.

Sua mão acariciou a seda suave dos cabelos de Verena.

-Por que os seguiu sozinha? – perguntou, delicadamente.

-A Princesa...é tão...bonita...-balbuciou Verena.

Imaginei que você tinha deixado a sala por causa dela – disse ele- mas, minha querida fada, não havia motivo para ter ciúmes de ninguém. Não sabe que a amo, minha adorada? E para mim, não existe outra mulher no mundo!

Puxou-a para mais perto dele.

-Quando vai se casar comigo? Tenho medo, por você, que se afaste de mim por um momento apenas.

Verena ergueu a cabeça. Ele viu o assombro nos olhos dela, depois Verena

Emariannacárcano

escondeu o rosto de novo.
-Não posso... – sussurrou – não posso... me casar com você...Eu também o amo...mas, deve compreender que...deve saber...que eu não posso...ser uma...Duquesa!
Havia uma expressão de ternura nunca vista nos olhos do Duque. Então, ele disse:
-Claro que não, você seria uma péssima Duquesa! Nenhuma dignidade, nenhuma imponência! Naturalmente, o Duque concorda que um casamento desse tipo seria impossível! Mas, existe um simples soldado, Verena, que acha você a única pessoa no mundo capaz de conversar com ele sobre duendes, gnomos, fadas e dragões.
-Oh, Leopardo – respondeu ela, estremecendo.
Após um instante de silêncio, ela perguntou:
-Eu não podia...ficar com você apenas...sem ter que casar...
A voz dela morreu lentamente em sua garganta.
-Eu teria, naturalmente, que pedir permissão ao seu tutor – replicou o Duque com os olhos brilhantes – embora esteja profundamente honrado com sua sugestão...
-Meu tutor...? Mas, meu tutor...é você!
-E como seu tutor, Senhorita Winchcombe – disse o Duque – devo declarar, categoricamente, que não daria minha permissão para um ligação que, tenho certeza, iria ultrajar a sensibilidade de todo o mundo social, exceto talvez, a de minha avó!
Verena soltou um riso abafado.
-Mas, é o mudo social...- disse – que me...amedronta tanto.
-Quero que me responda uma coisa com sinceridade – disse o Duque. -Você se casaria comigo se eu fosse pobre, sem possibilidade de melhorar minha situação?
-Claro que sim!
-E se eu não fosse um Duque, mas sim um homem sem qualquer título ou importância?
-Não está supondo que isso ia importar, não é?
O Duque suspirou.
-É muito triste, fada, descobrir que depois de tudo o que passamos juntos, você não me ama!
-Mas, eu amo! – gritou Verena. -Amo-o mais...muito mais...do que posso exprimir...em palavras!
-Então, minha tola, pequena e querida Verena – disse o Duque, abraçando-a com força – por que estamos discutindo sobre ninharias como nome, riqueza, importância social e etiqueta? Nós temos a única coisa que importa, minha querida!
Sentiu-se estremecer entre seus braços, e colocou os dedos sobre o queixo feminino, obrigando-a a erguer a cabeça.
-Não posso viver sem você, fada – murmurou ele, suavemente.
Seus olhares se encontraram por um momento. O Duque sentiu-a tremer e adivinhou que seu coração estava batendo com tanta violência quanto o dele. Então, seus braços prenderam-na, e muito devagar, como se ele quisesse

Emariannacárcano

saborear o momento, os seus lábios procuraram os dela.

Foi um beijo suave como o toque de asas de borboleta, e no entanto, Verena sentiu como se ele a tivesse erguido muito alto no céu em direção ao sol. O mundo foi esquecido.

Eram um homem e uma mulher dominados por um 6extase, livre e sem barreiras, tão bonito e espiritual, que era, por si só, sublime...

-Eu a amo! – exclamou o Duque com voz rouca. -Deus, como amo você!

-Eu também...amo...você...- sussurrou Verena.

Os lábios do Duque procuraram os dela de novo. Ele ignorava que os lábios de uma mulher podiam ser tão suaves, doces, inocentes.

Depois, quando ele a sentiu estremecer entre seus braços e soube que ela correspondia à pressão de sua boca, seus beijos se tornaram mais insistentes, possessivos, apaixonados...

Após um longo tempo, suas bocas se separaram, mas eles tornaram a se olhar, dominados por um encantamento tão adorável que seus rostos estavam transfigurados.

-Minha querida, minha adorada, meu pequeno amor, minha fada – disse o Duque afinal, e sua voz tremia.

-Leopardo! Leopardo! – sussurrou Verena.

O Duque prendeu-a entre os braços até dizer com um suspiro de felicidade:

-Quer que lhe diga, minha querida, o que planejei para nós dois?

-terei que...falar com os Juízes...sobre o que aconteceu?

-É o que pretendo evitar, querida; por isso, pretendo que nosso casamento se realize amanhã de manhã, assim que uma licença especial chegar de Londres.

-Amanhã... de manhã? – ela arregalou os olhos.

-Casaremos na minha capela particular e meu capelão realizará a cerimônia – respondeu. -E depois, enquanto Harry vai a Londres dar todas as explicações e receber as congratulações pela morte dos ladrões de ouro, você e eu partiremos tranquilamente para a costa. Meu iate está esperando no cais de Dover. Atravessaremos o Canal e começaremos nossa lua-de-mel na Bélgica.

Soube, quando um tremor percorreu o seu corpo, que ela estava entusiasmada com a ideia.

-Pensei – continuou ele – que poderíamos levar conosco não apenas a minha carruagem de viagem, mas também Salamanca e Assaye. Eu gostaria de cavalgar com você no campo de Waterloo. Você veria onde seu avô, seu pai e eu lutamos.

-Poderíamos... mesmo fazer isso?

-Claro que sim! E depois, querida, pretendo levar você a Veneza, a cidade dedicada ao amor e aos amantes. Quando voltarmos da lua-de-mel, a descoberta e morte dos ladrões de ouro, estarão esquecidos.

-Parece maravilhoso! Tão maravilhoso que sinto como se fosse um sonho! Mas, tem certeza...tem certeza... – hesitou antes de ajuntar em voz baixa – talvez, se você me ajudasse...eu poderia...ser uma boa...Duquesa!

-Eu vou ajudar – respondeu ele – mas, não estou interessado em Duquesas, somente em uma incorrigível, imprevisível, mas adorável pequena fada.

-Não acha que...será monótono...se casar comigo? – perguntou com ansiedade, lembrando-se da Princesa Muzisescu.

-Monótono! – exclamou o Duque, e seus olhos dançavam, divertidos. -Quando penso no que já fez à minha vida tranquila, ordenada e bem organizada, sinto-me apavorado ao imaginar o futuro! Estou certo de que você vai imaginar que seremos atacados por piratas ao atravessar o canal; seremos atacados por ladrões na França e Bélgica; e sem dúvida alguma, você me envolverá em uma vendeta na Itália, você atrai criminosos!

-Não é minha culpa – disse Verena, indignada. -Como pode ser tão injusto...tão...?

-Odioso é a palavra certa – cortou o Duque. -Mas, mesmo assim, eu a adoro, minha fada irresistível.

Seus lábios estavam próximos aos dela. Verena passou o braço ao redor do pescoço do Duque.

-Você é maravilhoso...Leopardo – sussurrou. -Eu sei... que vai matar...todos os dragões.

Não pôde dizer mais nada porque os lábios do Duque, autoritários e exigentes, se apossaram dos dela, total e completamente.

* * *

Fim

EmariannaCárcano

EmariannaCárcano

Digitalização: Emys 2107
Contato: emariannacarcano@gmail.com

EmariannaCárcano